

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Inês da Rocha Esteves

Lisboa, julho de 2013

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Inês da Rocha Esteves

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação do Professor Doutor José de Almeida

Lisboa, julho de 2013

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e à minha irmã o apoio, motivação e amor incondicional que ao longo dos meus 22 anos, têm feito de mim a pessoa que hoje sou. Sozinha, não teria conseguido alcançar metade dos meus objetivos pessoais e profissionais. É a eles que dirijo o meu primeiro, sincero e sentido, obrigado, muito obrigado.

Às minhas avós materna e paterna e ao meu ídolo, avô Zé, um muito obrigado.

Aos “pequeninos” da família, Gonçalo e Bruna, também os meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço à Escola Superior de Educação João de Deus, ao seu corpo docente, em especial ao Doutor António Ponces de Carvalho, e ao meu orientador, Doutor José de Almeida, por todo o apoio, orientação e disponibilidade.

À minha turma, quer da licenciatura, quer do mestrado, especialmente, às minhas queridas amigas e companheiras, Inês Silva, Raquel Capaz e Margarida Nico. Com a sua ajuda, o meu percurso académico tornou-se mais rico e feliz. Obrigada, amigas.

A todas as educadoras, professoras e funcionárias da escola onde estagiei, um obrigado pelo apoio incondicional, pelo incentivo e dado durante os dois últimos anos.

À minha segunda família, todos os atletas e treinadores da Academia de Esgrima, João Gomes, obrigada pela preocupação e sincero apoio, durante estes oito anos de esgrima.

À Inês Ataíde, Inês Parreira Hermínio, Mariana Silveira Ramos, Daniela Vicente e Alexandra Coelho, obrigada pelas confidências e pela amizade sincera e solidária.

Às professoras e amigas Linda David e Cláudia Mendes, pelo carinho e dedicação, ao longo de todo o meu percurso académico.

E, por fim, a todas as crianças da escola onde estagiei, por todos os momentos de amor, sorrisos e aprendizagem – o meu coração também vos pertence.

Índice Geral

Índice de Quadros.....	X
Índice de Figuras	XI
Introdução	1
1. Identificação do local de estágio.....	1
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio	2
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional	3
4. Identificação do grupo de estágio	3
5. Metodologia utilizada	4
6. Pertinência do estágio	5
7. Cronograma	6
CAPÍTULO 1 – Relatos diários.....	10
1.1 Secção 1 – Turma dos 3 anos	11
1.1.1 Educadora Cooperante	11
1.1.2 Caracterização da turma/grupo	11
1.1.3 Caracterização do Espaço	11
1.1.4 Rotinas	12
1.1.5 Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica.....	13
1.2 Secção 2 – Turma dos 4 anos.....	30
1.2.1 Educadora Cooperante	30
1.2.2 Caracterização da turma/grupo	30
1.2.3 Caracterização do Espaço	30
1.2.4 Rotinas	31
1.2.5 Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica	31
1.3.Secção 3 – Turma dos 5 anos.....	47
1.3.1 Educadora Cooperante	47
1.3.2 Caracterização da turma/grupo	47
1.3.3 Caracterização do Espaço	48
1.3.4 Rotinas	48

1.3.5	Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica	49
1.4.	Secção 4 – Seminário da Realidade Educativa	66
1.5.	Secção 5 – 1.º Ano de Escolaridade	67
1.5.1.	Professora Cooperante	67
1.5.2.	Caracterização da turma/grupo	67
1.5.3.	Caracterização do Espaço	68
1.5.4.	Rotinas	68
1.5.5.	Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica	68
1.6.	Secção 6 – 2.º Ano de Escolaridade	82
1.6.1.	Professora Cooperante	82
1.6.2.	Caracterização da turma/grupo	82
1.6.3.	Caracterização do Espaço	82
1.6.4.	Rotinas	83
1.6.5.	Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica	83
1.7.	Secção 7 – 3.º Ano de Escolaridade	98
1.7.1.	Professora Cooperante	98
1.7.2.	Caracterização da turma/grupo	98
1.7.3.	Caracterização do Espaço	98
1.7.4.	Rotinas	99
1.7.5.	Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica	99
1.8.	Secção 8 – 4.º Ano de Escolaridade	116
1.8.1.	Professora Cooperante	116
1.8.2.	Caracterização da turma/grupo	116
1.8.3.	Caracterização do Espaço	116
1.8.4.	Rotinas	117
1.8.5.	Relatos Diários, Inferências e Fundamentação Teórica	117

CAPÍTULO 2 – Planificações..... 130

2.1.	Descrição do Capítulo.....	131
2.2.	Fundamentação Teórica.....	131
2.3.	Planificações	136

2.3.1. Planificação do Domínio do Conhecimento do Mundo	136
2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática.....	139
2.3.3. Planificação da Área do Português	141
2.3.4. Planificação do Estudo do Meio	143

CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação..... 145

3.1. Descrição do Capítulo.....	146
3.2. Fundamentação Teórica.....	146
3.3. Avaliação da Atividade n.º 1	154
3.3.1. Enquadramento	154
3.3.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	154
3.3.3. Grelha de Avaliação	155
3.3.4. Descrição da Grelha de Avaliação.....	156
3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico.....	156
3.4.6. Análise do gráfico.....	157
3.4. Avaliação da Atividade n.º 2	158
3.4.1 Enquadramento.	158
3.4.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	158
3.4.3. Grelha de Avaliação	159
3.4.4. Descrição da Grelha de Avaliação.....	160
3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico.....	161
3.4.6. Análise do gráfico.....	161
3.5 Avaliação da Atividade n.º 3.	162
3.5.1.Enquadramento	162
3.5.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	162
3.5.3. Grelha de Avaliação	163
3.5.4. Descrição da Grelha de Avaliação.....	164
3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico.....	165

3.5.6. Análise do gráfico	165
3.6 Avaliação da Atividade n.º 4.	167
3.6.1. Enquadramento	167
3.6.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	167
3.6.3. Grelha de Avaliação	168
3.6.4. Descrição da Grelha de Avaliação	169
3.6.5. Apresentação dos resultados em gráfico	170
3.6.6 Análise do gráfico	170
Reflexão Final	172
4.1. Considerações Finais	173
4.2. Limitações	174
4.3. Novas pesquisas	175
Referências Bibliográficas	176
Anexos	191
Anexo 1	192
Anexo 2	193
Anexo 3	194
Anexo 4	195

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos três momentos de estágio.....	6
Quadro 2 – Distribuição dos quatro momentos de estágio.....	6
Quadro 3 – Distribuição das Aulas realizadas na Educação Pré-Escolar	7
Quadro 4 - Distribuição das Aulas realizadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico a)	8
Quadro 5 - Distribuição das Aulas realizadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico b)	9
Quadro 6 – Exemplo de uma Planificação de Modelo T	134
Quadro 7 – Planificação n.º 1 do Domínio do Conhecimento Do Mundo.....	136
Quadro 8 – Planificação n.º 2 do Domínio da Matemática	139
Quadro 9 – Planificação n.º 3 da Área do Português	141
Quadro 10 – Planificação n.º 4 da Área do Estudo do Meio.....	143
Quadro 11 – Escala de Avaliação	152
Quadro 12 – Tabela de parâmetros, critério e cotação.....	154
Quadro 13 – Grelha de Avaliação	155
Quadro 14 - Tabela de parâmetros, critério e cotação.....	159
Quadro 15 – Grelha de Avaliação	159
Quadro 16 - Tabela de parâmetros, critério e cotação de Estudo do Meio	162
Quadro 17 – Grelha de Avaliação de Estudo do Meio.....	163
Quadro 18 - Tabela de parâmetros, critério e cotação de Matemática.....	167
Quadro 19 – Grelha de Avaliação de Matemática	168

Índice de Figuras

Figura 1 - Gráfico circular com os resultados obtidos na atividade anterior a).....156

Figura 2 - Gráfico circular com os resultados obtidos na atividade anterior b).....161

Figura 3 - Gráfico circular com os resultados obtidos na atividade anterior c).....165

Figura 4 - Gráfico circular com os resultados obtidos na atividade anterior d).....170

Introdução

No âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I, II e III foi-me pedido que elaborasse um Relatório de Estágio Profissional sobre a o último ano de Prática Pedagógica referente ao mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este relatório engloba a descrição do meu dia-a-dia numa escola no centro de Lisboa, onde tive a oportunidade de estagiar, em primeiro lugar, na Educação Pré-Escolar e, por fim, no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este estágio foi realizado todas as semanas, às segundas, terças e sextas-feiras das 9 horas da manhã às 13 horas da tarde, exceto no período de férias escolares.

Neste, estão também englobados diversos comentários pessoais, descrições do que foi observado, inferências e ainda fundamentações teóricas.

O objetivo central da realização deste Relatório Profissional de Estágio é narrar e interpretar, fazer reflexões sobre as situações mais relevantes vividas durante o estágio e em contexto escolar, no sentido de me preparar e melhorar o meu desempenho profissional. Isto é, a encontrar estratégias face ao que possa vir a ser melhorado.

Enquanto futura Educadora e Professora, a Prática Pedagógica permite-me acumular experiência e aprender com as situações vividas, deste modo, poderei agir de forma correta e ponderada perante as crianças.

1. Identificação do local de Estágio

Durante o ano e meio de mestrado, tive a oportunidade de realizar o meu estágio profissional numa escola situada no centro de Lisboa.

Esta escola situa-se quer numa área residencial quer numa área urbana no centro de Lisboa na freguesia de Santa Isabel. Esta associação abrange três bairros da cidade: Campo de Ourique, Lapa e São Bento. A escola encontra-se situada numa avenida de grande movimento, sendo por isso uma zona de fácil acesso a meios de transporte como o metropolitano, autocarros e elétricos.

Esta escola fica também muito próximo de um dos mais emblemáticos jardins da capital, o Jardim da Estrela, onde todas as crianças podem brincar, interagir e aprender com a natureza.

Caracterizando o espaço exterior da escola, existem duas áreas de recreio, uma destinada aos alunos da Educação Pré-escolar e outra aos alunos do 1.º Ciclo e, em ambos os espaços, há escorregas para serem usados pelos mesmos. No que diz respeito ao espaço interior este é composto por doze salas, um salão, uma sala multiusos, um ginásio, uma biblioteca, uma sala de informática, um gabinete médico, uma sala de professores, um gabinete de direção, uma secretaria, um refeitório, uma cozinha, três despensas, uma sala de material de educação física, um balneário, cinco zonas de casas de banho para crianças e quatro zonas de casas de banho para adultos. Nesta Instituição trabalha uma equipa, constituída por uma diretora, seis educadoras, oito professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, quatro docentes de apoio educativo, dois professores de aulas práticas laborais, três professores de educação física, um professor de educação musical, uma professora de inglês e sete professores de atividades extracurriculares. Para além do corpo docente, esta instituição é também formada pelo corpo não-docente composto por uma funcionária administrativa, uma auxiliar de ação educativa, uma cozinheira e doze funcionárias auxiliares.

Na escola em questão, as crianças têm idades compreendidas entre os três e os dez anos de idade sendo que cada turma é composta, em média, por vinte e oito alunos. As turmas, geralmente, são homogêneas em relação à idade, ou seja, as crianças são separadas pelas diferentes faixas etárias.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

O Relatório de Estágio Profissional está dividido em três capítulos, uma introdução e uma reflexão final.

No 1.º Capítulo estão presentes os relatos diários onde são registadas as observações mais importantes, as inferências e as fundamentações teóricas devidamente fundamentadas por outros autores diversos.

No Capítulo 2, designado por Planificações, estão descritas as atividades realizadas ao longo do período de estágio. Estas planificações têm como base o Modelo T de Aprendizagem. Neste estão expostas as fundamentações científicas, explicações das metodologias e estratégias utilizadas.

No 3.º Capítulo, denominado Dispositivos de Avaliação, coloco todas as avaliações que realizei durante as aulas que lecionei nas seguintes áreas: Estimulação à Leitura e Dinamização da Leitura e Escrita, Iniciação à Matemática e Conhecimento do Mundo na Educação Pré-Escolar e Português, Matemática e Estudo do Meio no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Na reflexão final, descrevo a importância do estágio para a minha formação profissional como futura Educadora e Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração deste relatório de estágio profissional é fundamental para a minha formação como futura docente.

Ao realizá-lo pude investigar, estudar conceitos, métodos e ideias e esclarecer dúvidas alargando, deste modo, os conhecimentos na minha área de estudos. Para isto, foi-me solicitada a fundamentação de alguns conceitos de modo a sustentar e aprofundar todas as inferências apresentadas. Estas inferências surgem da descrição de situações que considere pertinentes na vivência da prática pedagógica.

Este relatório regista as experiências diárias observadas nas salas de aula, assim como as estratégias aplicadas nas aulas que lecionei. Cada narrativa é fundamentada posteriormente por um autor.

Flores e Simão (2009) designam esta abordagem na formação de professores como “abordagem realista”. (p. 42) De acordo com os mesmos, as principais características desta mesma abordagem são:

1. trabalhar com base em situações reais com as quais se confrontaram durante o ensino e que causaram preocupações ao aluno, futuro professor;
2. reflexão e interação entre os alunos futuros professores;
3. baseia-se nas experiências de cada um. (pp. 42-43)

Os aspetos atrás mencionados permitir-me-ão ser uma boa profissional.

4. Identificação do Grupo de Estágio

Ao longo da Licenciatura, o meu par de estágio foi a minha querida colega A. I. Com ela tive a oportunidade de partilhar observações e confidências, sendo também

com ela que dei as minhas primeiras aulas. Para mim, é fundamental a partilha de experiências, opiniões e ideias dentro de um grupo.

Durante o primeiro semestre do Mestrado voltei a ficar com a mesma colega, A. I. e com um elemento novo, a M. N. Durante esse período conseguimos, as três, trabalhar em conjunto, numa dinâmica equilibrada, de interajuda e ser sinceridade.

A partir do segundo semestre o grupo de estágio ficou mais reduzido ficando apenas eu com a minha colega M. N.

5. Metodologia Utilizada

A metodologia que eu escolhi e utilizei para a recolha de dados e análise durante o estágio profissional foi a observação, observação direta e participante e ainda a análise documental.

No que respeito à metodologia, este Relatório de Estágio Profissional foi realizado de acordo pelas normas da American Psychological Association, mais conhecido pelas Normas da APA.

Os dados mencionados na elaboração dos relatos diários foram recolhidos através da técnica de observação. Como Ludke e André (2008) afirmam “a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional.” (p.26) Em educação, a observação pressupõe um registo de comportamentos, atitudes e acontecimentos vividos em sala de aula, sem alterar a sua veracidade, espontaneidade e o contexto em que está inserida.

Tendo em conta que o estágio me permitiu observar os acontecimentos no tempo, momento e local em que se produzem, caracterizamos a observação feita como sendo uma observação direta. Quivy e Campenhoudt (1992) referem a observação direta como sendo “aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados.” (p. 165)

Para além deste tipo de observação, como durante o estágio me envolvi com os vários intervenientes, para além da observação direta também utilizei a metodologia da observação participante. Para Quivy e Campenhoudt (1992) e Estrela (1990), “esta observação é aquela em que o investigador/observador participa na vida do grupo estudado.” (p.32)

Para concluir, Sousa (2009) afirma que “as formas de observação que são utilizadas dependem essencialmente dos objetivos que se pretendem atingir e variam em grau de formalidade e rigorosidade, conforme o que se pretende observar”. (p. 110)

Deste modo, a ligação entre estes dois tipos de observação permitiu-me redigir este relatório.

Outro método utilizado foi a análise documental. Esta consiste nos anexos e informações que nos são dados pelos professores e educadores, como por exemplo a caracterização dos grupos/turmas, as grelhas de avaliação, propostas de trabalho, entre outros. Quivy e Campenhoudt (1998) referem que estas recolhas não podem sofrer quaisquer alterações e que a análise documental “consiste em recolher ou reunir concretamente as informações determinadas junto das pessoas ou das unidades de observação incluídas na amostra”. (p.183) Em relação à análise documental, tive ainda durante o período de estágio a oportunidade de ver alguns *dossiês* dos alunos, de modo, a verificar quais os conteúdos já apreendidos e de que forma tinham sido feitos.

6. Pertinência do Estágio Profissional

Na minha opinião, o estágio é bastante importante na nossa formação, uma vez que é um instrumento fundamental na preparação para vida de docente. No caso deste curso, onde a formação teórica é fundamental, não basta apenas aprendê-la, temos de saber aplicá-la. E é aqui que se centra a importância do estágio, porque é neste que testamos as nossas competências teóricas. O sucesso de cada estagiário, enquanto futuro profissional, não está dependente apenas da teoria compreendida durante os tempos de vida académica.

O estágio profissional é ainda essencial para a construção da identidade profissional do docente e é também neste que decorre uma aproximação das situações que ocorrem no exercício profissional.

Desta forma, o estágio profissional e a orientação presenteada pelos docentes do grupo de supervisão pedagógica nas reuniões de reflexão e de avaliação foram imprescindíveis para que a minha formação fosse um desafio de qualidade, preparando-me para um futuro profissional como educadora e professora do 1º Ciclo do Ensino Básico.

7. Cronograma de Estágio

No Estágio Profissional I, como foi referido anteriormente tive, a possibilidade de permanecer em três salas da Educação Pré-Escolar. Primeiro, estagiei na sala dos 3 anos, posteriormente na sala dos 4 anos e, por fim, na sala dos 5 anos. Estes diferentes períodos de estágio podem ser observados de seguida no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição dos três momentos de Estágio

Grupo dos 3 anos A		Grupo dos 4 anos A		Grupo dos 5 anos A	
26 de setembro de 2011	4 de novembro de 2011	7 de novembro de 2011	17 de novembro de 2011	2 de janeiro de 2012	10 de janeiro de 2012

Mais tarde, será apresentado um cronograma (Quadro 3) sobre a Educação Pré-Escolar onde vai constar o número de aulas que observei, as aulas programadas para a educadora cooperante, não só as manhãs obrigatórias como também outras atividades desenvolvidas, as aulas surpresa da educadora cooperante e as aulas surpresa da equipa de supervisão de prática pedagógica, as reuniões assistidas sobre a prática pedagógica, a semana (seminário) de estágio intensivo e por fim, as horas e pesquisas dedicadas à realização deste relatório referentes a este período de estágio.

Na educação destinada ao 1.º Ciclo, comecei a estagiar no 1.º ano do Ensino Básico, em seguida foi para o 2.º ano A, posteriormente para o 3.º ano A e, por fim, o 4.º ano A.

Quadro 2 – Distribuição dos quatro momentos de estágio

1.º Ano A		2.º Ano A		3.º Ano A		4.º Ano A	
5 de março	27 de abril	30 de Abril	22 de junho	25 de Setembro	16 de novembro	19 de novembro	25 de janeiro

Posteriormente será apresentado os cronogramas sobre o período de Estágio Profissional II e III referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, onde estarão expostas o número de horas de aulas dadas por mim, as aulas observadas, as aulas surpresas feitas quer pela supervisão da prática pedagógica quer pelas professoras titulares de turma e por fim, o tempo dedicado a pesquisas e à realização deste relatório.

Quadro 3 – Distribuição das Aulas realizadas na Educação Pré-Escolar

Meses	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				Fevereiro				T. Horas
<div>Semanas</div> <div>Atividade</div>	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Aulas observadas																									180h
Aulas programadas																									16h
Aulas Surpresa																									1h15m
Reunião de P. Pedagógica																									3h
Semana de Estágio Intensivo																									24h
Pesquisas Bibliográficas																									280h
Elaboração do Relatório																									320h
TOTAL = 824h 15m																									

Quadro 4 – Distribuição das Aulas realizadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico a)

Meses	março				Abril				Maio				junho				T. Horas
<div> <div>Semanas</div> <div>Atividade</div> </div>	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Aulas observadas																	180h
Aulas programadas																	14h
Aulas Surpresa																	20m
Reunião de P. Pedagógica																	4h
Pesquisas Bibliográficas																	300h
Elaboração do Relatório																	250h
TOTAL = 748h 20m																	

Optei por dividir o cronograma com a distribuição das aulas realizadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico por semestres. O quadro anterior faz referência ao 2.º Semestre e o próximo irá referir-se ao último período de estágio profissional.

Tornou-se, deste modo, mais fácil para mim, a elaboração de duas tabelas com a informação sobre a distribuição das diversas actividades realizadas.

Quadro 5 – Distribuição das Aulas realizadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico b)

Meses	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				T. Horas
<div>Semanas</div> <div>Atividade</div>	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Aulas observadas																					168h
Aulas programadas																					18h
Aulas Surpresa																					1h
Reunião de P. Pedagógica																					3h
Pesquisas Bibliográficas																					270h
Elaboração do Relatório																					290h
TOTAL = 750h																					

Capítulo 1

Relatos Diários

1.1. Secção 1 – Estágio no grupo dos 3 anos

1.1.1. Educadora Cooperante

A educadora da turma dos 3 anos A é identificada com a letra M. ao longo deste relatório.

A educadora titular de turma tirou em primeiro lugar a licenciatura em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação João de Deus e, mais tarde, decidiu realizar o mestrado na mesma instituição.

Como educadora da turma em questão, a M. é uma excelente profissional, não só com os seus alunos como também com as estagiárias que recebe na sua sala. Faz questão de explicar tudo e de nos dar a sua opinião em diversas situações. Com os alunos estabelece uma ligação afetiva: é amiga mas, ao mesmo tempo, transmite todos os conhecimentos supostos.

É, sem sombras de dúvida, um modelo a seguir, não só como profissional mas também como ser humano!

Segundo Cordeiro (2008), “as educadoras devem ser logo referidas pelo nome próprio, como se de velhas amigas se tratassem, a fim de criar empatia.” (p. 362)

É importante também que a relação que os encarregados de educação têm com a educadora seja de confiança, para que haja partilha de informação sobre os alunos, de modo a que a educadora tenha o máximo de informação sobre a sua turma.

1.1.2. Caraterização da Turma/Grupo

O grupo do Viveirinho A é constituído por vinte e oito crianças, das quais catorze são do género masculino e catorze do género feminino.

No mês de setembro entraram na escola seis crianças ainda com 2 anos de idade.

Por vezes, demonstram dificuldades na perceção das tarefas a desempenhar, assim como em todas as rotinas diárias da sala dos 3 anos e na escola.

A maioria revela pouco autonomia e uma grande dependência do adulto nas idas à casa de banho, na hora de refeição, em vestir, despir, entre outras.

1.1.3 Caraterização do Espaço

Os alunos dos 3 anos passam a maior parte do seu tempo na sala. Essa tem ligação com o *hall* de entrada, passagem para a outra sala da turma B, uma ligação para um

espaço exterior e ainda para uma mini biblioteca que existe num compartimento dentro da sala de aula.

Dentro da sala de aula da turma A, existem cinco mesas com a forma hexagonal, roupeiros com gavetas destinadas a cada aluno, um *placard* grande onde a educadora costuma fazer desenhos e fixá-los, um tapete próprio para a leitura de histórias e duas zonas para brincar. Dentro da sala existem vários móveis presos às paredes que servem para guardar diversos tipos de materiais.

Zabalza (1998a) afirma que a “forma como organizamos e utilizamos o espaço físico da aula constitui (...) uma mensagem curricular pois “reflete o nosso modelo educativo.” (p. 124)

Este espaço tem muita luz natural graças às janelas que se encontram na sala de aula. Relativamente à decoração deste espaço, todas as paredes tem pinceladas com cores frescas, o que dá um ar mais colorido e alegre à sala. A porta de entrada para a sala dos 3 anos está sempre decorada.

1.1.4. Rotinas

Todos os dias é realizado o acolhimento dos alunos no salão ou no recreio. Para os que chegam mais tarde, o acolhimento é realizado na sala de aula. Geralmente, este é realizado no recreio, somente em dias de chuva e frio é que os alunos são recebidos no salão do Jardim-Escola. Neste, todos os docentes reúnem-se numa roda, onde, por volta de 15/20 minutos cantam músicas infantis com as crianças.

Esta roda é constituída por todos os alunos do Jardim-Escola e respetivos professores e educadores, através de uma disposição específica: no centro da roda ficam as crianças mais novas, as dos 3 anos, depois ficam as crianças dos 4 anos e consoante a idade/anos de escolaridade aumenta, também a roda alarga.

A seguir à roda, as crianças da turma dos 3 anos dirigem-se para a sala da Educadora P. para ouvirem uma história ou então para falarem sobre as suas vivências e logo depois dirigem-se à casa de banho. As crianças vão sempre à casa de banho de manhã, antes do almoço e antes da sesta.

A meio da manhã, depois das atividades, a turma tem direito a um pequeno lanche que varia entre as bolachas e pão com manteiga. No final destas atividades, as crianças vão brincar para o recreio, ou em dias mais frios, ficam na sala a brincar.

Segundo Cordeiro (2008):

Para as crianças de 2/3 anos que frequentam o Jardim de Infância, há vários momentos que fazem parte de uma estruturação mais global. Num infantário há uma sequência lógica das atividades e o programa só fica completo se não se falharem as diversas fases. (p. 370)

E de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) “uma rotina que é educativa (...) planeada pelo educador (...) é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo liberdade de propor modificações”. (p. 40)

Relativamente ao horário da turma onde estou inserida, as crianças desta idade realizam atividades orientadas no âmbito do Conhecimento do Mundo, da Estimulação à Leitura e Domínio da Matemática. Para além destas práticas também realizam atividades no âmbito da Educação Física, da Educação Musical e Informática/Biblioteca.

1.1.5. Relatos Diários

26 de setembro de 2011

Neste dia houve uma reunião sobre a prática pedagógica no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus onde foram abordados temas relacionados com o Estágio Profissional.

Esta reunião serviu para falarmos do novo ano letivo, do estágio a realizar e, como tal, tivemos de escolher as nossas colegas de estágio e o local para o realizar.

Como parceiras de estágio, fiquei com a minha colega A. I. e com a M. N.

Inferências e fundamentação teórica

Segundo Alarcão e Tavares (1987):

Entendemos supervisão como o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional. Depreende-se desta noção que a supervisão tem lugar num tempo continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo. Tem um objetivo: o desenvolvimento profissional do professor. E situa-se no âmbito da orientação de uma ação profissional; daí chamar-se-lhe também orientação da prática pedagógica. (p.197)

Para nós estagiárias, é importante o retorno de pessoas mais experientes, pois são elas que nos ajudam a melhorar a nossa maneira de dar aulas.

Segundo Alarcão e Tavares (2003, citado por Durão, 2010):

Existe um conjunto de actividades que são fundamentais ao acto supervisivo e que passam por estabelecer um bom clima afectivo-relacional: criar condições para que o formando se desenvolva humana e profissionalmente; desenvolver o espírito de reflexão, auto-conhecimento e inovação; criar condições para que o aluno estagiário desenvolva e mantenha o gosto pelo ensino; planificar e avaliar o processo ensino-aprendizagem e definir os planos de acção a seguir; identificar os problemas e as dificuldades que surgem; estabelecer estratégias e procedimentos; observar, analisar e interpretar os dados observados; avaliar o processo e definir o novo plano de acção a seguir. (p.29)

É importante que sejam criadas as condições para que a relação entre o aluno estagiário e o seu professor seja boa, pois vai ser este que, ao longo de todo o estágio, o vai auxiliar a esclarecer todas as dúvidas.

27 de setembro de 2011

Neste dia, todas as estagiárias do Mestrado se reuniram no refeitório da escola para falarem com a diretora da mesma. Nesta pequena reunião, a diretora falou-nos do período de tempo que iríamos permanecer em cada sala e das alterações que tinham sido feitas, relativamente às educadoras/professores.

Após as apresentações, eu e as minhas colegas dirigimo-nos para a sala dos 3 anos: as duas turmas estavam juntas na sala da educadora P., que estava a contar a história: *“Urso Amarelo”*.

Por volta das 10h30m apareceram na sala da turma A a professora L. e a professora I., de computadores e de biblioteca, respetivamente. A primeira levou metade dos alunos para a aula de informática, onde os alunos puderam trabalhar as formas geométricas. Com o rato, as crianças tinham de clicar em cima de uma forma geométrica e arrastá-la para cima de uma figura geométrica igual, acabando não só por exercer a motricidade fina como a capacidade óculo-manual.

Quando regressaram à sala, a educadora M. dramatizou a história do *“Capuchinho Vermelho”* e, à medida que ia dramatizando, pediu às crianças que a imitassem.

Inferências e fundamentação teórica

O primeiro contato com as crianças é fundamental. É extremamente necessário que elas gostem de nós e se sintam seguras ao nosso lado, porém, sendo elas crianças muito pequenas, nós adultos devemos conquistar a amizade e a confiança das mesmas. Segundo

Belchior (2004), “o primeiro momento, ou seja, o de acolhimento, consiste essencialmente em realizar uma conversa participada e animada com todas as crianças.” (p.112) A primeira ação que temos com as crianças pode ditar e influenciar o nosso desempenho durante o tempo em que estivermos com esse grupo.

Neste dia, tivemos também a oportunidade de assistir a uma aula de informática. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a utilização dos meios informáticos, a partir de Educação Pré-Escolar, pode ser desencadeada de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código informático, cada vez mais necessário.” (p.74) Através dos computadores, as crianças trabalham, não só os conhecimentos científicos, como a destreza, a motricidade fina e, neste caso específico, a lateralidade.

30 de setembro de 2011

Hoje é dia de ginástica com a professora L. e, como tal, a educadora M. formou um comboio, onde os alunos tinham como objetivo desapertarem os botões do bibe do colega da frente para se dirigirem então para a aula da ginástica. No ginásio, a professora L. trabalhou com a turma a lateralização. Logo depois da aula de ginástica, os alunos tiveram aula de música com o professor P.V. Assim que essa terminou, eu e as minhas colegas de estágio fizemos a dramatização da história dos “*Três Porquinhos*”.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar de ainda ser considerada por muitos uma atividade “menos importante”, acho que é fundamental, nesta idade, as crianças desapertarem os botões porque, ao fazerem-no, estão a trabalhar a motricidade fina, importante para algumas tarefas úteis durante o dia-a-dia. Segundo Desmond Morris (2011), “a criança em idade pré-escolar tem de ser colocada em contextos em que a destreza manual é indispensável (...) Atividades como desenhar, pintar, contar, enfiar contas num fio, despejar líquidos e puzzles ajudam a melhorar a coordenação manual.” (p. 34)

Principalmente nesta idade, é fundamental desenvolver estas capacidades, pois quanto mais cedo for desenvolvida, mais cedo se tornam autónomos nesta atividade. Através destas pequenas tarefas, a criança da Educação Pré-Escolar vai ganhando alguma autonomia, como afirma Mogilka (1999, citado por Silva, 2009), “a vontade da criança

em ser autónoma inicia-se no processo de construção da autonomia, que irá ser desenvolvido entre dois pólos: o da vontade da criança e o das limitações que lhe são impostas, entre a liberdade e a autoridade.” (p.4) A autonomia deve ser trabalhada desde muito cedo porque levará, mais tarde, à responsabilidade, outra característica fundamental.

3 de outubro de 2011

Hoje, os alunos da turma A tiveram uma aula de materiais: os Blocos Lógicos. Nesta, a professora focou-se em dar as formas geométricas e rever as cores aperfeiçoando e testando os conhecimentos dos seus alunos sobre estes temas.

Mais tarde, os alunos foram para o recreio, e assim que este terminou, a M. contou a história “*Pedro no parque*”. Após esta atividade, os alunos sentaram-se à mesa e realizaram um exercício de expressão plástica sobre a estação do ano, o outono.

Inferências e fundamentação teórica

Foi muito vantajoso ver as crianças dos 3 anos realizarem, pela primeira vez, uma proposta de trabalho relacionada com a Expressão Plástica. Todos os passos que davam para a concretização da mesma era feita com um carinho especial, muito caracterizante desta faixa etária. Percebeu-se que esta atividade foi feita com muito agrado por parte dos alunos. Para Cardoso e Valsassina (1988):

A arte plástica infantil é essencialmente uma linguagem que, praticada nas devidas condições, ajudará a criança no seu natural desenvolvimento, a encontrar o equilíbrio, por meio de uma série de experiências sensoriais e intelectuais. (...) A educação pela arte parte assim da espontaneidade e permite à criança encontrar a sua *linguagem plástica*. (p. 69)

Neste dia, tive a oportunidade de brincar com as crianças no recreio. Como afirma Hohmann e Weikart (1997), “os adultos juntam-se à brincadeira das crianças e ganham uma compreensão maior sobre os interesses e capacidades que elas possuem.” (p. 432)

Aqui observei os comportamentos das crianças ao ar livre, quais as suas brincadeiras e quem já tem amigos enraizados. “Ao ar livre as crianças têm espaço para correr, saltar, atirar, baloiçar, escavar e andar de bicicletas, triciclos ou outros “meios de transporte”. As suas brincadeiras de faz-de-conta abrangem toda a área de exterior (...)”

(p.433) Para além disso, as crianças “examinam os ambientes naturais, ganham um sentido das redondezas próximas e experimentam a mudança das condições atmosféricas e das estações do ano.” (p.432) Foi, sem dúvida, muito gratificante ter brincado livremente com as crianças no recreio.

4 de outubro de 2011

Hoje, as atividades da turma A eram apenas duas. A primeira consistia numa proposta de trabalho que continha um desenho de um boneco feito com formas geométricas. O objetivo era cortar, com a tesoura, bocados de papel de lustro e depois colá-los apenas no círculo que compunha o boneco.

A segunda atividade do dia foi a aula de ginástica com a professora L. Nesta, a professora voltou a fazer exercícios de lateralização, desta vez com o auxílio de uma bola.

Inferências e fundamentação Teórica

Neste dia, a educadora M. decidiu dar, pela primeira vez, uma aula em que os seus alunos utilizassem a tesoura. O resultado foi interessante, podendo constatar que a maior parte dos alunos sabia utilizar a tesoura, colocando os dedos de forma correta. Porém existiam outras crianças que tiveram alguma dificuldade em utilizar este objeto, pedindo muito o auxílio da educadora e das estagiárias. Para Blanchard (2000):

Não se ensina a cortar assim como não se ensina a andar. É uma coisa que surge espontaneamente (...) (p. 7) O pequeno de 3 anos têm possibilidades infinitamente mais reduzidas, o seu equilíbrio ainda não é estável, tem gestos impulsivos de bebé e a sua visão do mundo limita-se aos pormenores. (p. 8)

Contudo, é necessário que haja um cuidado extremo quando se utiliza este material pois é preciso ter muita atenção aos alunos e aos perigos que uma tesoura pode trazer. Para além da tesoura, os alunos tiveram de colar os pedaços de papel que tinha recortado. Como afirma Young (2010), “a melhor cola para papel é a de *stick* (...). Deverá ensiná-la a dosear a cola necessária e aplicá-la no sítio certo.” (p.20) É bastante relevante que o primeiro contato com novos materiais seja feito com uma supervisão reforçada por parte da responsável de turma.

7 de outubro de 2011

Hoje, às 9h30m, os alunos de ambas as turmas dos 3 anos dirigiram-se para a sala da educadora P. para assistirem à dramatização, realizada por mim e pelas minhas colegas de estágio. A história escolhida para a dramatização foi “*A Carochinha e o João Ratão*”.

Depois da dramatização, os alunos da educadora M. encaminharam-se para a sua sala e sentaram-se às mesas para realizar uma proposta de trabalho: picotagem. Os alunos tinham de picotar duas retas: primeiro a de cima, da esquerda para a direita e depois a segunda reta da mesma forma.

Inferências e fundamentação teórica

O facto de ter um momento meu com as crianças é muito gratificante porque, para além de conhecer melhor os alunos, a cumplicidade aumenta e durante as dramatizações isso é visível. Este é, sem dúvida, um dos momentos que mais aprecio. Para Sousa (1980):

A Expressão Dramática é um dos meios mais valiosos e completos da educação. (...) Em relação à criança, ajuda-a eficazmente no seu processo de desenvolvimento bio-psico-socio-motor, pondo em jogo a sua expressividade, a sua criatividade e a sua consciência de valores, ao mesmo tempo que a ajuda na sua relação social (...) Toda a atividade expressiva e criativa desenvolve-se a partir da capacidade de imaginação e de pensamento da criança. (p. 9)

Para além de os divertirmos durante a dramatização, esta traz também outros benefícios que ajudam a desenvolver capacidades intelectuais nas crianças. Na minha opinião, a dramatização é um dos melhores métodos para aprender brincando.

Outro momento importante que aconteceu neste dia foi a picotagem. Este exercício é fundamental porque desenvolvem inúmeras capacidades e destrezas nas crianças.

10 de outubro de 2011

Hoje, pela primeira vez, a turma A realizou um ditado gráfico. O objetivo deste era desenhar o que a educadora pedia: uma criança, um cão e uma árvore. A educadora escolheu uma história que já tinha contado e leu a primeira página do mesmo, para que

eles pudessem realizar a proposta de trabalho pretendida. Depois de desenharem, os alunos coloriram o desenho.

Mais tarde, depois do recreio, a educadora M. deu uma aula sobre o Quim Visual da cor através do 1.º Dom de *Froebel*. Através deste material, para além de rever as cores, a educadora trabalhou também a lateralização com os seus alunos. É de referir que, para dar as cores, a educadora falou do Pai Natal (tema escolhido pelos alunos), nomeadamente da cor encarnada.

Inferências e fundamentação teórica

A Introdução à Matemática, principalmente nas idades em crianças da Educação Pré-Escolar, deve ser feita de maneira dinâmica. Como tal, penso que a introdução de materiais como os Dons de *Froebel* são uma boa ajuda na aprendizagem de conhecimentos matemáticos nestas idades. Segundo Caldeira (2009), “os Dons são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias.” (p. 241) Através deste material estruturado os alunos, para além das diversas construções que realizam, podem também desenvolver contagens e mais tarde cálculos.

11 de outubro de 2011

Hoje, a minha colega de estágio A.I. deu uma manhã de aulas cujo tema original era o vestuário.

Ela iniciou a aula ensinando uma nova música que falava sobre dar os bons dias a todas as pessoas e, logo de seguida, deu aula de Estimulação à Leitura, lendo o livro “*O que devo vestir?*”. No domínio de Conhecimento do Mundo, a minha colega apresentou quatro cartolinas, cada uma a representar uma estação do ano, e em cada cartolina havia a imagem de uma menina. O objetivo era vestir a menina consoante a estação do ano.

Relativamente à aula de Iniciação à Matemática, falou sobre quantidades e sequências. Depois de terminada a aula de Iniciação à Matemática, a A. I. leu um livro que uma aluna trouxera de casa “*Oh não!*”.

Inferências e fundamentação teórica

A aula da minha colega foi bem-sucedida, ela conseguiu obter a atenção de todos os alunos, através dos recursos didáticos que levou. Segundo Chamorro (2003, citado por Alves & Morais, 2006) “os recursos didáticos são os meios que o professor utiliza para ensinar, dentro e fora da sala de aula, ou seja, como apoio à sua leção”. (p.336) Através destes materiais, as aulas tornam-se mais entusiasmantes e motivadoras fazendo com que os conhecimentos sejam bem apreendidos.

14 de outubro de 2011

Hoje foi o dia de eu dar uma manhã de aulas. Comecei a aula ensinando uma música do CD “*Panda vai à Escola*”. De seguida li duas pequenas histórias (junção das duas) “*Os nossos corpos são todos diferentes*” e “*Somos todos diferentes*”. Ambas falavam dos contrastes: alto/baixo, magro/gordo, entre outros e, à medida que a ia lendo, ia pedindo a dois alunos para virem para ao pé de mim, para que eu pudesse falar concretamente das diferenças que existem nas diversas pessoas.

Depois de ler as histórias, e antes de entrar no domínio do Conhecimento do Mundo, formei uma roda para cantar com a turma a música: “*Cabeça, ombros, joelho e pés*” e ainda, a pedido das crianças, a música “*Bater as palmas*”. Em seguida, voltei a sentá-los para lhes falar do nosso corpo e das inúmeras atividades que podemos fazer com ele. Durante esta aula pedi a colaboração da turma pedindo aos alunos para dramatizar várias situações que podemos fazer com o nosso corpo por exemplo piscar o olho, dar estalinhos com os dedos, bater as palmas, cozinhar, nadar...

Na Iniciação à Matemática, distribuí pelas mesas bonecos feitos de formas geométricas e de várias cores para conseguir trabalhar, com a turma, as formas geométricas e as cores.

Inferências e fundamentação teórica

Segundo Antunes (2007), a aula “é uma situação de aprendizagem, desenvolvida em espaços diferentes e na qual se fazem presentes um ou mais professores que, dominando fundamentos epistemológicos, ajudam os seus alunos a aprender.” (p.22)

Esta foi a minha primeira aula do presente ano letivo e, como tal, adorei dá-la. O contato que temos com a criança é de uma aproximação incrível e sentir que estamos a desenvolver as aprendizagens dos alunos é muito motivador.

A área curricular que mais gostei de dar foi a Iniciação à Matemática. Segundo Serrazina (2005, citado por Caldeira, 2009) “a matemática deve ser ensinada desde o pré-escolar, para combater o insucesso.” (p.140)

O material não estruturado que levei, despertou muita curiosidade nos alunos, querendo brincar e mexer com o mesmo. De acordo com o Ministério da Educação (1999, citado por Caldeira, 2009), “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão normalmente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar a necessidade de exploração, experimentação e manipulação.” (p.225) Os materiais são, assim, uma grande ajuda para a aquisição de conhecimentos matemáticos.

17 de outubro de 2011

Neste dia, a minha colega de estágio M.N. deu uma aula sobre o 5 Sentidos.

Durante a manhã, ela interligou todas as Domínios Disciplinares (Conhecimento do Mundo, Estimulação à Leitura e Iniciação à Matemática) num único tema. Ao falar da visão, mostrou uns óculos, do tato passou pela turma formas geométricas com diferentes texturas, ao falar da audição falou sobre as pessoas surdas, no paladar deu a experimentar sal e açúcar e, por fim, no olfato deu a cheirar vários sumos nomeadamente de morango, limão entre outros.

A meio da manhã, os alunos tiveram aula de informática com a professora L. e aula de biblioteca com a professora I., onde esta lhes contou uma história e os deixou ler e ver os livros livremente.

Inferências e fundamentação teórica

A aula da minha colega foi toda interligada, não havendo assim nenhum domínio curricular específico. Assim sendo, a minha colega fez, durante toda a manhã, a interdisciplinaridade sobre o tema dado. Na minha opinião é fundamental que, durante as aulas, se faça a ligação dos diversos domínios curriculares, de modo a aperfeiçoar e testar os conhecimentos da turma. Pombo e Levy (1994) afirmam:

que a interdisciplinaridade deverá então entender-se como qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum” (p.13)

Nesta manhã, os alunos dos 3 anos tiveram biblioteca. Segundo Teberosky e Colomer (2003), a biblioteca é por excelência “um espaço apropriado, com algum conforto, luminosidade, silêncio e recursos materiais para a leitura.” (p.31) Nesta, os educadores estimulam o interesse das crianças na leitura e no mundo de fantasia. Magalhães (2008, citado por Jorge, 2010) afirma que “oferecer aos mais pequenos, de modo cumulativo e coordenado, condições para que adquiram efectiva capacidade de ler é um dos desafios maiores que actualmente se coloca aos agentes responsáveis pela educação.” (p.36) Como afirma ainda Young (2010), “é importante que deixe a criança descobrir que os livros podem ser sinónimos de diversão.” (p.48) Assim é fundamental que a criança tenha o direito e o dever de descobrir o interior de um livro sozinha.

18 de outubro de 2011

Hoje, os alunos da educadora M. tiveram uma aula de Iniciação à Matemática sobre conjuntos. A educadora fez a linha de fronteira com fita-cola no tapete e explicou o significado dessa linha para, seguidamente, explicar que, dentro de um conjunto, existiam objetos (elementos) com características em comum. Para isto, a educadora exemplificou um conjunto com os brinquedos dos seus alunos e com os próprios alunos.

Ao terminar, a aula as crianças foram lanchar para, em seguida, calçarem as sapatilhas de ginástica para puderem realizar a aula da professora L. Quando as crianças regressaram da ginástica, calçaram os sapatos e arrumaram as sapatilhas dentro de uma caixa apropriada.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha opinião é fundamental impor nas crianças o sentido de responsabilidade, começando com pequenas tarefas, como o ir colocar as sapatilhas na caixa apropriada. Segundo Cunha (1996), “um dos objetivos mais característicos do movimento de “formação do carácter” é a devolução ao professor do seu papel tradicional de educador

moral (...) se os professores não assumirem claramente este papel, os alunos nunca poderão ser atingidos de modo integrado e equilibrado.” (p. 37)

As crianças começam a sentir-se importantes e começam a ser responsáveis, à medida que executam pequenas tarefas.

21 de outubro de 2011

Hoje, o dia prendeu-se com três atividades: a dramatização da história “*Caracolinhos Dourados e os Três Ursos*”, realizada por mim e pelas minhas colegas de estágio, na qual interagimos com os alunos das duas turmas. Quando terminámos a dramatização, a educadora M. mandou-me ler a história “*Dona Ervilha corre o Mundo*”. A aula surpresa não correu como esperado contudo, e depois de não ter completado a leitura do livro, fiz uma roda com as crianças onde cantámos algumas músicas sugeridas pelos mesmos.

A última atividade foi dada pela educadora e constava de uma aula de materiais o 3º Dom de *Froebell*. Nesta, a educadora ensinou a abrir e a fechar a caixa, ensinou a pegar no material e deu a noção de cubo. Depois de ter dado estas noções, a educadora M. fez duas construções: o muro baixo e o muro alto.

Inferências e fundamentação teórica

A minha aula surpresa não correu bem, as expetativas que tinha não foram concretizadas. Como afirma Spodeck e Saracho (1998),

as crianças não são adultos em miniaturas e não devemos esperar que se comportem como tal. Os professores devem desenvolver expectativas razoáveis quanto ao comportamento infantil. Não devemos esperar que as crianças pequenas, por exemplo, fiquem sentadas em silêncio ou prestem atenção por longos períodos de tempo. (p.158)

A aula de materiais correu muito bem. Os alunos sentiram-se ligados ao material e sentiram gosto ao manipulá-lo. O modo como a educadora deu a aula foi também muito importante, porque conseguiu, desde o primeiro minuto, cativar os alunos fazendo com que eles sentissem curiosidade sobre o tema. Para Caldeira (2009), “as construções

podem ser exploradas através de uma história ou de uma situação problemática isolada.” (p. 255)

A educadora transmitiu *suspense* e fantasia à medida que a aula decorria, devido à introdução e à história que contou, permitindo assim que a aula corresse muito bem.

24 de outubro de 2011

Hoje, a educadora M. pediu-me, novamente, para ler uma história “*Elmer e a cobra*”. Desta vez, a aula surpresa correu bem pois consegui manter a calma e entreter os alunos à medida que ia contando a história.

Mais tarde, a educadora M. deu uma aula sobre o *Cuisenaire* sendo esta a primeira vez que os alunos o deram. Nesta, a educadora relembrou a noção de cubo através da peça branca e pediu aos alunos que descobrissem as diferenças das peças, nomeadamente a cor e o tamanho. Em seguida, realizaram uma proposta de trabalho que tinha o algarismo 1 desenhado em grande. Inicialmente, os alunos passaram com o dedo indicador pelo algarismo e depois, fazendo conforme a educadora aconselhou, desenharam um ouriço-cacheiro a partir do algarismo.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha segunda aula surpresa consegui aplicar as sugestões que me tinham sido dadas pela educadora na minha primeira aula surpresa. Com isto, consegui superar as minhas dificuldades, tendo sido o resultado da aula muito diferente do da primeira.

A aula de *Cuisenaire* despertou nos alunos uma curiosidade total, todos queriam saber que material estava dentro da caixa, todos queriam manipulá-lo e todos queriam responder às perguntas que a educadora questionava. De acordo com Paulus (1998):

Este material, como qualquer outro, não resolve em si as dificuldades dos alunos. (...) Neste contexto, o material é um apoio fundamental. (...) Seria pena condená-lo à exploração livre e rudimentar por crianças da idade do Jardim de Infância, só porque os Educadores de Infância e os professores do Ensino Básico deixaram de saber trabalhar com ele. (pp. 7-8)

O material *Cuisenaire* permite que a criança aprenda, de uma maneira mais lúdica alguns conceitos matemáticos.

Outra atividade que gostei de assistir foi à realização da proposta de trabalho em que os alunos ao mesmo tempo que desenhavam, aprendiam conteúdos matemáticos. Segundo Moreira e Oliveira (2003), “as experiências matemáticas que se proporcionam às crianças na Educação Pré-Escolar são fundamentais para o seu crescimento matemático, não só em termos dos futuros conhecimentos escolares (...).” (p.57)

Mais uma vez, consegui ver a interdisciplinaridade que a educadora realizou nesta tarefa.

25 de outubro de 2011

Neste dia, a minha colega A. I. deu a sua segunda aula, desta vez sobre a Higiene. A minha colega começou a sua aula lendo uma história num livro grande sobre a higiene; à medida que ia lendo, ia pedindo aos alunos para colarem imagens correspondentes ao que estava ler. Posteriormente e já no Domínio do Conhecimento do Mundo a minha colega levou um nenuco, banheira de plástico, entre outros materiais, para que os alunos lavassem o boneco e assim perceber que a higiene é algo que todos devemos ter.

Relativamente à Iniciação à Matemática, a A. I. levou um papel de cenário que tinha desenhado dois meninos a tomarem banho e, colocou dois arcos no chão para fazer de fronteiras a dois conjuntos. O objetivo era colocar bolas de uma determinada cor num dos conjuntos para depois colarem no papel de cenário para fazer de bolas de sabão.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito da aula da minha colega de estágio. Sinto que houve uma evolução da sua última aula para esta. Sentiu-se mais confiante e, como tal, a aula correu-lhe melhor. Contudo, há sempre algo a melhorar e, no caso da minha colega, deve tentar projetar melhor a voz e fazer com que as regras estabelecidas no início da aula sejam cumpridas.

Na aula de Domínio da Linguagem Oral, gostei do facto das crianças terem de interpretar as imagens consoante o excerto do texto lido, ou seja, quando a minha colega lia, os alunos tinham de ir buscar as imagens correspondentes, interpretando assim todas as imagens. Como se afirma nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “há formas de leitura que podem ser realizadas pelas crianças, como interpretar imagens ou gravuras de um livro ou de qualquer outro texto, descrever gravuras (...).” (p.71)

Relativamente à última área curricular, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), definem os conjuntos como “agrupar objectos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido, a cor, a forma, etc., reconhecendo as semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto.” (p.74) Neste caso, a A.I. utilizou bolas como objetos.

28 de outubro de 2011

Hoje os alunos da turma A tiveram uma aula de Iniciação à Matemática. A educadora começou por mostrar uma caixa transparente com porcos e passarinhos que, posteriormente, foram distribuídos pelas mesas. Nesta aula, as crianças tinham de ouvir a quantidade de vezes que a educadora batia palmas e tinham que ir buscar o mesmo número de peças. Em seguida, a educadora pediu a um dos alunos para bater as palmas e os restantes alunos tinham de ir buscar esse mesmo número de peças.

Depois desta aula, a educadora M. pediu a minha colega M. N. para contar a história “*Marley! O cão traquinas*. Assim que terminou de contar a história e, depois do lanche, os alunos tiveram aula de música com o professor P. V. Seguidamente, e a pedido da educadora a minha colega A.I. leu a história “*Barriguinha*”.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso da aula com os materiais não estruturados, pois a partir de uns simples bonecos, a educadora conseguiu trabalhar com os seus alunos diversos conteúdos matemáticos. Como afirma Neves (s. d.), para que “as aprendizagens aconteçam na criança ao longo do seu percurso educativo, devem ser-lhe proporcionadas uma variedade de experiências, de actividades e materiais, para que ela possa de uma forma livre, espontânea e mais tarde estruturada, fazer na realidade aprendizagens significativas.” (p.17) O facto de a educadora utilizar o som das palmas permitiu trabalhar nas crianças as sensações e ainda a noção de correspondência entre o som e o número de objetos que tiraram.

Durante a aula de música com o professor P.V. pude constatar a ótima relação que este tem com os alunos. É importante que os alunos vejam na música uma forma de aprendizagem, que pode ser feita não apenas e só pela música.

Segundo Amaral (2004), “a expressão musical é uma forma de saber que articula imaginação, razão e emoção. (...), a sala de Expressão Musical seja um local de vivências, de troca de experiências, de espetáculo e consequentemente de aprendizagens.” (pp. 48 - 49)

Para mim é fundamental que a relação professor/aluno seja saudável para que o aprofundamento dos conhecimentos científicos seja retido de forma mais agradável, sendo muitas vezes essa aprendizagem feita através, claro da música, mas de trocas de experiências vividas por ambas as partes.

31 de outubro de 2011

Hoje, dia das bruxas, não se realizou a roda dos cânticos. Em vez disso, os alunos puderam desfrutar de um intervalo prolongado e, por isso, por volta das 9h30m.

Neste dia dei aula às duas turmas e, como tal, comecei por ler a história “*Camila celebra o Natal*”, interligando o tema da família com o Natal. Enquanto contava a história, ia falando da família, consoante as personagens e os graus de parentesco que surgiam na história.

Mais tarde, fiz uma roda e ensinei uma lengalenga da “*Formiga e o escaravelho*”. Durante aproximadamente sete minutos trabalhei com a turma na lengalenga, dizendo-a de diversas maneiras e fazendo gestos. Depois, sentei-os em U para dar a aula de Conhecimento de Mundo, onde mostrei uma árvore, a árvore genealógica. Para começar, perguntei aos alunos o que observavam no *placard* (maçãs, borboletas, pássaros e flores) e fez a contagem de alguns elementos. De seguida, com o auxílio de um fantoche distribui as imagens da família da Camila (personagem principal do livro que tinha lido) no chão e pedi aos alunos para irem colocar as imagens na árvore. Por fim, expliquei o conceito de árvore genealógica.

Depois de terminar a aula, fiz uma roda com os meninos e cantámos músicas, enquanto as meninas iam à casa de banho e colocavam os babetes, quando os meninos foram à casa de banho, as meninas fizeram o jogo da “*Tartaruga*”.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito de ter dado esta aula, por diversas razões, nomeadamente por a ter dado aula às duas turmas juntas. Foi um grande e novo desafio para mim que, na minha

opinião, foi superado. O outro motivo pelo qual gostei de dar a aula foi o facto de ter levado diversos materiais apelativos como a árvore genealógica e o fantoche, que fez com que os alunos estivessem mais atentos e interessados na mesma. Segundo Costa e Baganha (1989), “o fantoche, embora sendo um objeto inanimado, torna-se alguém. É esta a grande ilusão que o fantoche provoca, quer naquele que o manipula, quer naquele que o vê viver.” (p. 37) A utilização deste fantoche beneficiou em muito a minha prestação porque os alunos estavam sempre na expectativa de ver uma reação deste.

O jogo que realizei no final da aula foi escolhido pelas crianças. Neste pude observar a alegria que eles sentem ao realizar este tipo de atividades. Como afirmam Cortesão, Amaral, Carvalho, Casanova, Lopes, Monteiro, Ortet, Pestana *et. al.* (1995), “um dos mais importantes «poderes» dos jogos e brincadeiras, uma das razões (...) pela qual é importante jogar e brincar *é porque é bom, porque permita à criança criar momentos de felicidade*, porque rir e divertir-se é fundamental, faz parte da infância (...).” (p.15)

Não podemos esquecer que estes alunos são crianças e, como tal, merecem ter momentos de pura descontração.

4 de novembro de 2011

Hoje foi o último dia de estágio nesta turma e, neste último dia, a minha colega M. N. deu aula, começando-a ensinando a lengalenga “*A velha e a bicharada*”. Posteriormente colocou imagens dos animais que estavam presentes na lengalenga no chão para que os alunos as ordenassem.

Quando todos os alunos terminaram, fizemos uma roda onde cantámos músicas de Natal com a turma, para depois irem lanchar. Como era o último dia nesta turma, decidi fazer um bolo de iogurte e levar para a escola para as crianças da turma A; por isso, na hora do lanche, em vez das tradicionais bolachas, os alunos comeram bolo.

Mais tarde, a M. N. continuou a sua aula, sentando os alunos em roda. A aula de Iniciação à Matemática começou com a minha colega a mostrar uma quinta com quatro cercas (quatro conjuntos). O objetivo era colocar os animais que a M.N. tinha trazido nas cercas correspondentes

Por fim, os alunos foram à casa de banho para irem almoçar e mais tarde irem fazer a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

No último dia e por ser um dia diferente, decidi levar um bolo para os alunos. Assim, em vez da tradicional bolacha os alunos comeram bolo de iogurte. O lanche serve, sem dúvida, para as crianças restaurarem as energias e também para a socialização. Para além disto, Cordeiro (2008) defende que o lanche também serve “para alimentar, mas do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia.” (p.373)

Por fim, todos os dias, a seguir ao almoço, os alunos dos 3 anos fazem a sesta. Segundo o autor atrás referido, a sesta “é um direito da criança, nesta idade.” (p.373) Esta deve ser feita em certas condições como “num ambiente calmo” (p.373)

1.2. Secção 2 – Estágio no grupo dos 4 anos

1.2.1. Educadora Cooperante

A responsável pela turma dos 4 anos A é a educadora S. L.

Este é o seu primeiro ano de trabalho como educadora, embora já tenha tido experiência numa outra escola como professora auxiliar do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Como profissional, a educadora S. L. é muito delicada, atenciosa e dedicada, demonstrando ter uma boa relação com os alunos. Todos os dias tenta melhorar como educadora e aprender mais com as pessoas que a rodeiam.

A S. L. tentou, sempre que pôde, ajudar-me a ultrapassar as minhas dificuldades dando-me alguns conselhos para o dia-a-dia.

1.2.2. Caracterização da Turma/Grupo

A turma do Viveiro A desta Escola é composta por vinte e nove crianças, das quais dezassete são do sexo masculino e doze do sexo feminino.

Entraram para esta turma duas crianças, que vieram de uma outra Escola, integrando-se muito bem no grupo já formado.

Esta turma está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.2.3. Caracterização do Espaço

A turma dos 4 anos não dispõe de uma sala como as outras turmas. Ambas as turmas dos 4 anos têm aulas no salão da escola. Esse, está dividido em duas partes por um biombo: de um lado do salão está a turma A, o outro pertence a turma B.

O salão, como é grande, acaba por não ter muita iluminação sendo apenas composto por 8 janelas e depois pela iluminação artificial (candeeiros). Este dá acesso ao *hall* de entrada (onde de manhã são recebidos os alunos), para as duas salas do 1.º ano do Ensino Básico e ainda dá acesso a umas escadas, que nos levam até à biblioteca e às salas do 2.º ano do Ensino Básico.

Quanto à metade do salão que pertence à turma A dos 4 anos, é composto por seis mesas, cinco delas com a forma de um hexágono, e a outra, com a forma retângular. Nesse existe ainda uma bancada com gavetas, que serve de secretária, onde a educadora

têm algumas informações e, por fim, espaço para arrumar os materiais dos alunos. Na parede existem *placards* onde a educadora coloca alguns trabalhos dos seus alunos. Na sua metade, existe ainda um piano e uma televisão (esta é apenas utilizada na parte da manhã, enquanto os alunos esperam pelo início das aulas).

1.2.4. Rotinas

O acolhimento das crianças dos 4 anos é realizado às 9h. Antes dessa hora, as crianças permanecem no salão a ver filmes na televisão que se encontra no mesmo; depois das 9h, começa-se a formar a roda para os cânticos matinais, que é formada por todos os grupos/anos da escola. Assim que esta roda acaba, as turmas dos 4 anos A e B forma a sua própria roda e continua durante aproximadamente, 10min a cantar.

Posteriormente, as educadoras dirigem-nos até à casa de banho para depois começarem as aulas. A meio da manhã, é fornecido um pequeno lanche, que é composto por bolachas ou pão com manteiga.

Um pouco antes do almoço, as crianças brincam um pouco: em dias de sol brincam no recreio, quando chove permanecem no salão ou então vão para o ginásio da escola. Após o intervalo, as crianças voltam a ir à casa de banho para depois irem almoçar.

Depois do almoço, as crianças ficam no *hall* de entrada, onde as educadoras contam uma história. Assim que a mesma acaba, os alunos vão para o recreio brincar.

1.2.5. Relatos Diários

7 de novembro de 2011

Hoje foi o primeiro dia na sala dos 4 anos, da educadora S. L. O dia de hoje dedicou-se com duas atividades fundamentais: a primeira relacionada com a Iniciação à Matemática e a segunda com o Conhecimento do Mundo.

Na aula de Iniciação à Matemática, a educadora dirigiu os seus alunos para as mesas de trabalho, para começar a dar uma aula de matérias, nomeadamente sobre o *tangram*. O objetivo da aula era, com as sete peças do material, formar um quadrado. Ao finalizar, a educadora deixou que os alunos brincassem livremente com o material.

A segunda parte da aula consistiu no tema: a Habitação. Nesta, através do *PowerPoint*, a educadora mostrou várias imagens relacionadas com o tema e, à medida que ia explicando ia também falando com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

A escola é, sem dúvida, um lugar onde as crianças aprendem, socializam, ganham capacidades e destrezas. Principalmente em idades mais novas, estas características devem ser desenvolvidas. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2001), os jardins-de-infância “são *centros de aprendizagem* – locais onde as crianças mais novas se juntam e aprendem.” (p.339).

Gostei da maneira como a educadora lecionou o tema das habitações através do *powerpoint*. Segundo Botelho (2009), “é preocupação da Educação Pré-Escolar proporcionar às crianças conhecimento do mundo” (p.118). Uma das maneiras mais lúdicas e divertidas é dar este domínio através dos recursos tecnológicos disponíveis. Como afirma a mesma autora, citando Haugland e Wright (1997), Grácio (2002) e Rada (2004), “a tecnologia informática (...) pode proporcionar aos educadores e às crianças oportunidades únicas de acesso, a pessoas, imagens, sons e informações muito diversificadas.” (p.118)

Através deste meio, a educadora captou a atenção dos seus alunos que se mostraram interessados no tema.

8 de novembro de 2011

Às terças-feiras, os alunos dos 4 anos da turma A têm computadores e biblioteca com a professora L. e a professora I., respetivamente.

Antes da aula de computadores e biblioteca, a educadora S. L. começou o dia a ler uma história que um aluno trouxera de casa. De seguida, os alunos tiveram a oportunidade de trabalhar com o geoplano numa aula de Iniciação à Matemática. Nesta, a educadora trabalhou vários conteúdos, como a lateralização e as formas geométricas. Por fim, pediu aos seus alunos que fizessem uma casa no geoplano, consolidando então a matéria dada no dia anterior sobre a habitação.

Inferências e fundamentação teórica

O facto de os alunos terem a oportunidade de experimentar diversos materiais é bastante benéfico. O geoplano é um material onde podemos trabalhar diversos conteúdos matemáticos: as formas geométricas, simetrias, entre outros, mas também trabalha a motricidade fina através do manuseamento do elástico. Para além destas vantagens, o geoplano é um material leve que pode ser transportado sem dificuldades pelas crianças desta faixa etária. Para complementar, Serrazina e Matos (1998), afirmam que “a sua mobilidade (...) faz com que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições.” (p.14) Na idade da Educação Pré-Escolar os Geoplano “são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos, registando o seu trabalho no papel pontado.” (p.13)

Caldeira (2009) defende que este material tem ainda “a capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo e a percepção figura-fundo, (...) que é algo que deve ser estimulado desde os primeiros anos de vida.” (p.409) Podemos então concluir que o geoplano tem um papel fundamental na coordenação visual-motora.

11 de novembro de 2012

Hoje é dia de São Martinho e, como tal, as duas turmas ficaram juntas no salão para assistir a uma apresentação de *PowerPoint* sobre a Lenda. Depois de falarem um pouco sobre o tema, os alunos pintaram uma ficha sobre a mesma.

Posteriormente, ambas as turmas tiveram uma aula sobre o 3.º e 4.º Dons de *Froebel*. Nesta aula de Iniciação à Matemática, os alunos realizaram a construção dos soldadinhos e o sofá.

Inferências e fundamentação teórica

Pela primeira vez, os alunos da turma A puderam manusear e realizar construções com o 3.º e 4.º Dons de *Froebel*. Em conjunto com a outra turma, a educadora conseguiu que os seus alunos fossem, no geral, bem-sucedidos aquando das construções. Segundo Caldeira (2009), o interesse pedagógico destes materiais juntos centram-se na “maior diversidade nas actividades, diferentes construções, cálculo mental, situações

problemáticas mais complexas, maior equilíbrio e desenvolvimento de criatividade.” (p.285)

Mais tarde, a turma teve aula de ginástica. Na minha opinião, este tipo de aulas é essencial pois desenvolve os alunos fisicamente e mentalmente, tornando-os mais autônomos. Para além disto, é nestas aulas que os alunos podem descarregar todas as suas energias e brincar ao mesmo tempo que fazem algo que gostam. Rabinovick (2007) diz que é nesta idade que “a educação infantil é um espaço privilegiado para garantir à criança a exploração dos seus movimentos durante o processo de aprendizagem” (p.33), reforçando que “as estruturas psicomotoras básicas são a locomoção, manipulação e equilíbrio, que interagem com a organização do esquema corporal, estruturação espacial e orientação temporal.” (p.33) Nesta, a professora incluiu na sua aula o material bolas, aumentando assim o grau de dificuldade da mesma.

14 de novembro de 2012

Hoje foi dia de aulas surpresa na escola e a aluna sorteada para dar aula fui eu.

A professora de Prática Pedagógica T. B. apareceu no salão e pediu-me para ler a história “*Mas que barafunda!*”, tendo como objetivo ler e dinamizar a mesma. No final da mesma, formei uma roda para cantar algumas músicas relacionadas com a história nomeadamente a do “Galo é bom cantor”.

Depois da aula, todas as alunas tiveram reunião com as professoras da Prática Pedagógica para discutirmos e refletirmos sobre as aulas dadas.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha opinião a aula surpresa correu bastante bem, senti-me confiante e descontraída, sendo estas qualidades na minha opinião, a chave do sucesso. Para além disso, consegui despertar a atenção e a imaginação nos alunos durante a história, conseguindo controlar a turma nos momentos mais críticos e levando-os ao mundo do imaginário e faz de conta sempre que possível. Brazelton e Sparrow (2003) dizem que o faz-de-conta “proporciona uma forma de experimentar os pensamentos esperançosos, aprender acerca dos papéis desempenhados por cada um, aprender a controlar-se e a ser amigo de alguém.” (p.197)

Relativamente a importância do acompanhamento e da comunicação entre os professores e os alunos estagiários, para mim, é demasiado importante receber as críticas dos professores pois, são elas que me vão ajudar a crescer e a melhorar ao longo do meu percurso como aluna estagiária. Segundo Alarcão e Tavares (1987), citado por Garcia, 2012):

(...) o processo em que o professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional. Depreende-se desta noção que a supervisão tem lugar num tempo continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo. Tem um objetivo: o desenvolvimento profissional do professor. E situa-se no âmbito da orientação de uma ação profissional; daí chamar-se-lhe também orientação da prática pedagógica. (p. 197)

O professor, tendo mais experiência, tem como dever auxiliar os alunos quando precisam de ajuda, motivando-os e aconselhando-os sempre que possível.

15 de novembro de 2012

O dia de hoje começou com a S. L. a abordar os seus alunos sobre alterações que ia fazer na turma nomeadamente nas regras de sala de aula. A partir deste dia, os alunos tinham de colocar todos os seus brinquedos numa caixa para que, ao longo do dia e durante as aulas, não brincassem com os mesmos.

Também hoje se comemorou o dia da morte do pedagogo João de Deus e os cem anos de existência da Associação de Jardins-Escola João de Deus e, como tal, todos os alunos trouxeram uma flor para a celebração destes dois acontecimentos. Por esse motivo, a educadora S. L. leu dois poemas do livro de João de Deus intitulado Campo de Flores, nomeadamente “Os olhos falam?” e “Lembras-me”.

De seguida, a educadora deu Iniciação à Matemática através do material: Blocos Lógicos. Na aula foram abordados os atributos das peças e ainda a noção de conjunto.

Inferências e fundamentação teórica

Gosto do facto de existirem regras num Jardim-Escola. Apesar de serem pequenas, as nossas crianças tem de se habituar a respeitar os mais velhos e terem a perceção que nem tudo é fácil, nem como elas querem. Segundo Amado e Freire (2002), as regras “devido à «cultura de escola» raramente são explicitadas, a não ser nos discursos rituais

do início de ano, de iniciativa de muitos professores, logo mesmo na aula de «apresentação»” (p.9) porém, na minha opinião, as regras devem ser recapituladas sempre que necessário pelo docente. Para Papalia, Olds e Feldman (2001), a disciplina “refere-se aos métodos de ensino do carácter, autocontrolo e comportamento aceitável para as crianças.” (p.368)

Achei interessante a leitura, por parte da educadora aos alunos, de dois textos poéticos. Oliveira (2012) diz que “a necessidade de se criar o gosto pela leitura trará imensos benefícios que tornarão o indivíduo agente ativo no processo de interação, socialização, criatividade.” (p.56) Segundo Teixeira (2008), o texto poético na Educação Pré-Escolar é descrito pelos professores como algo difícil de lecionar porém “o universo da poesia é muito rico e encantador, e o professor é o mediador e o indicador das crianças neste mundo maravilhoso da leitura.” (p.89)

É necessário fomentar o interesse para a literatura.

18 de novembro de 2011

Neste dia, as professoras de supervisão da prática pedagógica voltaram a aparecer no Jardim-Escola para as aulas surpresas. Desta vez, as escolhidas foram as minhas colegas de estágio.

A primeira a dar aula foi a M. N. A ela pediram-lhe para dinamizar uma história “*O ratinho torto*” e, logo de seguida, a minha colega A. I., iniciou a sua aula Iniciação À Matemática utilizando as palhinhas. No final das aulas, houve novamente a reunião de estágio para se falar das aulas assistidas.

Inferências e fundamentação teórica

Penso que ambas as aulas foram bem-sucedidas. Na primeira, a minha colega conseguiu manter a calma perante a situação e mostrou-se, como sempre, bem-disposta. Os alunos estiveram sempre com ela, colaborando com a mesma sempre que esta pedia.

Relativamente à segunda aula, a minha colega mostrou-se um pouco mais nervosa e, apesar de uma das professoras de prática pedagógica ter intervindo durante a sua aula devido ao mau comportamento da turma, a A. I. não desistiu e deu a sua aula, tendo como fio condutor para as situações problemáticas a história lida anteriormente. Caldeira (2009) afirma que “com este material, de fácil acesso e manuseamento foram elaboradas

diversas actividades.” (p.317) O mesmo autor afirma que “as palhinhas funcionam como suporte à contagem.” (317) Um aspeto positivo da aula de matemática desta minha colega foi o facto da mesma ter utilizado um instrumento musical de maneira a prender melhor a atenção dos alunos. Na mesma linha, Caldeira (2009) afirma que “ao som dum instrumento musical (ferrinhos, pandeireta, etc.) as crianças vão tirando as palhinhas, ou ouvem os batimentos, tirando depois o número de palhinhas correspondente. (p.317)

No geral e, segundo as professoras da prática pedagógica, as aulas das minhas colegas correram bem.

21 de novembro de 2011

Hoje o dia ficou marcado com a aula de Iniciação à Matemática sobre o material *Cuisenaire*. Durante esta aula, a educadora S.L. falou das regras e reviu os atributos e aspetos mais importantes das dez peças que compõem este material. Durante a mesma, a educadora deu a noção de crescente e decrescente utilizando o material como exemplo. De forma a fomentar o conceito a educadora S. L. colocou três alunos por ordem crescente e decrescente. Seguidamente, puderam fazer uma construção livre com o mesmo material.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso da técnica da professora ao exemplificar, com os próprios alunos, a ordem crescente e decrescente. Através deste exemplo percebi que, ao utilizarmos os alunos como modelo, o resto da turma interessa-se mais e participa mais nas aulas.

Segundo Nabais (s. d.), “cada estojo de Cuisenaire é constituído por 200 cubos, em dez cores diferentes: 20 brancas, 20 encarnados, 20 verde claro, 20 cor de rosa, 20 amarelas, 20 verde escuro, 20 pretos, 20 castanhos, 20 azuis, 20 cor de laranja.” (p.78) Este permite-nos fazer diversas atividades, como afirmam Palhares e Gomes (2006), “a utilização do Material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano (...)” (p.171)

Acho fundamental, depois da aula, os alunos terem a oportunidade de mexer no material livremente, de modo a ligarem-se mais ao mesmo.

22 de novembro de 2011

O dia de hoje iniciou-se com a educadora a ler o livro: *“Adivinha o quanto eu gosto de ti”*.

Em seguida, os alunos estiveram a trabalhar com o material geoplano. Neste, a S. L. solicitou às meninas para fazerem um quadrado no lado direito e pediu aos rapazes para construírem um triângulo do lado esquerdo. No fim da aula, os alunos puderam livremente construir figuras no geoplano.

Depois, a educadora fez um exercício muito interessante. Contou quantos alunos estavam presentes no salão confirmando a ausência de dois alunos. Deste modo, as crianças tinham que adivinhar quais os alunos que não estavam presentes.

Inferências e fundamentação teórica

Algo que eu acho importantíssimo, quando estamos a dar aulas, é dar aos alunos o que nós prometemos. Na aula de Iniciação à Matemática, a professora prometeu aos alunos que, no final de aula, eles poderiam brincar com o material à vontade. Serrazina e Matos (1998) defendem que os alunos “conheçam o material, descubram a utilidade dos pregos, manipulem os elásticos, se apropriem do Geoplano para produzirem algo de importante (...)” (p16) Com o livre contacto com o geoplano, as crianças ficam a sentir-se mais a vontade com o material e ficam também a conhecê-lo melhor.

Outra parte da aula, que eu apreciei bastante foi o último exercício atrás escrito. Neste, a professora trabalhou a memorização e concentração, ao perguntar quais os alunos que faltavam. Segundo Desmond (2011), “forçar rigidamente a capacidade de memória das crianças falha com frequência. Para a criança em idade pré-escolar, a motivação está muito ligada à brincadeira (...)” (p.108)

Penso que estas atividades de estimulação são essenciais na criança.

25 de novembro de 2011

Neste dia, devido a motivos de força maior, não pude ir estagiar. Contudo, compensei este dia, no dia 14 de dezembro das 13 horas às 16:30 horas.

28 de novembro de 2012

Hoje, a M. N. deu uma aula sobre os graus de parentesco. Inicialmente começou por falar com a turma sobre o fim-de-semana, onde apelou às vivências dos alunos; de seguida e depois de esclarecer as regras, a minha colega começou, no ginásio da escola, a ler uma história onde, durante a mesma, iniciou o tema de Conhecimento do Mundo, fazendo a interdisciplinaridade entre estes dois domínios.

Posteriormente, e já no salão da escola, a M.N. iniciou a sua aula de Iniciação À Matemática sobre sequências.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar da indisciplina que existiu durante praticamente toda a manhã, gostei muito da aula da minha colega. Piaget, (1972, citado por Pombo e Levy, 1994) diz que “a interdisciplinaridade aparece como intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (...) tendo como resultado um enriquecimento recíproco.” (p.10)

Para além disto, a minha colega trouxe bons materiais e arranjou diversas estratégias nos momentos mais críticos e, mais importante, não desistiu da aula.

A parte da aula que eu mais gostei foi das sequências. Nesta, os alunos mostraram-se bastante entusiasmados e, mesmo com o grau de dificuldade que o exercício tinha, a maioria dos alunos compreendeu o pretendido e realizou o exercício corretamente. Segundo Young (2010),

Reconhecer, fazer e completar padrões exige que a criança saiba dispor em sequência os objetos – outra competência essencial da matemática. A maioria das crianças costuma fazer padrões com naturalidade – na forma como alinha os carrinhos ou como constrói com blocos coloridos. (...) Estes ajudam a desenvolver o pensamento lógico, aprendendo a lembrar-se de coisas e prevendo o que poderá vir a seguir. (p.57)

Neste caso, as sequências tinham como base a cor. Os alunos, de acordo com a ordem primordial da M. N., tinham de concluir a sequência.

29 de novembro de 2011

Hoje a minha colega de estágio A. I. teve uma aula surpresa por parte da educadora titular. Nesta, a minha colega leu o livro “*O Cuquedo*” e ao mesmo tempo dramatizou com eles a mesma história. Em seguida, a educadora S. L. encaminhou os seus alunos para as mesas de trabalho, onde começou a dar uma aula de Iniciação à Matemática.

Em simultâneo, a minha colega A. I., a pedido da educadora, ia fazendo contagens com os alunos através de palhinhas.

Inferências e fundamentação teórica

Adorei a aula da minha colega A. I.. O livro estava bastante adequado à idade dos alunos e a maneira de ler da minha colega estava boa: a entoação, os discursos e a expressão facial. Leal (2007) afirma que “o fomento pelo gosto da leitura convém que seja feito antes de a criança saber ler. (...) é fundamental que se conte histórias adequadas para a sua idade, para que conheçam a tradição popular, fantasiem, sonhem e constatem outras realidades.” (p.16)

O facto de a minha colega ter pedido a todos os alunos para dramatizarem a história à medida que ela a ia lendo, foi mágico. Os alunos adoraram, todos queriam participar e ficavam felizes com essa participação. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais.” (p.59) Sem dúvida que esta foi uma das melhores aulas da minha colega.

2 de dezembro de 2011

Neste dia houve *roulement*. Como tal, apenas uma educadora de cada ano de escolaridade vai trabalhar. Hoje, a educadora S. L. teve esse papel e ficou com as duas turmas dos 4 anos de idade.

Depois da roda matinal, onde se cantam diversas músicas infantis, a educadora sentou, em meia-lua, as duas turmas dos 4 anos e começou a contar a história “*O leão e o rato*”. Posteriormente, as turmas fizeram um desenho sobre a história.

Por volta das 10h30m, foi distribuído o pão e logo depois do lanche, a educadora jogou com as duas turmas ao Jogo do Carteiro.

Inferências e fundamentação teórica

Ficar sozinho com as duas turmas é complicado e é necessário existir uma grande responsabilidade por parte da pessoa responsável. Gostei das estratégias aplicadas pela educadora S. L., decidindo fazer jogos com eles e actividades mais lúdicas.

O desenho e os jogos foram as técnicas utilizadas pela educadora neste dia. Nestas as crianças ficam entretidas pois são tarefas que elas apreciam. Muitas crianças, segundo Young (2010), “têm uma ideia clara do que querem desenhar.” (p.11) O desenho para as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “é também uma forma de escrita (...) uma série de desenhos permite narrar uma história ou representar os momentos de um acontecimento (...).” (p.69)

Através do desenho, o aluno aprende a ser criativo estimulando a sua criatividade naquilo que desenha e naquilo que quer desenhar. Para Ignácio (1993), “a importância da criatividade no processo educativo manifesta-se antes de mais na motivação. (...) esta é geradora de motivação interna, pois a pessoa, e mais a criança, é por essência um ser explorador, em busca de novas interrogações e novas respostas.” (p.241)

Um dos momentos mais especiais deste dia foi quando um aluno me deu um desenho que ele próprio tinha feito. Segundo Cardoso e Valsassina (1988), “a criança, quando desenha, não desenha para ela própria, mas para alguém.” (p.59)

Este foi, sem dúvida, um dia diferente.

5 de dezembro de 2011

Hoje dei aula à turma dos 4 anos A e tinha como tema central: “A Família”. Por ser segunda feira, dei os bons-dias à turma e pedi que todos me contassem como tinha corrido o fim de semana. Depois, li uma história que fala sobre os diversos tipos de família, para que os alunos soubessem que as famílias também não são todas iguais. O título do livro era: “*O livro da Família*”. Durante a leitura e a interpretação da história fiz a interdisciplinaridade com o tema de Conhecimento do Mundo e de Iniciação à Matemática.

De seguida, comecei a minha aula de Iniciação à Matemática, e para esta decidi usar do 3.º Dom de *Froebell* e imagens para as situações problemáticas. Contudo, decidi não prosseguir com a aula, pois os alunos encontravam-se muito irrequietos e, como tal, decidi fazer uma roda. Nessa, decidi falar com os alunos sobre o comportamento que eles estavam a ter durante a manhã e depois de ter falado com eles, sem o 3.º Dom de Froebel e apenas com as imagens que tinha trazido, resolvi fazer algumas situações problemáticas. Posteriormente, no ginásio da Escola, pedi aos alunos, um de cada vez, que viesse à frente da turma para falar das suas famílias de modo a fomentar o tema dado.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a história, os alunos mostraram-se bastante interessados em descobrir e aprender mais sobre as diferenças que podemos encontrar nas pessoas. Tal interesse deveu-se ao facto de na turma existir um menino mais escuro do que os outros. Para Brazelton e Sparrow (2003), “à medida que as crianças de quatro anos se tornam mais conscientes da sua influência sobre o mundo, elas apercebem-se melhor das diferenças existentes entre elas próprias.” (p.133) Essas diferenças vão fazer com que a criança “deseje que a sua diferença a torne mais poderosa, mas receará também que ela a enfraqueça.” (p.133)

Apesar de não ter concluído a minha aula de Iniciação à Matemática e achar que esta foi, sem dúvida, a aula que me correu pior não deixei de gostar de a ter dado. Para Antunes (2007), ensinar quer dizer “ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma realidade, capacitando-o para reconstruir os significados atribuídos a essa realidade e a essa relação.” (p.30) Penso que apesar de todos os contratempos, consegui ensinar algo aos alunos que, durante a manhã, estiveram comigo.

9 de dezembro de 2011

Hoje, a educadora da turma B não esteve presente devido à *roulement* e, como tal, a educadora S. L. ficou com as duas turmas dos 4 anos.

Nesta manhã e em primeiro lugar, a educadora chamou os alunos que na Festa de Natal iriam declamar os poemas e, em seguida, contou a história “*A raposa e as uvas*”.

Depois de ter contado e interpretado a história com a ajuda dos alunos, a educadora entregou uma proposta de trabalho às duas turmas. À medida que terminavam a ficha, os alunos iam brincar com as plasticinas.

Por fim, o professor P. V., professor de música da Escola, treinou com as duas turmas todas as músicas para a Festa de Natal.

Inferências e fundamentação teórica

Mais uma vez, a educadora S. L., no dia em que ficou sozinha com as duas turmas, optou por fazer com as crianças atividades mais divertidas. Todas as crianças gostam de brincar com a plasticina. Moldá-la e fazer imagens com ela é algo que as crianças adoram. Cordeiro (2008) afirma que a plasticina “é uma actividade de que as crianças gostam muito, e que proporciona a oportunidade de desenvolver o tacto (...) e também de modelar: o desenvolvimento da motricidade fina é um bom resultado do uso de materiais moldáveis.” (p.372)

Uma atividade, que eu nunca tive a oportunidade de ver nesta turma, foi uma aula de educação musical e hoje consegui observá-la. Digamos que a relação que o professor tem com os alunos é formidável. Antunes e Almeida (2002) defendem que “a música na idade pré-escolar representa os fundamentos sobre os quais se irá construir uma futura aprendizagem musical. Estas experiências devem ser integradas numa rotina diária, desta forma são desenvolvidas atitudes relacionadas com criação e partilha da música.” (p.28)

Mais uma vez, este dia foi um dia diferente.

12 de dezembro de 2011

A minha colega de estágio A. I. deu hoje aula sobre o Natal. Começou, em primeiro lugar, por dar os bons dias à turma e, em seguida, contou a história “*As Famílias do Mundinho*” através de uma apresentação em *PowerPoint*. Em seguida, e através do mesmo, A. I. falou de como os diversos países celebram esta festividade.

Depois do lanche, os alunos sentaram-se nas mesas para a minha colega dar o Domínio de Iniciação à Matemática, nomeadamente o 3.º Dom de *Froebel*. A A.I. fez a construção da ponte baixa à medida que contava uma história.

Inferências e fundamentação teórica

No geral, penso que a aula da minha colega correu bastante bem sendo, na minha opinião, o Domínio da Matemática aquela que correu menos bem devido ao cansaço já apresentado pelos alunos. Quando as crianças trabalham com o 3.º Dom de *Froebel*, geralmente gostam de fazer as suas próprias construções. Nesta ocasião, a pessoa que estiver a dirigir a turma deverá orientá-la de modo a fazerem o que a docente quer. É importante, também, que a turma respeite o professor e o professor a turma. Segundo Hammersley, (1976, citado por Amado e Freire, 2002) o respeito “é simultaneamente parte de uma competência cultural que se espera que o professor inculque nos seus alunos e uma exigência essencial para o exercício de controlo sobre os alunos.” (p.10)

Ainda durante a aula de Iniciação à Matemática, gostei do facto de a A.I. à medida que ia dando o 3.º Dom de *Froebel*, ter contado uma história de maneira a estimular os alunos. Segundo Caldeira (2009), “as construções podem ser exploradas através de uma história (...). No entanto, é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma (...).” (p.255)

O facto de a aula ter sido sobre o Natal motivou os alunos, estimulando o interesse da turma na aula.

13 de dezembro de 2011

Hoje, a educadora S.L. pediu à minha colega M. N. para ler a história do “*Grufalão*”. À medida que a minha colega contava a história, eu preparava as mesas, para dar uma aula de Iniciação à Matemática sobre os blocos lógicos à turma. Depois da história, a educadora falou com a turma e pediu aos alunos para mostrarem à turma os trabalhos que tinham feito em casa.

Como a turma tinha de ensaiar para a festa de Natal, não consegui dar a aula que tinha planeado. Durante os ensaios, ambas as turmas se portaram muito bem, demonstrando que sabiam muito bem qual o papel a desempenhar na festa.

Inferências e fundamentação teórica

Fiquei descontente por não ter conseguido dar a aula de materiais. Como na minha manhã de aulas acabei por não dar o 3.º Dom de *Froebel*, queria ter tido a oportunidade de “brilhar” agora com os blocos lógicos.

Achei interessante ver os trabalhos dos alunos. Estes, segundo a educadora, tinham sido feitos em casa em conjunto com os pais. É gratificante ver a parceria e o interesse que os pais têm com a escola, desenvolvendo as aprendizagens dos seus filhos no meio familiar. Pereira (2008, citado por Picanço, 2012) “considera ser necessário que os pais e os professores se ajudem mutuamente (...)” (p.9), pois, segundo Hohmann e Weikart, (2003, citado por Picanço, 2012), “as famílias fazem-no para levar as suas crianças a conhecer a compreender as ideias partilhadas pelo grupo familiar quanto a valores, crenças e comportamentos.” (p.9)

Gostei muito de assistir aos ensaios para a festa de Natal as crianças encontravam-se muito animadas, participando com gosto nos ensaios. Segundo Young (2010), “ao marcar os dias especiais, as crianças ficam a saber quais as datas importantes (...) e também como são celebradas.” (contracapa)

16 de dezembro de 2011

Hoje, realizou-se a Festa de Natal na escola e por ser um dia diferente e especial, cheguei mais cedo à escola para poder ajudar em tudo o que fosse necessário. Comecei por ajudar os pequeninos dos 3 anos, por serem os primeiros a atuar, e depois dirigi-me à sala onde estava a turma dos 4 anos para auxiliar as educadoras, vestindo as crianças.

Na hora da atuação, eu e as minhas colegas de estágio permanecemos no palco e cantámos com os alunos todas as músicas. Depois do coro, tive a função de colocar todas as crianças por ordem de entrada no palco, de maneira que o espetáculo corresse bem.

Depois de terem acabado de atuar, voltámos para a sala, para voltar a vestir as crianças e depois dirigimo-las para o ginásio da escola, onde estava um lanche para os pais e para os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Adorei ter participado na Festa de Natal. Acho que é fundamental presenciar um acontecimento destes pois, na nossa vida futura, vamos ter de preparar muitas festas de Natal, e ter participado nesta deu para compreender como é que tudo funciona. De acordo com Aguera (2008), “as festas e celebrações constituem atos, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, auto-estima, a colaboração e a integridade das crianças.” (p.73)

Segundo Young (2010), “a celebração de dias especiais ajuda as crianças a sentir que fazem parte do grupo de pessoas que cuida delas. (...). As festas são a oportunidade ideal para falar com as crianças sobre o modo como outras pessoas celebram ocasiões importantes.” (contracapa)

Em suma, o espetáculo correu muito bem.

1.3. Secção 3 – Estágio no grupo dos 5 anos

1.3.1. Educadora Cooperante

A responsável da turma dos 5 anos A é a educadora M. D.

É uma educadora que revela ter grande experiência profissional, sendo bastante responsável e madura, e que revela ter os seus conhecimentos científicos muito bem apreendidos. A educadora M. D. consegue estabelecer uma fantástica relação com os seus alunos sendo bastante carinhosa, dedicada e muito preocupada.

Relativamente à relação que mantem com as estagiárias, a educadora M. D. revelou ter muita paciência, esclarecendo-nos sempre todas as dúvidas que tivéssemos. Disponibilizou sempre todos os materiais e tratou-nos sempre com muito respeito.

1.3.2. Caracterização da Turma/Grupo

Na escola, a turma dos 5 anos A é composta por vinte e oito crianças, catorze do sexo feminino, das quais quatro têm 4 anos e onze têm 5 anos e catorze do sexo masculino, das quais seis têm 4 anos e oito têm 5 anos (em setembro de 2011). Uma destas crianças frequenta pela primeira vez esta escola.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica da escola, que fomenta a organização do ambiente educativo de modo a que a criança se relacione consigo própria, com os outros e com o mundo. Pressupõe, igualmente, o desenvolvimento de valores e atitudes, favorecendo a formação e a inserção da criança na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. O educador estabelece uma relação individualizada com cada criança facilitadora da sua inserção no grupo e da sua relação com as outras crianças. Essa relação implica a criação de um ambiente securizante, que cada criança conhece e onde se sente valorizada.

A nível afetivo-emocional, a grande maioria das crianças demonstra um temperamento equilibrado, expansivo, extrovertido, comunicativo e alegre. Gostam de receber e de corresponder a trocas afetivas.

De uma forma geral, as crianças deste grupo demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito participativas, interessadas e colaborativas e alguns alunos possuem grande capacidade imaginativa e criativa.

1.3.3. Caracterização do Espaço

A sala dos 5 anos A é bastante grande: existem catorze mesas, cada uma com dois lugares destinadas aos alunos da turma e uma secretária para a educadora poder trabalhar. Existem também diversos armários e compartimentos que servem para guardar material escolar, livros e ainda recordações que os alunos trazem para a escola. As paredes da sala são bastantes coloridas e nelas estão colocadas algumas informações relacionadas com o programa curricular e existe ainda um grande *placard* que tem como intuito colocar os trabalhos plásticos realizados pelos alunos. Junto à secretária da educadora M. D. podemos encontrar a Cartilha Maternal João de Deus. Esta sala, ao contrário das duas anteriores, possui um quadro de giz.

A sala é bem iluminada, pois podemos encontrar nela grandes portas vidradas que estão viradas para o exterior e que dão ligação a um dos recreios desta escola. Esta, para além de dar passagem para o exterior, dá também para um pequeno terraço, para a casa de banho e para a sala da turma B.

1.3.4. Rotinas

O dia desta turma começa no salão, onde os alunos são recebidos pelas educadoras. Antes das 9h, os alunos tem a oportunidade de visionar um filme e, depois deste horário é formada a roda dos cânticos em que todos os alunos, incluindo os da turma dos 5 anos cantam diversas músicas durante aproximadamente 20min.

Depois da roda, os alunos dirigem-se até à casa de banho e, logo de seguida, para a sala. De manhã, geralmente, a educadora M. D. dá a todos os alunos uma lição na Cartilha Maternal João de Deus. A meio da manhã os alunos voltam a ir à casa de banho para depois lancharem: bolachas ou pão com manteiga. Depois desta, os alunos brincam um pouco no recreio, se estiver bom tempo, ou então permanecem na sala, se o tempo estiver menos bom.

Depois do recreio, voltam para a sala e, por volta do 12h, os alunos voltam a ir novamente à casa de banho para irem depois almoçar.

A seguir ao almoço, os alunos juntam-se todos numa sala para ouvirem a educadora, a contar uma história e, depois, por fim, vão brincar livremente para o recreio.

1.3.5. Relatos Diários

2 de janeiro de 2012

Hoje as crianças do grupo dos 5 anos permaneceram no salão até às 9h40m, ao contrário dos outros dias.

A educadora M. D., educadora responsável pela turma onde ia ficar, não pôde comparecer na escola, por isso, quem lecionou as aulas para ambas as turmas foi a educadora da turma B.

Os alunos da turma A terminaram algumas propostas de trabalho que tinham por acabar e, depois de acabadas, iam realizar algumas propostas de trabalho novas.

Por ser um dia diferente, os alunos tiveram mais tempo de recreio e, depois deste, foram para o refeitório almoçar.

Após o almoço, as crianças visionaram o filme *“O Capuchinho Vermelho”*.

Inferências e fundamentação teórica

Por ser um dia diferente, os alunos não tiveram tanto tempo a trabalhar, mas sim a fazer atividades mais simples.

É importante referir os meios audiovisuais que a escola tem, e a maneira eficaz como esses são utilizados. Campos (1994, citado por Correia, 2012), afirma que um “ambiente rico em tecnologia informática inclui o acesso a uma boa variedade de *software*, equipamento multimédia e de telecomunicações (...).” (p.20)

Neste caso, as turmas dos 4 e 5 anos puderam assistir a um filme de desenhos animados.

Segundo Proença (1990), “(...), a escola tem que aproveitar as vantagens da utilização dos audiovisuais, já que este responde a muitas necessidades da aprendizagem” (p.105)

Cordeiro (2008) afirma que “a escolha do filme tem de ser criteriosa.” (p.421) A escolha do filme, para esta idade, tem de ser feita ao pormenor. Normalmente opta-se por filmes mais conhecidos e que as crianças gostem.

3 de janeiro de 2012

O dia de hoje começou com a roda das cantigas. Quando os alunos se dirigiram para a sala, a educadora M. D. não se encontrava lá, por isso, eu e as minhas colegas ensinámos à turma a lengalenga da “Formiga”. Assim que a educadora chegou, apresentou-nos à turma e começou a falar com os seus alunos sobre as férias de Natal e sobre a passagem do ano, dando a informação de que tínhamos feito a transição do ano 2011 para o ano 2012, e colocando a data correta no calendário que tem colocado numa das paredes.

Ainda na parte da manhã, a educadora chamou alguns grupos à Cartilha Maternal (cada grupo contém no máximo cinco alunos e esses grupos estão divididos consoante as dificuldades/ritmos dos alunos). Enquanto um grupo se encontrava na Cartilha, a turma realizava uma proposta de trabalho. Antes do almoço, a educadora deu ainda uma aula de Iniciação à Matemática com o material *Cuisenaire*, nomeadamente a subtração, tendo ainda tempo para fazer com a turma o jogo dos comboios.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta idade são extremamente importante as lengalengas, pois através delas trabalhamos a língua materna e a dicção. Segundo Rebelo e Atalaia (2000), as lengalengas “podem tornar-se excelentes exercícios de treino para a pronúncia, a imitação fonológica, a entoação e o ritmo, assim como para a memorização do vocabulário ou da morfologia gramatical.” (p.26)

As lengalengas caracterizam-se por serem textos construídos por frases curtas que, geralmente, rimam, ajudando as crianças na aprendizagem através da memorização, pois as lengalengas baseiam-se na repetição de sons, de palavras, de rimas ou de expressões. Têm por base a exploração da linguagem oral, através de uma forma lúdica, o que permite às crianças terem um envolvimento ativo no seu desenvolvimento.

Um aspeto positivo, que captei logo no primeiro dia, foi o diálogo que a educadora tem com os seus alunos antes de iniciar as aulas. A educadora fala com os alunos sobre a sua vida e pede-lhes que lhe contem aspetos interessantes sobre a deles. A relação que a educadora tem, não é só profissional, mas também afetiva e pessoal. Postic (s. d.) define relação educativa como o conjunto de “relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objectivos educativos, numa dada estrutura

institucional, relações essas que possuem características cognitivas e afectivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história.” (p.12)

Sem dúvida que a ligação que a educadora estabelece com os seus alunos, ao início da manhã, favorece, em todos os aspetos, o resto do dia.

6 de janeiro de 2012

No início da aula, a educadora começou por falar do dia em questão e a importância deste dia na comunidade cristã. Depois, começou a dar o material *tangram*. No dia anterior, a turma A realizou com o mesmo material a construção do búfalo e, neste dia, tiveram de recortar as peças do *tangram* e fazer novamente essa construção, mas agora colada numa folha branca. Quando terminaram, a turma A teve aula de computadores com a professora L.

Depois do almoço, a educadora contou uma história sobre os Três Reis Magos e contou ainda, com o auxílio de um CD, a fábula “*O Corvo e a Raposa*”.

Inferências e fundamentação teórica

O *tangram* é um material interessante para fazer construções não abstratas. A educadora deu os mamíferos, nomeadamente o búfalo e decidiu, com este material, construir esse mesmo animal. O *tangram* é conhecido como sendo um jogo criativo devido as diversas competências que desenvolve. Segundo Neves (s. d.), “sendo utilizado como jogo criativo, o indivíduo jogando as várias peças, cria novas formas, tornando-se assim num bom material didático para o desenvolvimento da concentração, atenção e linguagem, ao tentarem descrever as figuras.” (p.10)

Uma atividade que gostei de ver dinamizada foi a leitura da fábula, com música de fundo. Segundo Serejo (s. d.), “além do próprio livro, outros recursos podem ser planejados e utilizados para tornar a história mais fácil de ser assimilada e mais atrativa.” (contracapa)

A música de fundo fez com que os alunos permanecessem sossegados e interessados na história.

9 de janeiro de 2012

Hoje, a minha colega de estágio A. I. deu uma aula de Estimulação à Leitura e Dinamização da Cartilha, lendo a história do “*Cuquedo*”, fazendo com que todo o grupo participasse através da dramatização da mesma. Depois de ler a história, alguns alunos leram, através das regras da Cartilha Maternal João de Deus, as palavras: selva e cuquedo.

Neste dia, a turma fez um desenho em série. A professora vai desenhando pequenos traços no quadro enquanto os alunos a copiam. O objetivo é desenharem figuras através das orientações que a educadora dá. Hoje desenharam uma mesa juntamente com a cadeira.

Inferências e fundamentação teórica

Foi a primeira vez que assisti a uma aula em que os alunos realizaram o desenho em série. Este exercício desenvolve a concentração, a atenção, a motricidade fina, entre outros. O facto de os alunos estarem a ser orientados pela educadora permite-lhes que concluam o trabalho sem falhas. Para além disto, o desenho em série desperta curiosidade pois as crianças não sabem o que estão a desenhar no momento em que o estão a fazer. Só à medida que vão desenhando é que os alunos se vão apercebendo da figura que estão a compor até chegarem ao resultado final. Para Lefèvre (1972), “orientar um aluno é detectar simultaneamente ou sucessivamente aptidões, interesses e traços de carácter e confrontá-los com os resultados escolares. (...)” (p.65) Sem dúvida que, sem a orientação da educadora M. D., os alunos não conseguiriam finalizar o trabalho.

10 de janeiro de 2012

Neste dia, pela parte da manhã dei uma aula de Estimulação à Leitura e Dinamização da Cartilha começando por ler a história “*Onde acaba o arco-íris?*”. À medida que ia lendo, ia fazendo algumas experiências com cores do arco-íris. Assim que terminei a leitura da história, os alunos encaminharam-se para as mesas de trabalho, onde foi entregue uma proposta de trabalho sobre a mesma. Enquanto alguns resolviam a proposta, outros alunos vinham ao quadro ler as seguintes palavras: tesouro, preto e jogo, de acordo com as regras da Cartilha Maternal João de Deus.

Depois do lanche, a educadora M. D. deu uma aula de matemática com os 3.º e 4.º Dons de *Froebel*, onde realizou a construção da camionete. Durante esta, a educadora trabalhou com os seus alunos o cálculo mental, nomeadamente a operação da subtração. Depois, de maneira a fomentar o aprendizado, a educadora entregou a todos os alunos uma régua, que tem como o intuito auxiliar os alunos a resolverem as operações de subtração.

Inferências e fundamentação teórica

Penso que é importante, a partir das idades mais novas, realizar experiências referentes ao Domínio do Conhecimento do Mundo. Os alunos gostam e ficam ansiosos por saber qual o resultado que essa experiência vai ter. Segundo Martins (2007), é importante “responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência e pela atividade dos cientistas.” (contracapa)

Pela primeira vez, fiz, com um pequeno grupo de alunos, a dinamização da Cartilha Maternal João de Deus. Ruivo (2009) defende que “as lições em pequenos grupos torna as lições mais vivas e equilibra a interação do comportamento individual de cada aluno.” (p.133).

A Cartilha Maternal João de Deus é um método de leitura que pretende que os alunos aprendam a ler. Para Vasconcelos (1877, citado por Ruivo, 2009):

O novo pedagogo vai guiando o discípulo passo a passo; não o mete num labirinto; apresenta-lhe um plano disposto na melhor ordem e assenta no seu lugar, uma a uma, as pedras do edifício, que são os elementos da língua. Dá a conhecer as letras uma por uma, assim como a sua aplicação e só no fim constitui a cadeira do alfabeto, ligando estes seus elos; não desmembra as palavras em sílabas, as sílabas em letras, apresenta à criança a flor intacta. (p.6)

Gostei imenso da minha primeira experiência como “educadora” ao ensinar e ajudar as crianças a ler as palavras que tinha levado e que estavam relacionadas com o texto que tinha lido anteriormente.

13 de janeiro de 2012

A educadora M. D. começou o dia por dar o Domínio de Matemática com os Calculadores Multibásicos, recorrendo ao jogo das bases. Nesta aula, os alunos trabalharam a soma.

Depois de terem aula de computadores e biblioteca, os alunos já na sua sala realizaram uma proposta de trabalho sobre a letra T.

Antes do almoço, ambas as turmas dos 5 anos tiveram aula de música com o professor P. V. Nesta o professor leu-lhes o livro sobre “*A menina de pedra*”, enquanto a contava, o professor interligava a história com a sua disciplina.

Inferências e fundamentação teórica

O material Calculadores Multibásicos é extremamente importante de se dar a partir da idade dos 5 anos. Com este, os alunos podem começar a fazer, com facilidade, as quatro operações aritméticas, contar quantidades, realizar a leitura de números e fazer situações problemáticas. Segundo Nabais (s.d.), com os Calculadores Multibásicos “é fácil a concretização de vários capítulos da aritmética, em especial das operações do cálculo elementar (as combinações das quatro operações) (...).” (p.63)

Nabais (s.d.) afirma ainda que “com este material é fácil contar utilizando diferentes bases de numeração.” (p.70)

Neste dia a aula o professor de música juntou as duas turmas dos 5 anos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.” (p.64) Hoje, a função dos alunos foi escutar a história que estava relacionada com a música.

16 de janeiro de 2012

Hoje, a minha colega de estágio M. N. começou o dia dando uma aula de Iniciação à Matemática sobre a adição e para isso levou material não estruturado. Esse material era composto por uns pequenos dados e cada menino tinha um par deles em cima da mesa. O objetivo da aula era realizar a soma do número de bolas que saía na face superior do primeiro dado com as bolas do segundo dado.

Mais tarde, a educadora M. D. pediu à minha colega A.I., que a partir de uma imagem que lhe entregou, contasse uma história à turma.

Inferências e fundamentação teórica

A minha colega M.N. trouxe material não estruturado, ou seja, em vez de dar aula de Iniciação à Matemática com os materiais que estamos habituadas ver, levou outros com os quais conseguimos ensinar matemática, de igual modo. Segundo Aranão (1996), “os materiais alternativos não-industrializados podem ser encontrados na própria natureza, tais como: o próprio corpo humano, as pedrinhas, as conchinhas, a areia, a água, o barro, as flores, as folhas secas ou não (...). De posse desses materiais, é possível fazer um trabalho criativo, prazeroso e educativo.” (p.35)

Relativamente a aula da minha colega A.I., gostei muito da atividade que a educadora M. D. propôs. Recasens (1990) afirma que “esta técnica tem como objectivo desenvolver e estimular a criatividade e imaginação das crianças. Neste tipo de actividades surgem sempre histórias engraçadas, por vezes difíceis de imaginar com um grau de criatividade elevada.” (p.50)

É, sem dúvida, uma ideia bastante apelativa porque estamos a interpretar a imagem e a construir um texto para ela, desenvolvendo assim a língua materna e a criatividade das crianças.

17 de janeiro de 2012

Hoje, terça-feira tive como função dar uma manhã de aulas, onde integrasse os três domínios mais pertinentes. Comecei por ler uma história “*Marley, o cão traquinas*”, e pedi aos alunos para dramatizarem algumas das cenas que iam aparecendo no livro. A partir desta leitura fiz a “ponte” para o domínio do Conhecimento do Mundo, onde falei dos animais nomeadamente da classe dos mamíferos. Nesta aula abordei algumas das características mais importantes destes animais e, ao concluir este tema, mostrei-lhes uma chinchila, de modo a confirmarem algumas dessas características. Falei deste animal e fiz questão de que todos os alunos pudessem interagir com ele.

Em seguida, distribui pelos alunos uma proposta de trabalho que tinha uma imagem de uma chinchila e, por baixo da mesma, a seguinte frase: “O pelo deste mamífero é delicado”. O objetivo era colar algodão na cauda da chinchila e pintar a mesma, para depois copiarem nas três linhas a frase que eu pedia. Enquanto alguns dos alunos realizavam a proposta de trabalho, eu chamei um grupo de alunos para lerem as seguintes palavras: verduras e gaiola.

Mais tarde, dei, através do material *Cuisenaire*, a adição e introduzi o tema da propriedade comutativa da adição. Durante este material, preparei o *Cuisenaire* para colocar no quadro, para que os alunos pudessem observar os exercícios e fiz situações problemáticas sobre o tema que tinha sido dando anteriormente.

Inferências e fundamentação teórica

Penso que a minha aula teve os seus momentos altos e baixos. Sem dúvida alguma que o momento alto foi quando mostrei a chinchila à turma e eles puderam tocar e interagir com a mesma. Algo que deixei claro foi que ninguém era obrigado a segurar no animal pois, é normal sentir receio do mesmo. Como afirma Young (2010), “embora muitas crianças se interessem pelos animais entende-se que muitas fiquem nervosas por estarem perto deles.” (p.74)

Nesta aula, entreguei uma proposta de trabalho em que os alunos tinham de realizar uma pequena cópia de uma frase. Essa frase continha apenas as letras que eles já sabiam, de modo a não encontrarem grafemas que não conhecessem. Para além disto a cópia desenvolve a criança em vários aspetos. Como afirmam Condemarin e Chadwick (1987), “a cópia favorece os mecanismos de memorização, tão importantes para as destrezas de estudo. (p. 182) Sendo assim, acho de extrema importância dar pequenas frases ou palavras aos alunos para eles copiarem.

20 de janeiro de 2012

Hoje, foi um dia diferente dos outros. Os alunos da Educação Pré-Escolar receberam um grupo de teatro na escola e como tal foram assistir à peça “Sorrisos Bonitos”. Esta abordou conteúdos sobre os cuidados de higiene dentária.

Já na sala, a minha colega A.I. acabou de contar a sua história (aula surpresa) do dia 16 de janeiro. Depois de a contar, a A.I. fez um ditado gráfico sobre a mesma.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje foi um dia diferente. Uma companhia de teatro dirigiu-se à escola para mostrar às crianças da Educação Pré-Escolar uma peça de teatro. O teatro é, sem dúvida, essencial para a vida das crianças. E é ainda melhor quando as peças estão relacionadas com temas que se aprende na escola, como este. A partir dele, os alunos obtiveram novas

informações e conseguiram complementar aprendizagens sobre a higiene dentária. Segundo Cordeiro (2008), o teatro desenvolve: “a imaginação e a percepção estética, desenvolve um espírito crítico e analítico, é uma actividade lúdica e recreativa (...).” (p.425)

É importante referir que alguns alunos ficaram, no início da peça, com um pouco de medo. Medo esse que desapareceu ao longo da peça de teatro.

23 de janeiro de 2012

Logo de manhã, a educadora M. D. decidiu dar à sua turma os Calculadores Multibásicos e fazer, com a sua turma, o jogo das bases. Durante esta aula, a educadora realizou situações problemáticas referentes à sua vida pessoal, dando exemplos do seu dia-a-dia fora do ambiente escolar.

Em seguida, os alunos tiveram aula de ginástica com o professor J. S. Nesta, os alunos fizeram o aquecimento e, de seguida, realizaram exercícios com bolas.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje, mais uma vez, assistimos a uma aula de Calculadores Multibásicos, aula que, depois, foi complementada com uma proposta de trabalho. Para mim, entregar propostas de trabalho é bastante importante, pois é nelas que vamos poder avaliar e testar os conhecimentos dos alunos e as suas dificuldades.

Neste dia, os alunos desta turma tiveram ginástica com o professor J. S. O papel do professor de ginástica é também bastante importante pois, contribui para o sucesso do aluno em diversas áreas. Lefèvre (1972) afirma que “o professor de educação física e desportiva pode, também, trazer uma contribuição importante para o conhecimento da criança e mais particularmente no que respeita ao carácter.” (p.63) Na aula de ginástica os alunos tiveram a oportunidade de trabalhar com um material que todos gostam muito: as bolas. Segundo Desmond (2011):

Entre os 2 e os 5 anos a capacidade de atirar e apanhar a bola desenvolve-se consideravelmente. A criança aprende a atirar um objeto sem precisar de muito treino, porque atirar é uma ação básica da espécie humana (...). Apanhar é mais difícil para os mais pequenos. (p.50)

É importante referir que as crianças se divertem imenso nas aulas de ginástica.

24 de janeiro de 2012

Coube hoje à minha colega de estágio A. I. dar uma aula durante toda a manhã. Ela começou por iniciar a sua aula contando, através de um livro gigante, a fábula “*A raposa e a cegonha*”, explicando, no final da mesma, a moral da história. Em seguida, começou a dar aula de Conhecimento do Mundo falando das aves nomeadamente da cegonha através de uma apresentação de *PowerPoint*. No final da aula, a A.I. e, de maneira a fomentar a aprendizagem, mostrou um ninho de uma ave.

Em Iniciação à Matemática, a minha colega deu o material *Cuisenaire*, fazendo com este o jogo dos comboios. Em suma, terminou a sua aula realizando um jogo no exterior, em que metade da turma eram cegonhas e a outra metade eram raposas; o objetivo era que as raposas caçassem as cegonhas.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei da aula de Matemática da minha colega. Acho o material *Cuisenaire* bastante interessante e penso que os alunos o “aprovam” como material lúdico para dar este domínio. É importante referir que os materiais, só por si, não conduzem a nenhuma aprendizagem, tendo o educador um papel fundamental neste processo. Os professores devem disponibilizar os materiais e organizar adequadamente o ambiente de aprendizagem.

Nesta mesma aula a minha colega optou por realizar, com este material, o jogo dos comboios, que, segundo Caldeira (2009), “as crianças devem ser estimuladas a fazerem comboios com várias carruagens. Consoante as capacidades e destrezas que se pretendam desenvolver pode se pedir à criança que faça comboios apenas com 2 carruagens, ou deixar que descubram várias carruagens.” (p.137)

O jogo, como afirmam Cordona et al. (2008), “aparece não só no espaço lúdico mas como fonte de aprendizagem onde as crianças, brincando, desenvolvem entre outras capacidades de socialização e de orientação espacial, onde aprende a tomar decisões, a respeitar regras e onde desenvolve a auto confiança e a autonomia, adquire competências de liderança, cooperação e espírito de equipa.” (p.70) No jogo que a A. I. realizou, pudemos observar que ela teve o cuidado de interligar o jogo com as matérias dadas nesse dia.

27 de janeiro de 2012

Hoje eu e a minha colega M. N. tivemos aula surpresa pela educadora responsável de turma. Em primeiro lugar começou a minha colega, que teve como função dar na Cartilha Maternal João de Deus, a lição do *lh* a um grupo de alunos. Depois, a turma A encaminhou-se para a sala de computadores da escola para ter aula de informática com a professora L.

Quando chegaram da aula de informática, eu chamei um grupo de alunos à Cartilha Maternal, para dar a lição das vogais nasalizadas. Nesta relembrei algumas das regras mais importantes da Cartilha, como a regra da sílaba forte e fraca e pedi aos alunos que lessem algumas palavras como: verão, feijão e pavões. Assim que terminassem de as ler, tentava descobrir se eles sabiam o que as suas palavras significavam e explicava-as, pedindo depois para fazerem uma frase sobre a palavra em questão.

Inferências e fundamentação teórica

Mais uma vez adorei ter dado uma lição da Cartilha Maternal João de Deus. Ensinar a ler é algo que motiva e entusiasma qualquer pessoa. Segundo Campagnolo (1979), “o método João de Deus está baseado numa descrição da língua de tipo fonológico, sendo a face fónica das palavras analisadas em unidades que possuem as características essências dos fonemas.” (p.53)

A lição que eu dei, já tinha sido anteriormente dada pela educadora. Aquilo que eu fiz foi apenas uma revisão. Segundo Ruivo (2009), as revisões “constroem na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura” através de “um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor” (p.100)

A primeira ação que os alunos têm na Cartilha e antes de ler a palavra e olhar para a mesma e decifrar as letras de modo a conseguir ler a palavra da melhor maneira. O mesmo autor afirma que “o processo inicia-se com a visão das letras, seguindo-se os sons correspondentes, a leitura das palavras e a pronúncia destas como entidades globais com significado próprio.” (p.2)

Para mim, dar a Cartilha Maternal João de Deus é, sem dúvida, muito especial e gratificante pois, consigo ter a perceção da evolução dos alunos.

30 de janeiro de 2012

Hoje foi também um dia diferente para as crianças da Educação Pré-Escolar. A banda “*Corvos*” foi atuar à escola. Porém, antes dos alunos assistirem a este pequeno concerto, a turma A teve aula de *Cuisenaire* sobre a subtração por parte da educadora M.D.

No concerto, os alunos puderam desfrutar de um momento calmo ao ouvir alguns clássicos infantis tocados em diversos instrumentos.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje foi novamente um dia diferente na escola, desta vez, a banda “*Corvos*” atuou para as crianças. Esta banda é conhecida por tocar melodias com instrumentos clássicos. Segundo Cordeiro (2008), “a música é a arte perfeita. Tem ritmo, cadência, melodia, expressão.” (p.417) À medida que os instrumentos emitiam o som, as crianças cantavam alegremente ao som da melodia.

31 de janeiro de 2012

Neste dia, eu tive a minha aula assistida por parte das professoras da Supervisão da Prática Pedagógica, tendo sido a professora P. C. a assistir à minha aula.

Comecei a aula a ler a história: “Gil Moniz e a ponta do nariz” do livro “*O Macaco de rabo cortado*” de António Torrado. Depois da leitura da história, coleí no quadro imagens referentes às personagens do texto e pedi aos alunos que tirassem o envelope e a proposta de trabalho que tinham por baixo das mesas. Dentro do envelope havia uma palavra e letras móveis para formarem a palavra que também constava no envelope. O objetivo era que os alunos lessem a palavra que tinham e, depois, um deles ia ao quadro colá-la por baixo da respetiva imagem. Na proposta de trabalho, os alunos colavam a palavra na íntegra e por baixo da mesma colavam as letras de modo a fazer a mesma palavra. Por fim, faziam o desenho correspondente à palavra. Enquanto os alunos faziam a proposta de trabalho, foi-me pedido para ajudar a ler a palavra “rapaz” a um aluno, de modo a perceber se dominava as regras da Cartilha Maternal João de Deus.

De seguida, comecei a dar o domínio do Conhecimento do Mundo, falando das aves e abordando as suas características. De modo a fomentar melhor este tema decidi

levar um pinto (personagem que já havia aparecido na história). Os alunos puderam observá-lo, ver a sua comida e ainda puderam pegar no mesmo.

Por fim, terminei a minha aula, dando o material *tangram* fazendo a construção da galinha. Enquanto fazia a construção, ia falando sobre as formas geométricas e dizendo as lengalengas sobre as mesmas.

Inferências e fundamentação teórica

Adorei ter dado esta aula, contundo houve aspetos positivos e aspetos negativos. Um dos aspetos positivos foi o facto de ter lido a história com entoação e expressão. É necessário que a nossa maneira de ler seja como um modelo para as crianças de modo, a influenciá-las para uma leitura correta. Dos aspetos negativos foco o facto de ter pronunciado algumas expressões corriqueiras.. A maneira como falamos vai influenciar não só o discurso oral das crianças como a escrita, por isso devemos ter cuidado com o vocabulário.

Segundo Jorge (2010), o educador “no que diz respeito à leitura tem ainda de se construir a si como um leitor modelo, para que a criança compreenda como é bom ler.” (p.35)

Adams, Foorman, Lundberg, e Beeler (1998, citados por Lopes, 2006) dizem que:

Em idade pré-escolar é importante que as crianças sejam sensibilizadas para o conjunto de sonoridades que produzimos no discurso da fala. Esta sensibilidade virá a revelar-se de inestimável valor no momento em que, na escola primária, as crianças tomarem contacto com a escrita, uma vez que lhes abre a porta para a compreensão do código alfabético e, por arrastamento, para leitura e para a escrita. (p.57)

Por fim, Bellack *et al.* (1996, citados por Pedro (1992) afirmam que “as actividades verbais envolvidas no ensino são sem dúvida actividades recíprocas que abrangem tanto professores como alunos.” (p.53)

Estas foram algumas das lições que eu aprendi, não só com os meus erros como com aquilo que fiz bem.

3 de fevereiro de 2012

A educadora M. D. faltou neste dia e, como tal, uma professora substituiu-a ficando deste modo, responsável pela turma.

A professora pediu aos alunos que comesçassem por acabar as propostas de trabalho que não estavam terminadas. Enquanto eles as acabavam as estagiárias iam ajudando os alunos nas questões em que eles tivessem mais dificuldades.

Por volta das 10h30m, a professora de informática levou os alunos para a aula de informática e biblioteca. Antes de os encaminhar para a sala de informática, a professora fez uma roda com os alunos e falou com eles sobre uma experiência que tinha tido numa viagem que fez aos Açores. Nesta conversa, a L. colocou música ambiente e falou de algumas curiosidades sobre este arquipélago.

Na aula de biblioteca, os alunos puderam ler livros à sua escolha.

Inferências e fundamentação teórica

É primordial abordar o tema da escrita nesta idade. Aos 5 anos as crianças aprendem a ler e a escrever ao mesmo tempo e estas duas estão sempre interligadas.

Silva (2001, citado por Sim-Sim, 2006) diz que “a relação existente entre a linguagem oral e a linguagem escrita “faz com que a sensibilidade infantil à estrutura sonora das palavras desempenhe um papel importante na aquisição da leitura”. (p.140)

Desmond (2011) afirma que “a criança de 5 anos típica consegue normalmente escrever (...) as letras individuais podem ser mal feitas e desarranjadas (...). Nos primeiros dias de escola, em pouco tempo, vai desenvolver rapidamente a capacidade de escrita e, em pouco tempo, irá escrever à mão textos legíveis.” (p.116)

Neste dia, as crianças puderam desfrutar da biblioteca, onde escolheram os livros que queriam ler. Lopes (2006) defende que

os livros deverão estar arrumados numa estante, ou expostos, ao alcance das crianças e deve haver uma grande diversidade de conteúdos e suportes. Deverão ainda, na medida do possível, corresponder aos múltiplos interesses das crianças, e aos diferentes níveis de desenvolvimento que o grupo comporta. (p.71)

É importante referir que algumas das crianças já conseguiam ler sozinhas os livros que escolheram.

6 de fevereiro de 2012

A minha colega de estágio M. N. deu, neste dia, a sua aula que teve a duração de uma manhã inteira. Ela começou a aula dizendo uma adivinha, para que deste modo os alunos descobrissem o tema da aula. Depois de descobrirem o tema, a M. N. ensinou a adivinha e voltou a dizê-la de várias maneiras para que fosse mais fácil para a turma decorá-la. Em seguida, entregou uma proposta de trabalho de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita sobre os peixes e chamou à Cartilha Maternal um grupo de alunos para lerem a palavra cardume.

Na aula de Conhecimento do Mundo, a minha colega começou por mostrar um excerto do filme “*A procura de Nemo*” e, em seguida, mostrou uma apresentação de *PowerPoint* sobre a classe dos peixes. No final desta aula, mostrou um peixe vivo e ofereceu-o à turma e levou ainda outro peixe mas morto, de modo a que as crianças pudessem sentir as suas escamas. Na aula de Iniciação à Matemática, a M. N. falou num material novo, as Calculadoras *Papy*. Infelizmente, a minha colega não conseguiu terminar esta aula na parte da manhã.

Inferências e fundamentação teórica

As calculadoras *Papy* são um material pouco utilizado, mas que tem várias potencialidades na domínio da Matemática. Segundo Caldeira (2009), “o material (...) consiste numa série de painéis, divididos em quatro partes: cada uma das partes tem uma cor diferente do material Cuisenaire e representa um valor numérico.” (p.345)

No geral penso que a aula da minha colega de estágio M. N. correu bastante bem.

7 de fevereiro de 2012

Hoje foi o dia dos pais. É neste dia que alguns pais têm a oportunidade de assistir às aulas dos seus filhos.

A educadora M. D. começou o dia a falar com os pais sobre o que iria fazer durante a manhã com a turma. Começou então por dar o domínio da Matemática, nomeadamente o 3.º e 4.º Dons de *Froebel*, onde realizou a construção da ponte alta e depois da camioneta. Durante esta, a educadora incentivou os pais a ajudarem os filhos e a participarem na aula.

Em seguida, os pais e as crianças encaminharam-se para o recreio, onde puderam brincar livremente. Depois deste, os alunos fizeram uma proposta de trabalho de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Na proposta de trabalho havia um pequeno texto, mas existiam espaços em branco. O objetivo era colar imagens no sítio correto do texto. Para isso, os alunos tinham de ler o texto, para perceber em que sítio iriam colocar as imagens.

Inferências e fundamentação teórica

O dia dos pais é um dia diferente, não só para os alunos como para a própria educadora. Neste dia, os pais dirigem-se à escola para assistirem às aulas dos seus filhos. Aqui, a professora tenta mostrar as potencialidades das crianças de modo a que os pais se apercebam das qualidades dos seus filhos.

Acho interessante esta parceria entre a escola e os pais. Cada vez mais, os pais têm um papel participativo na escola. E a escola juntamente com os educadores/professores devem aproveitar, tirando proveito daquilo que os pais podem dar e transmitir.

Nóvoa (1992, citado por Dutschke, 2009) afirma que “nas escolas com maior intervenção dos pais e famílias o desenvolvimento dos alunos é melhor” (p.22) A mesma autora defende ainda que:

O envolvimento da família na educação escolar dos filhos poderá indicar, à escola, a necessidade de conhecer melhor os pais dos seus alunos e realizar um trabalho em conjunto, tendo como objectivo, entre outros, inculir nas crianças qualidades de carácter, honestidade, justiça, tolerância e abertura de espírito, partilha da experiencias, respeito pela diversidade e dignidade humana. Todo este envolvimento pode levar a um progresso da criança, numa atmosfera que consolide o crescimento e a aprendizagem nesses dois ambientes socializadores. (p.23)

Eu concordo plenamente com o que a autora defende. É extremamente importante que haja uma maior ligação entre as escolas e os pais porque, sem dúvida, essa ligação vai favorecer as aprendizagens dos alunos.

10 de fevereiro de 2012

Este foi o último dia de estágio neste grupo.

Como tal, a minha colega A. I. deu uma pequena aula de Iniciação à Matemática com os Calculadores Multibásicos, realizando o jogo das bases.

No final do dia, a educadora M. D. entregou uma proposta de trabalho à turma e, enquanto isso, a meu pedido, dei uma lição na Cartilha Maternal João de Deus a um grupo de alunos. Nesta, dei a lição n.º 12 que diz que a vogal «e» e «i» que juntas na mesma sílaba lê-se «ei». Nesta lição pedi que me lessem as seguintes palavras: lei, deitei, beija e leia.

Inferências e fundamentação teórica

Sinto-me cada vez mais motivada e mais à vontade para dar a Cartilha Maternal João de Deus e isso deve-se à educadora, que sempre se disponibilizou a ajudar-me a ultrapassar todas as minhas dificuldades e a deixar-me dar várias lições ao longo do período de estágio. Segundo Ruivo (2009), a eficácia deste método advém de:

i) contribua para o desenvolvimento total do aluno; ii) fomenta a actividade do aluno no processo de aprendizagem, assim como a intercomunicação entre os alunos; iii) se adapte ao ritmo e às características individuais do aluno; iv) seja intrinsecamente motivante; v) se desenvolva num ambiente relaxado e de liberdade controlada; vi) torne possível ao aluno o conhecimento dos seus progressos, permitindo a evolução da sua aprendizagem, e vii) permita a transferência para outros domínios. (p.121)

Por estes motivos, é que o método de leitura João de Deus é tão importante e eficaz.

1.4. Secção 4 – Seminário da realidade educativa

27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012

Durante esta semana, tive a oportunidade de estagiar numa creche na zona de Alvalade. Eu, juntamente com as minhas colegas escolhemos este local para estagiar. Porém, por motivos pessoais, estagiei apenas nos três primeiros dias.

Durante esses três dias, eu e a minha colega, ficámos todos os dias em salas diferentes, para que pudéssemos ver a dinâmica e as metodologias das várias educadoras.

No primeiro e no segundo dia fiquei na sala do 1 ano. Nesta fiz diversas atividades com os alunos como expressão plástica, onde os alunos tinham de pintar, com o nosso auxílio, um cão. Observei também a educadora a contar diversas histórias. Uma delas falava dos contrastes: alto/baixo, pequeno/grande, das cores e ainda dos animais.

No meu último dia fiquei na sala dos 2 anos. Nesta sala assisti à aula de música, onde os alunos cantaram algumas músicas infantis enquanto a professora tocava flauta e observei ainda uma aula por parte da educadora V. sobre os insetos.

Inferências e fundamentação teórica

Considero que estes 3 dias passados na creche foram muito enriquecedores, pois foi a primeira vez que tive contacto com crianças em idade de creche.

Foi bastante agradável observar crianças de 1 ano a realizar atividades dinâmicas como a expressão plástica e sentir o entusiasmo das mesmas a brincarem com as tintas.

A creche é, cada vez mais, uma opção para os pais deixarem os seus filhos. De acordo com Oliveira, Mello, Vitória e Ferreira (1992), “a creche é um dos contextos de desenvolvimento da criança. Além de prestar cuidados físicos, ela cria condições para o seu desenvolvimento cognitivo, simbólico, social e emocional.” (p.64)

Os pais querem o melhor para os seus filhos, por isso procuram estabelecimentos e profissionais competentes para os deixar.

1.5. Secção 5 – Estágio no 1.º Ano de Escolaridade

1.5.1. Professora Cooperante

A professora titular do 1.º Ano do Ensino Básico da turma é a P. C.

É uma professora que revela ter grande experiência profissional no 1.º Ano, pois já se encontra neste ano de escolaridade há bastante tempo, tornando-a numa docente bastante responsável e madura que revela ter os seus conhecimentos científicos muito bem apreendidos.

Relativamente à relação com os seus alunos, a professora P.C. consegue impor o respeito nas suas aulas mas é, ao mesmo tempo, uma professora extremamente cuidadosa e preocupada com o bem-estar do seu grupo de trabalho.

Quanto à relação que mantem com as estagiárias revelou ter muita paciência, esclarecendo-nos sempre todas as dúvidas. Disponibilizou ainda sempre todos os materiais e tratou-nos sempre muito bem.

1.5.2. Caracterização da Turma/Grupo

A turma do 1.º ano é constituída por vinte e oito alunos: catorze elementos do sexo feminino e catorze elementos do sexo masculino. No início do ano letivo, apenas dezasseis elementos tinham completado seis anos de idade.

A nível cultural, a turma é bastante participativa e interessada pelo meio ambiente que a rodeia e, na sua grande maioria, muito estimulada pelos familiares.

A partir dos testes diagnósticos, realizados no início do ano pela professora, ao nível do Português as principais dificuldades centram-se na leitura e escrita de pequenos textos ou frases, bem como na interpretação. Existem doze alunos que leem textos simples de forma satisfatória e os restantes estão a rever, individualmente, todas as lições da Cartilha Maternal João de Deus, em grupos, segundo o seu ritmo de aprendizagem. Para além das dificuldades sentidas na leitura, a maioria da turma não soube aplicar e identificar os sinais gráficos de acentuação e pontuação.

Quanto à área curricular de Matemática, a turma demonstra dificuldades na aplicação dos sinais de maior (>) menor (<), bem como na decomposição de números.

Um elevado número de alunos ainda inverte os algarismos, embora reconheçam a quantidade. Demonstram um conhecimento satisfatório dos materiais manipuláveis de Matemática.

1.5.3. Caracterização do Espaço

A sala do 1.º Ano A encontra-se no salão. Dentro desta encontram-se mesas para os alunos, dispostas em três filas de frente para o quadro de giz. Para a professora da turma existem duas secretárias, uma pequena onde está o computador e a impressora da sala, e outra maior onde a professora trabalha.

Numa das paredes está afixado um alfabeto e noutra temos um *placard* que contém afixados desenhos realizados pelos alunos da turma e ainda alguns trabalhos.

Nesta sala podemos ainda encontrar dois móveis onde estão dispostos os *dossiês* dos alunos do 1.º Ano A.

A sala é pouco iluminada.

1.5.4. Rotinas

As duas turmas do 1.º ano começam o dia, juntamente com os outros anos, na roda. De seguida, antes de irem para a sala, vão à casa de banho e depois é que seguem para a sala de aula, onde permanecem até às 11h. Das 11h às 11h30m, as crianças vão para o recreio e comem o lanche da manhã composto ou por bolachas ou pelo pão com manteiga.

Antes de voltarem para a sala, voltam a ir à casa de banho. Permanecem, depois, na sala até à 13h e de seguida vão para o refeitório.

1.5.5. Relatos Diários

5 de março de 2012

Hoje começou um novo ciclo. Durante o semestre passado, tive a oportunidade em estagiar numa escola na valência da Educação Pré-Escolar. Hoje começou a estagiar no 1.º Ciclo do Ensino Básico na mesma escola.

Contudo, devido a problemas de saúde, não compareci no estágio neste dia.

6 de março de 2012

Comecei este semestre a estagiar na sala do 1.º ano A da professora A. P.

Hoje a professora responsável da turma teve aula assistida pela escola. Como tal, esta deu aula de Matemática sobre leitura de números por ordens e classes, introduzindo nesta o valor relativo de um número. Ao dar esta temática, a professora utilizou como material, os Calculadores Multibásicos.

Mais tarde, a professora fez com a sua turma um ditado misto. Neste a professora escreve duas palavras do texto no quadro. Os alunos observam-nas e lêem-nas e só depois de as lerem é que a professora apaga as palavras e os alunos escrevem, por fim, o que leram.

Inferências e fundamentação teórica

É importante diferenciar a Educação Pré-Escolar da educação do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pois são bastante diferentes. As crianças do 1.º Ciclo têm diferentes deveres, tornando-as mais responsáveis e conhecedoras ao longo dos 4 anos de ensino; e durante os mesmos 4 anos, os docentes têm de seguir um programa de modo a transmitirem, adequadamente e com sequência, os conhecimentos. Segundo o Ministério de Educação (2004), o programa para o 1.º Ciclo do Ensino Básico constitui “uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem activas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam, efectivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno.” (p.23)

Durante esta manhã, a atividade que prendeu mais a minha atenção foi o ditado. No ditado misto, os alunos, para além de escreverem, também leem e interpretam, juntando três das mais importantes categorias do programa da área do Português. Este também desenvolve a capacidade de memorização dos alunos, algo que deve ser estimulado nestas idades.

9 de março de 2012

Hoje os alunos do 1.º ano A fizeram uma ficha de avaliação da área da Matemática. A realização desta ficha demorou aproximadamente 1h30 min.

Mais tarde, a professora entregou aos seus alunos uma ficha de Português sobre interpretação de texto. A proposta de trabalho estava relacionada com um texto do

manual, que tinha sido dado como trabalho de casa. O objetivo era perceber se a turma tinha realizado a leitura do texto, através das respostas que eles davam às questões.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje os alunos do 1.º Ano A realizaram uma proposta de trabalho que vinha associada à realização do trabalho de casa. Assim, só os alunos que tivessem concretizado essa tarefa em casa conseguiriam resolver a mesma sem problemas. Os trabalhos de casa servem para as crianças aprofundarem o conhecimento adquirido na escola no seu meio ambiente. Segundo Rosário (2012), os TPC “têm uma função instrutiva e de promoção de autonomia (...) pois quando um aluno se empenha e não consegue fazer, leva as dúvidas para a aula (...) existindo um *feedback* do trabalho do aluno e do professor.” (p.1) O trabalho de casa acaba então por ser um incentivo à aprendizagem e também um método de avaliação.

Para além da importância do TPC na aprendizagem dos alunos, esta atividade acaba por influenciar e desenvolver o sentido de responsabilidade nas crianças.

12 de março de 2012

Neste dia a minha colega M. N. deu uma manhã de aulas começando por dar a área de Português, nomeadamente um texto “Sou uma árvore”. A partir deste, a minha colega reviu os valores da letra «s», entregando por fim, de modo a consolidar a matéria, uma proposta de trabalho.

Inferências e fundamentação teórica

É muito importante, nesta idade e no “mundo” João de Deus, rever as letras da Cartilha Maternal, de modo a relembrar algumas regras e peculiaridades aos alunos. Este método serve para potenciar o ensino e aprendizagem da leitura nos alunos e essa transmissão deve ser feita cuidadosamente e através de noções claras. De acordo com Ruivo (2009), “nos Jardins Escolas as educadoras desenvolvem as competências linguísticas das crianças porque estão sensibilizadas para a importância da linguagem no desenvolvimento humano.” (p.119) No 1.º Ano, a professora titular, devido ao trabalho realizado no ano anterior pela educadora desta turma, acaba somente por rever as regras e os vários valores das letras. Deus (1997) afirma que “a descoberta de valores e regras a

aplicar é um jogo que as crianças vão progressivamente descobrindo, numa atitude construtiva que lhes dá muita satisfação.” (p.10)

Apesar de a Cartilha Maternal ser dada na faixa etária dos 5 anos, as professoras do 1.º Ano do Ensino Básico recorrem às regras da mesma, sempre que necessário.

13 de março de 2012

Hoje, foi a vez de os alunos realizarem a ficha de avaliação de Português. Nesta, os alunos resolveram exercícios de interpretação de texto, sinónimos/antónimos, ordenação alfabética, tipos de frase, nomes e por fim realizaram uma composição cujo tema era: “*Se fosse herói por um dia...*”

Depois da realização da ficha de avaliação, a professora A. P. corrigiu a proposta de trabalho, entregue no dia anterior sobre a letra «s» pela minha colega de estágio.

Antes de irem almoçar, o professor de ginástica reuniu as duas turmas do 1.º ano para falar sobre o concurso de dança que iria realizar no dia 15 de março.

Inferências e fundamentação teórica

O concurso de dança é um evento que é organizado anualmente nesta escola. Nele participam todas as turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, mas as competições são realizadas entre os mesmos anos. Durante a explicação sobre o evento, o professor esclareceu algumas dúvidas aos alunos, confirmou os pares e ainda as músicas. Era evidente a alegria, satisfação e motivação dos alunos durante a conversa sobre o concurso de dança. Sousa (1979) afirma que “a Dança Educativa (ou Criativa) é constituída por propostas de movimento, organizadas, integradas e objectivadas por forma a tornarem-se expressivas.” (p. 9) Este reforça ainda a ideia de que a dança ajuda a criança a descobrir o seu movimento “(...) como meio de expressão e de desenvolvimento de ideias, na descoberta das suas próprias formas de movimento, estendendo estas descobertas à percepção do espaço, do tempo e dos objectos.” (p.10)

A dança ajuda a criança a pensar, a agir e a mover-se livremente, desenvolvendo nela competências quer físicas quer lógicas.

16 de março de 2012

Hoje, ambas as turmas do 1.º ano tiveram uma visita de estudo à *Kidzania*. Antes de iniciar a visita, a professora reuniu-se com os seus alunos na sala de aula para falar sobre as regras de segurança nas passagens do autocarro para a *Kidzania* e vice-versa e ainda sobre o que poderiam encontrar e realizar na mesma.

Durante toda a visita, os alunos puderam fingir ser adultos e atuar com tais. Realizaram diversas atividades e experimentaram diferentes profissões.

Inferências e fundamentação teórica

Esta é uma das visitas de estudo que os alunos mais apreciam. Para Krepel (1981, citado por Rudmann, 1994), posteriormente citado por Almeida (1998), “uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objectivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais.” (p.51)

A *Kidzania* é um local onde as crianças podem ser adultos. É um mundo, onde elas necessitam de ganhar dinheiro, os *kidzos*, para comprarem alimentos, objetos pessoais ou ir ao cabeleireiro. As crianças podem ser desde jornalistas, médicos, a senhor/a de caixa de supermercado ou a carteiro. Por cada profissão que fazem recebem uma remuneração em *kidzos*. Com esses, as crianças podem-se alimentar, ir às compras, entre outras coisas. Neste ambiente, os alunos foram ainda confrontados com algumas realidades quando algumas das crianças foram assaltadas por outras. Depois destes acontecimento manifestou-se um sentimento de angústia e frustração nas crianças assaltadas. Para Marinha (1989), a angústia” pode ser uma reacção perante o desconhecido ou o insólito, pode ser o desespero provocado por um sentimento de impotência, traduzir um protesto contra uma injustiça (...).” (p.109)

A *Kidzania* mostra na minha opinião, um pouco da realidade que nós adultos vivemos. Dá-lhes a noção de que, para quererem ter algo, precisam de trabalhar e que sem o trabalho não existe nada.

19 de março de 2012

Hoje, a minha colega teve a sua primeira aula assistida.

Esta começou por dar à turma a área de Matemática, onde com o auxílio dos Calculadores Multibásicos, deu a noção de maior algarismo de valor absoluto. De seguida na área do Português a partir de uma apresentação de *PowerPoint* e de uns cadernos que entregou individualmente a cada aluno presente, deu as regras de acentuação. Nesse caderno, os alunos a partir de uma pequena informação tinham de colar o nome do acento e a imagem do mesmo. Por fim, a última área foi a de Estudo do Meio, onde também a partir de uma apresentação de *PowerPoint*, a minha colega falou do grilo. Para dinamizar mais esta última aula, a M. N. levou um grilo para que os alunos pudessem observar as suas características.

Inferências e fundamentação teórica

Os Calculadores Multibásicos são um material de Matemática que ajuda a desenvolver alguns conceitos e aprendizagens matemáticas nos alunos. Segundo Caldeira (2009), este material permite trabalhar diversos conteúdos como a “contagem de quantidades; ordenação; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição; leitura de números inteiros; introdução da base decimal; operações aritméticas e situações problemáticas. (p. 188) Sendo assim, a minha colega aproveitou este material para dar uma noção matemática através do jogo das torres.

Para Alsina (2004), é importante o uso da manipulação de diferentes materiais no processo de ensino-aprendizagem “ já que a partir de um ensino diversificado, rico em recursos e estratégias para abordar uma mesma aprendizagem, se conseguirá que as aprendizagens matemáticas sejam interiorizadas de forma significativa e aumente o grau de consciência sobre elas.” (p.9) Assim, através de um jogo e da manipulação de materiais, a compreensão sobre um tema será feita mais rápida e com melhores resultados.

20 de março de 2012

Neste dia a professora A. P. decidiu que eu ia dar, à sua turma, os determinantes artigos definidos (aula surpresa), da maneira que eu quisesse.

Como tal, decidi escolher do manual de Português o texto “*Meu pai é lavrador*” de Matilde Rosa Araújo. Depois da minha leitura modelo e de ter pedido a alguns alunos

para lerem o texto, expliquei algum vocabulário e realizei algumas perguntas de interpretação sobre o texto. Como no dia anterior tinha sido o dia do pai (razão pela qual escolhi este mesmo texto), perguntei aos alunos quais eram as profissões dos seus pais e o que tinham oferecido aos mesmos. De seguida, procedi à explicação dos determinantes artigos definidos, começando pela explicação da classe dos determinantes. Depois expliquei os artigos definidos através de um esquema no quadro, com exemplos de frases que continham determinantes artigos definidos do texto.

Por fim, a professora realizou uma proposta de trabalho sobre os determinantes artigos definidos, e nessa eu pedi que, a verde, os alunos circundassem no excerto do texto, todos os determinantes artigos definidos.

Inferências e fundamentação teórica

Uma das singularidades que tenho, ao dar aulas, é a proximidade que mantenho ao fazê-lo com os alunos. A relação estabelecida é maior, pois ao mesmo tempo que lhes transmito conteúdos, dou também a conhecer-me um pouco mais. Segundo Bento (1994), a relação pedagógica “não se funda em amizade (...) mas sim nas obrigações sociais e profissionais.” (p.9) Contudo este mesmo autor afirma que quando “os alunos consideram o professor «amigo», isto traduz um elevado apreço e também uma grande expectativa em dedicação, entrega e empenhamento.” (p.9) Para mim é essencial que exista uma boa relação entre alunos e professor dentro da sala de aula, pois essa relação pode influenciar no sucesso escolar dos alunos.

23 de março de 2012

Hoje dei uma manhã de aulas e, como tal, decidi começar pela área do Português. Nesta entreguei um livro feito por mim a cada aluno, com a história “*A lebre e a tartaruga*” de António Torrado. Comecei por fazer a leitura modelo e de seguida pedi a alguns alunos para lerem. Posteriormente, e depois de ter feito a interpretação de texto, revi os determinantes artigos definidos, para iniciar de seguida, a explicação dos determinantes artigos indefinidos. Através de frases, pedi aos alunos para identificarem nas mesmas, os determinantes artigos indefinidos. Por fim, realizei um jogo com a turma: cada fila de mesas ficava com uma página do livro. Nessa, os alunos tinham de circundar todos os determinantes artigos indefinidos.

A seguir à aula de Português, passei para a aula de Matemática onde dei as horas através da tabuada do cinco. Nesta, à medida que ia explicado as horas, ia contando uma história sobre o dia-a-dia de uma menina. Por fim, na aula de Estudo do Meio, mostrei uma tartaruga verdadeira e falei da classe dos répteis, especialmente da tartaruga.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje acho pertinente falar sobre o ato de ler. Como neste ano de escolaridade grande parte dos alunos ainda sente dificuldade na leitura, acho que é relevante fazer a leitura modelo pois, a partir desta, os alunos ganham bons vícios ao ler depois o mesmo texto. Como afirma Fernandes (2009):

As crianças devem ouvir ler o adulto para se apropriarem de bons modelos de leitura: ler em voz alta às crianças fortalece os vínculos afectivos entre quem lê e quem ouve, estimula o prazer de ouvir, o prazer de imaginar, facilita a aquisição e o desenvolvimento da linguagem e faz emergir a vontade de querer aprender a ler. (pp. 63-64)

Para além de lhes dar um modelo na leitura, nestas idades é bastante importante criar nas crianças o gosto pelo livro, nomeadamente pela leitura, sendo necessário criar situações motivadoras que coloquem a criança e o livro em permanente contato.

10 de abril de 2012

Hoje foi o primeiro dia de aulas, depois das férias da Páscoa. A professora A. P. falou com os seus alunos sobre as férias e pediu a um deles para ir contar à turma uma história que ele ouvira durante as mesmas. O nome dessa história era “*A fadinha do coração*”. Esta falava sobre uma fada que era muito boa e que tinha como objetivo ajudar os outros. Depois desta, a professora fez a avaliação de leitura através do texto “*O dragão Samuel*”. De seguida, pediu aos alunos para copiarem, para uma ficha, um pequeno excerto dessa mesma história.

Inferências e fundamentação teórica

A cópia é um modelo de aprendizagem já muito conhecido tendo esta diversas utilidades para a criança, como afirmam Condemarin e Chadqick (1987), “permite praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e

manutenção de regularidade de tamanho e proporção, alinhamento e inclinação.” (p.182) Para além disto, as crianças ao realizarem esta tarefa vão estar ao mesmo tempo a praticar a leitura pois, ao copiarem, vão treinando a leitura e vão melhorando também a fluidez na escrita.

13 de abril de 2012

Hoje fui assistir à aula de uma aluna estagiária, que se encontrava no 2.º ano A. Esta deu em Português os graus dos adjetivos. Para isso entregou uma ficha com um texto que falava sobre uma árvore e a partir de frases desse mesmo texto, a aluna deu o tema proposto. Ainda a partir desse mesmo texto, a estagiária deu em Estudo do Meio as plantas. Por fim, finalizou a sua aula com a área de Matemática, onde deu a noção do perímetro através do material geoplano.

Inferências e fundamentação teórica

O material geoplano é utilizado também no 1.º Ciclo do Ensino Básico principalmente quando queremos dar a noção de área ou de perímetro. Através dos elásticos e dos pregos conseguimos construir figuras que nos permitem, posteriormente, abordar estes temas de forma simplificada. Para além destas noções, através do geoplano podemos trabalhar outros conteúdos como “as propriedades de cada figura (número de lados, diagonais, etc.); (...) as relações espaciais, usando sobretudo sistemas de coordenação (posição, distâncias, etc.); a aplicação de algumas transformações; etc.” (p.70), como afirma Alisna (2004). Assim, podemos contatar que este material é um recurso muito útil para a análise de figuras geométricas.

16 de abril de 2012

Hoje existiram novamente aulas assistidas, e como tal eu e a minha colega de estágio fomos assistir à aula da aluna estagiária que se encontrava no 1.º ano B. Esta começou por contar a história “*O sapo apaixonado*” através de um livro por ela elaborado. De seguida, realizou a interpretação do texto com os alunos exigindo sempre respostas completas. Depois, entregou aos alunos uma proposta de trabalho e um envelope que continha 4 imagens. O objetivo era colocar as imagens pela ordem correta e

formar uma frase sobre a história. Na área de Matemática, deu o 3.º e 4.º Dons de *Froebel*, onde fez a construção do poço. Relativamente à área de Estudo do Meio, a aluna acabou por não dar devido a problemas técnicos.

Inferências e fundamentação teórica

Os *dons de Froebell* são um material manipulativo que tem diversas funcionalidades na aprendizagem de conteúdos matemáticos. A partir de diversas construções, os alunos aprendem de uma maneira lúdica (muitas vezes através de uma história). Segundo Caldeira (2009), “este material é composto por duas caixas: uma do 3.º Dom e outra do 4.º Dom. (...) podemos fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos. As crianças dispõem de 16 peças: 8 cubos e 8 paralelepípedos.” (p.277)

A minha colega aproveitou este material para trabalhar com os alunos o cálculo mental, competência que deve ser trabalhada nas crianças desde muito cedo. Morgado (1993) declara que “as tarefas de cálculo mental são normalmente actividades altamente motivadoras para as crianças. (...) O professor pode fornecer aos alunos material manipulável, estruturado ou não, para fomentar a construção das operações.” (p.63) Este material, sendo um material abstrato, ajuda a trabalhar o cálculo mental nas crianças.

17 de abril de 2012

Hoje dei novamente aula. Desta vez, comecei por abordar em primeiro lugar a área de Matemática onde, falei das simetrias. Para isso entreguei a cada aluno uma imagem partida ao meio e um espelho. Através do espelho posicionado na vertical, os alunos conseguiam ver a outra metade da imagem. Depois desta atividade, entreguei um geoplano a cada par de alunos que se encontravam na sala e, através de uma história, ia pedindo para construir imagens do lado esquerdo do material para, depois realizarem a simetria dessa mesma imagem do lado direito. Depois da Matemática, dei Português, onde falei das regras básicas da translineação. Nesta aula tive alguns problemas com o *data-show* mas, como alternativa a esses, usei o quadro para explicar o tema. Para verificar se os alunos tinham de facto percebido esta matéria, entreguei uma ficha formativa sobre a mesma. Nessa, tinha um texto de uma notícia que falava sobre tubarões

(tema que iria abordar logo de seguida) e, no verso da folha, tinha um exercício onde os alunos tinham de fazer a translineação de algumas palavras desse texto.

A seguir ao recreio, as duas turmas do 1.º ano e do 2.º ano tiveram uma palestra sobre os Açores. Nesta, os alunos ficaram a saber mais sobre todas as ilhas que compõem o arquipélago do Açores e de toda a natureza envolvente.

Devido a esta palestra não consegui dar, neste dia, a minha aula de Estudo do Meio.

Inferências e fundamentação teórica

Para mim a aula que correu melhor foi a de Matemática pois foi a mais lúdica e com mais atividades. A aula começou com uma pequena experiência em que os alunos, através de um espelho, perceberam o que era a simetria. Ponte e Serrazina (2000) afirmam que “actividades com espelhos são normalmente muito apreciadas e são de grande utilidade para a formação da ideia de figuras simétricas e de eixos de simetria de uma figura.” (p.176) De seguida, e através de uma história, os alunos trabalharam em pares com o geoplano, de modo a aplicarem os conteúdos que aprendidos anteriormente. O facto de trabalharem em grupo favorece a aprendizagem, pois coloca cada aluno em relação com outros saberes, ideias, outras técnicas e outros modos de pensar.

20 de abril de 2012

Hoje a professora teve de dar aula não só aos seus alunos, mas também aos pais dos mesmos.

A manhã começou com a aula de Matemática, onde a professora explorou o cálculo mental dos seus alunos. Para isso, realizou a construção da lareira com o 3.º e 4.º Dons de *Froebel*. Depois do recreio, a turma dirigiu-se para o ginásio para ter a “Hora do Conto”, onde os alunos puderam ouvir e ver a dramatização da história “*Sobe e desce*” de *Oliver Jeffers*. Quando regressaram à sala, a professora realizou com os seus alunos um pictograma sobre a aula de matemática, que a mesma tinha dado anteriormente. Por fim, a turma teve uma aula de expressão plástica com a professora L. Nesta a professora falou um pouco da origem dos *origamis*, material que iria construir de seguida com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

É bastante importante o envolvimento dos pais na vida académica dos filhos e esta iniciativa da escola é, para mim, muito importante. Neste dia, os pais têm a oportunidade de regressar à escola e de estar com os seus filhos na sala de aula e observarem o seu dia. Segundo Davies, Marques e Silva (1993), “quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento.” (p.24) A maior parte das crianças sentiu-se mais confortável e com mais vontade de participar nas atividades neste dia, pois queriam mostrar o que sabiam aos seus pais. Os mesmos autores afirmam que “os alunos também beneficiam porque aprendem mais e revelam maior motivação para o estudo.” (p.108)

No final da manhã, os alunos aprenderam a realizar alguns *origamis* com ajuda da professora e dos pais. Segundo Segundo Godinho e Brito (2010), “as artes plásticas (...) assentam essencialmente em actividades de expressão, fruição, experimentação e descoberta, que constituem pilares sobre os quais as aprendizagens futuras e a personalidade se vão edificar.” (p.9)

Este foi, assim, um dia diferente repleto de atividades lúdicas.

23 de abril de 2012

Hoje, eu e a minha colega assistimos a uma aula do 2.º ano, cujo tema era a comunicação social. Este tema foi abordado através de um *site*, que falava dos vários tipos de meios de comunicação, das suas características e das suas funções. Depois, de modo a fundamentar o que tinha dito, mostrou à turma um pequeno vídeo onde mostrava a evolução dos meios de comunicação. Na aula de Português, através de uma apresentação *de PowerPoint*, a minha colega reviu os verbos. No final fez um jogo, com o formato do jogo televisivo “*Quem quer ser milionário*” cujas perguntas estavam relacionadas com o tema anterior.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula pude verificar a influência que as novas tecnologias têm no ensino. Através do computador e de um *site*, a minha colega transmitiu os conhecimentos que pretendia transmitir à turma. Durante esta aula era evidente a atenção dos alunos. Segundo Chamorro (2003, citado por Alves e Morais, 2006), os diferentes recursos que utilizamos “são os meios que o professor utiliza para ensinar dentro e fora da sala de aula, ou seja, como apoio à sua leção.” (p.336) Segundo os mesmos autores “os recursos

devem ser criados, produzidos, adaptados e aplicados durante a ação educativa e para o desenvolvimento do processo cognitivo”. (p.336) Na minha opinião, estes recursos, nomeadamente as Tecnologias de Informação e Comunicação, constituem um material precioso e um suplemento necessário para atingir os objetivos de aprendizagem.

24 de abril de 2012

Neste dia, a minha colega M. N. deu a sua última aula assistida. Esta começou por dar a área de Matemática, onde deu, pela primeira vez a esta turma, as Calculadoras *Papy*. Nesta, a minha colega realizou problemas básicos, para que os alunos percebessem o método deste material. Em Português, falou da carta e pediu que os alunos fizessem uma carta para um amigo, realizando assim o jogo do amigo secreto. Para isso, a M. N. entregou um envelope, com uma carta e o nome do amigo para quem iam escrever a mesma. Enquanto iam escrevendo, a M. N. ia mostrando uma máquina de escrever antiga aos alunos. Por fim, na área de Estudo do Meio, a minha colega abordou o tema das aves e realizou uma experiência com as penas das mesmas. No final desta, entregou a cada aluno uma ficha formativa, de modo a consolidar os conhecimentos dos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje foi a primeira vez que estes alunos trabalharam com as calculadoras *Papy*; como tal, a minha colega começou por problemas básicos, para que os alunos se habituassem ao mesmo e às suas regras. Segundo Caldeira (2009), com este material a criança aprende “a descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema; reconhece a compreensão do sentido do número e das operações; desenvolve o cálculo; resolve situações problemáticas.” (p.347)

Para além desta novidade, outro momento alto desta aula foi a experiência realizada pela minha colega. Para as crianças é muito importante visualizarem os acontecimentos nas experiências de maneira a confirmarem o que está certo e o que está errado. Através desta, os alunos certificaram que a água não passa pelas penas, pois estas são impermeáveis.

27 de abril de 2012

Neste dia, concluí a área de Estudo do Meio.

Comecei por falar das características dos peixes e para isso levei um peixe para que os alunos pudessem observar essas mesmas características. Depois, através de uma apresentação de *PowerPoint*, falei sobre um peixe específico: o tubarão. Sobre este animal, falei da sua fisionomia, da sua alimentação, reprodução, entre outros. No final, para consolidar, entreguei uma ficha informativa sobre a classe dos peixes e sobre o tubarão.

Hoje, a minha colega teve também a sua aula surpresa, a pedido da professora. Ela, através do material *Cuisenaire*, abordou as frações. Para isso, a minha colega utilizou exemplos do dia-a-dia, como o chocolate dividido em partes iguais e ainda a *pizza*.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje, no último dia de estágio nesta turma, foi também o dia em que terminei de dar a minha aula de Estudo do Meio, porém, antes de começar a falar na classe dos peixes optei por conversar um pouco com os alunos de modo a acolher e deixar os mesmos relaxados. Segundo Belchior (2004):

O primeiro momento, ou seja, o de acolhimento, consiste essencialmente em realizar uma conversa participada e animada com todas as crianças (...). Cada momento inicial diário deve ser entendido como um espaço de acolhimento, onde se pode e deve dialogar com as crianças no sentido de as predispor para a acção educativa. (p.112)

Assim, antes de iniciar a transmissão dos conhecimentos, preparei a turma para a manhã de aulas que iriam ter.

1.6. Secção 6 – Estágio no 2.º Ano de Escolaridade

1.6.1. Professora Cooperante

A responsável pela turma dos 7 anos é a professora P. G.

A professora P.G. revela ter os conhecimentos bem aprofundados e consegue transmiti-los à turma de forma dinâmica. Todos os dias tenta melhorar como professora e aprender mais com as pessoas que a rodeiam, nomeadamente com as estagiárias, de modo, a ter mais estratégias de ensino.

Relativamente à relação com as estagiárias, a professora P.G. sempre foi sincera, carinhosa, atenciosa e sempre nos ajudou e motivou durante o nosso percurso pelo 2.º ano do Ensino Básico.

1.6.2. Caracterização da Turma/Grupo

A turma do 2.º ano A é constituída por vinte e oito alunos, sendo catorze do sexo feminino e catorze do sexo masculino. Inicialmente a turma era constituída por vinte e nove alunos, no entanto uma aluna ausentou-se ara acompanhar a família numa temporada ao estrangeiro, pelo que acompanha as matérias pelo envio dos trabalhos através do correio eletrónico, tendo previsto regressar à escola e à turma no início do próximo ano letivo.

De acordo com informações dispensadas pela professora titular de turma, o facto de se tratar de uma turma muito trabalhadora e cumpridora, faz com que a maior parte das vezes as tarefas propostas sejam executadas, pela maioria dos alunos. No que respeita à área curricular de Língua Portuguesa alguns alunos apresentam dificuldades ao nível da interpretação de textos e expressão escrita livre.

No que concerne à área curricular de Matemática as maiores dificuldades dizem respeito à interpretação de situações problemáticas.

1.6.3. Caracterização do Espaço

A sala do 2.º Ano encontra-se no segundo piso junto à sala da turma B, às casas banho destinadas aos alunos do 2.º Ano e ainda junto à biblioteca da escola.

No seu interior encontram-se dezasseis mesas de dois lugares destinados aos alunos e dispostos por três filas em frente do quadro. Para a professora da turma existem duas mesas, uma para o computador da sala e impressora e outra onde a professora trabalha.

Nesta sala existe um armário onde se guarda o material escolar e ainda o material Calculadores Multibásicos, duas cómodas onde se encontram os *dossiês* de turma e dois *placards* onde estão afixados os trabalhos dos alunos.

Colado às paredes estão algumas informações sobre a área de Português.

A sala tem vista para um dos recreios da escola e é bem iluminada.

1.6.4. Rotinas

A rotina do 2.º Ano de Escolaridade é semelhante à rotina do 1.º Ano de Escolaridade.

1.6.5. Relatos Diários

30 de abril de 2012

Hoje foi o primeiro dia de estágio nesta turma mas devido ao feriado de 1 de maio, houve *roulement* e como tal ambas as turmas do 2.º ano permaneceram juntas com a professora titular da turma A.

Neste dia os alunos resolveram propostas de trabalho que tinham em atraso e, posteriormente, realizaram uma ficha de Matemática.

Inferências e fundamentação teórica

Durante esta manhã, a professora optou por entregar aos alunos propostas de trabalho de Matemática devido à dificuldade que esta área representa. Através das fichas, a professora pode esclarecer algumas dúvidas aos alunos e, ao corrigi-las, observa quais as maiores dificuldades que a turma apresenta. Durante a realização das mesmas, eram visíveis as dificuldades dos alunos e, como tal, nós, estagiárias, ajudámo-los do melhor modo possível. Segundo Ponte e Serrazina (2000):

No 1.º ciclo da educação básica há alunos provenientes de uma grande variedade de contextos familiares e culturais, com dificuldade de aprendizagem muito diversas, por vezes com pouca motivação para a escola e, frequentemente, já com uma atitude negativa em relação à Matemática. (p.14)

Devemos, nestes casos, de ter o cuidado de arranjar, para além das propostas de trabalho, outros modelos de trabalho de modo a incentivar os alunos para a aprendizagem

da Matemática e ainda arranjar estratégias mais lúdicas, para que as crianças aprendam entusiasmadas.

4 de maio de 2012

Neste dia uma das minhas colegas de estágio foi surpreendida pela diretora da escola para dar uma aula sobre leitura de números com o material *Calculadores Multibásicos*.

Para terminar a manhã tivemos a reunião de estágio com as respetivas professoras.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito da aula da minha colega, principalmente da maneira com ela ditou o número de peças a colocar nas bases trabalhando o cálculo mental e dando ainda noções de par e ímpar. Neste tipo de aulas, onde estamos a ser supervisionadas, é bastante importante a opinião que as orientadoras nos dão na reunião de prática pedagógica, pois são essas opiniões que nos permitem crescer e corrigir. Para Alves (2002), essa opinião “inicia-se habitualmente com a leitura em voz alta dos aspectos positivos e negativos de cada aluno e assim sucessivamente, até serem lidos os de todos os alunos.” (p.138) Este “método” serve para mantermos os comportamentos adequados e corrigirmos os menos próprios e sobretudo que façamos uma reflexão sobre os mesmos.

7 de maio de 2012

Hoje uma colega minha de estágio teve uma aula surpresa sobre subtração com empréstimo através dos Calculadores Multibásicos, a pedido da professora da supervisão, da prática pedagógica I. R.

Mais tarde, como habitual, tivemos a reunião com as professoras da prática pedagógica sobre as respetivas aulas.

Inferências e fundamentação teórica

O facto da aula da minha colega ter sido realizada, ao mesmo tempo que ela contava uma história, fez com que os alunos permanecessem atentos. É importante conciliar os conteúdos programáticos com a “magia” e “fantasia” do mundo. André (1986) confirma “que estes fatores devem ser “valorizados e estimulados tanto quanto a inteligência e o pensamento objectivo. A criatividade, aliás, só existe com fantasia e imaginação.” (p.12) O resultado desta aula foi bastante positivo pois as crianças gostaram muito da história e perceberam o que lhes estava a ser transmitido.

8 de maio de 2012

Neste dia os alunos do 2.º ano ficaram menos tempo na roda pois tinham de realizar uma ficha de avaliação de Português. Mais tarde, a professora entregou uma proposta de trabalho de Matemática sobre os pictogramas. Nesta a professora realizou a ficha com os seus alunos de modo a consolidar este conteúdo.

Por fim, a professora pediu às estagiárias que ajudassem alguns alunos a resolver divisões com dois algarismos.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje vou falar da importância do Português, língua materna, nas escolas. Na minha opinião é fundamental que esta área tenha uma ocupação especial no ensino. Segundo Reis (2008), o Português “constitui um saber fundador, que valida as aprendizagens em todas as áreas curriculares e contribui de um modo decisivo para o sucesso escolar dos alunos.” (p.32) Já Reis e Adragão (1992) complementam o autor anterior afirmando que o Português ocupa “em qualquer sistema escolar, um lugar diferente e privilegiado dentro do curriculum na medida em que goza do duplo estatuto de disciplina e de veículo de ensino/aprendizagem das outras disciplinas”. (p.27)

Esta área é fundamental, sendo na minha opinião a mais importante de todas.

11 de maio de 2012

Na parte da manhã, os alunos tiveram a avaliação de leitura. A partir do texto “*Malmequeres e couves-flor*” os alunos iam sendo avaliados à medida que iam lendo.

A seguir ao intervalo, a professora passou para a área da Matemática, onde trabalhou com os seus alunos o cálculo mental através do material 5.º Dom de *Froebel*. Nesta a professora através da construção do poço, realizou a interdisciplinaridade com o texto anteriormente lido.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, pedi à professora para dar o 5.º Dom de *Froebel*, pois nunca tinha assistido a uma aula com este material. O 5.º Dom tem a praticamente a mesma função que os 3.º e 4.º Dons de *Froebel*, porém este destina-se mais às crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Segundo Caldeira (2009), este material é composto por “21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três partidos em quatro quartos.” (p.292) Para além de podermos trabalhar o cálculo mental com ele, este material trabalha também “raciocínio lógico; números racionais; situações problemáticas; etc.” (p.302)

Neste tipo de material a interdisciplinaridade é fundamental, neste caso, a professora aproveitou o texto anteriormente lido para criar algumas situações problemáticas.

14 de maio de 2012

Hoje os alunos do 2.º ano tiveram uma manhã bastante preenchida. Começaram o dia a fazer um ditado de lateralização, cuja imagem pretendida era um barco. Depois desta, a professora reviu com os seus alunos as horas através de uma proposta de trabalho.

Após o recreio, ambas as turmas do 2.º ano tiveram uma pequena palestra sobre “Os cuidados a ter com o sol”. Nesta, os alunos orientados por uma especialista, ficaram a conhecer e a rever alguns cuidados pertinentes que devemos ter o com sol.

Inferências e fundamentação teórica

É importante continuar, mesmo nestas idades, a realizar exercícios relacionados com a lateralização. A coordenação, equilíbrio e a estruturação temporal e espacial são destrezas que têm de ser constantemente desenvolvidas e, através de um ditado de lateralização, os alunos podem desenvolvê-las. Desta forma e de acordo o Ministério da Educação (2004):

O aluno ao trabalhar aspetos relacionados com a lateralidade: sabe situar-se e exprime a sua posição no espaço, em relação aos outros e aos objectos, seleccionando e utilizando pontos de referência e utilizando vocabulário adequado (à esquerda, à direita, em cima, em baixo, à frente, entre, dentro, fora, antes depois). (p. 82)

Assim sendo, é de extrema importância que atividades destas sejam realizadas pois o aluno através delas passa a ter controlo dos seus movimentos e do seu corpo.

15 de maio de 2012

Neste dia os alunos do 2.º ano A tiveram uma aula do Clube de Ciências leccionada pelo professor de ciências. Nesta o professor falou da pressão atmosférica realizando uma experiência de modo a que os alunos pudessem observar o fenómeno. Depois de a observarem os alunos preencheram o protocolo experimental.

De seguida, a professora leu a história *“O velho, o rapaz e o burro”* explicando sempre que necessário, o vocabulário menos conhecido. Depois de terminada, a professora pegou num excerto do texto para fazer um ditado ortográfico à sua turma.

Inferências e fundamentação teórica

As Ciências é uma disciplina de descoberta por parte dos alunos. Nesta “pequena” hora, as crianças aprendem através da visualização e realização de experiências. Segundo Charpak (1997), a criança do 1.º Ciclo é “extraordinariamente perceptiva às ciências: o seu ensino desenvolve a personalidade, a inteligência, o espírito crítico e a relação com o mundo.” (p.27) Através das experiências, as crianças visualizam factos pertinentes e, ao fazerem-no, adquirem conhecimentos. Contudo, devemos sempre conduzir as crianças na descoberta e não dizer, logo no início, o resultado da mesma. Assim, acabamos também por testar as ideias pré-concebidas dos alunos.

18 de maio de 2012

Hoje dei a minha primeira manhã de aulas nesta turma.

Comecei a manhã com a área de Matemática, em que tinha como objetivo dar a noção do litro e do quilograma. Para isso realizei algumas experiências, para que os alunos tivessem a noção exata do litro e do quilograma. De seguida falei das folhas, nomeadamente das folhas caducas e das folhas persistentes. Para isso, realizei uma apresentação de *PowerPoint* para ser mais específica relativamente as diferenças entre estes dois tipos de folhas. Por fim, realizei com a turma uma composição coletiva.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha opinião a área que correu melhor foi a de Matemática e a menos bem a de Português. Não consegui acabar a composição coletiva devido ao tempo e a mesma não estava bem construída.

O ato de escrever é algo que é particularmente difícil quando aliado com a imaginação e criatividade de tantas crianças. Arends (1995, citando Condemarín & Chadwick, 1986) afirma que no ambiente escolar, “a escrita torna-se numa modalidade de conduta de comunicação, constituindo-se para a criança como um necessário e imprescindível instrumento.” (p.91) Já a composição coletiva para além de desenvolver a criatividade, também desenvolve “aprendizagem, porque permite a realização de atividades diversas e que supõem atividades linguísticas diferentes” (p.70), como afirma Teberosky (2002). Apesar de não ter acabado a composição pedi aos alunos que, individualmente, a acabassem em casa.

21 de maio de 2012

Neste dia uma das minhas colegas de estágio deu a aula.

Esta começou por rever a noção de quilograma, dada anteriormente por mim, pesando todos os alunos e depois mediu-os de modo a dar a noção de metro. À medida que os ia pesando e medindo, ia fixando esses números numa tabela. Em Português deu os graus dos adjetivos e em Estudo do Meio as plantas espontâneas e as plantas cultivadas. É importante referir que, durante toda a manhã, a minha colega realizou a

interdisciplinaridade entre as áreas de modo a que os alunos consolidassem bem a matéria dada.

Inferências e fundamentação teórica

No geral, a aula da minha colega correu bem. Penso que o facto de os alunos estarem por diversas vezes a falar a prejudicou pois não conseguiu controlar a turma da melhor forma. A meu ver, a minha colega devia ter sido mais explícita e clara com as regras fazendo com que estas, deste modo, fossem cumpridas. Assim, com as regras a serem aplicadas, a aula poderia ter corrido de outra forma. Marinha (1989) afirma que “as regras devem ser poucas, claras e simples, e de acordo com a idade da criança para que o seu cumprimento possa ser exigido, ainda que com relativa flexibilidade.” (p.107) Não podemos também esperar que o comportamento das crianças seja regular, pois, durante o dia existem vários “picos”, que influenciem a agitação dos alunos, como afirma Saracho e Spodek (1998), “as crianças não são adultos em miniaturas e não devemos esperar que se comportem como tal. (...) Não devemos esperar que as crianças pequenas, por exemplo, fiquem sentadas em silêncio ou prestem atenção por longos períodos de tempo.” (p.158)

Assim, devemos ter em consideração que em diferentes alturas do dia o comportamento da criança pode variar, daí a importância das regras.

22 de maio de 2012

Hoje, outra das minhas colegas teve como função dar uma manhã de aulas.

Ela começou por dar a noção do dinheiro, fazendo exercícios sobre o mesmo. Em Português entregou uma proposta de trabalho que continha um texto e exercícios sobre os verbos. Nesta a minha colega realizou a leitura modelo do texto “*Menino da Selva*” e pediu, posteriormente, aos alunos que o lessem. De seguida, realizou com eles os exercícios sobre a conjugação dos verbos.

Por fim, na área de Estudo do Meio, falou das plantas comestíveis.

Inferências e fundamentação teórica

Durante esta manhã, não pude assistir a todas as aulas da minha colega por isso não tenho uma opinião formada sobre a mesma contudo consegui perceber pelos comentários das minhas outras colegas que a aula, no geral, correrá muito bem.

A meu ver, o processo de ensino-aprendizagem advém primeiro da pessoa que está a dar a aula. Para Alves e Moraes (2006), o processo de ensino aprendizagem em sala de aula “exige cada vez mais dedicação por parte do professor para que a temática abordada seja tratada de uma forma dinâmica, eficiente e motivadora. (p.287) Os professores, segundo a UNESO (1998), “são quem educa nas escolas. (...) as escolas são fundamentais na aquisição de uma base comum de competências de aprendizagem e de conhecimentos.” (p.16) A maneira como o professor ou, neste caso, o estagiário dá a aula, vai influenciar a aprendizagem dos alunos.

25 de maio de 2012

Esta manhã foi marcada por mais uma aula de uma das minhas colegas de estágio. Ela começou a sua aula de Matemática entregando aos alunos uma ficha formativa sobre a noção de área. Em Português, entregou o texto “*Terra Bizarra*” realizando a leitura modelo do mesmo e fazendo a interpretação de texto com os alunos. Por fim, mostrou uma apresentação de *PowerPoint* sobre os dois movimentos da terra (rotação e translação).

Inferências e fundamentação teórica

A aula da minha colega ficou marcada pela atividade que ela fez com os alunos. Para explicar a sucessão do dia para a noite e vice-versa, utilizou uma lanterna que personificou o sol e um globo. À medida que ia girando o globo, ia também explicando esse fenómeno, tornando-se simples a sua compreensão. Como referem Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006), “no ensino das ciências pretende-se desenvolver ambientes de aprendizagem onde a observação, a experimentação, a previsão, a dúvida, o erro, estimulem os alunos no seu pensamento crítico e criativo.” (p16) De maneira a consolidar a afirmação anterior, Charpak (1997) afirma que “as experiências divertem as crianças.” (p.89) Deste modo, estavam todos entusiasmados e a observar com muita atenção o que a estagiária estava a concluir.

28 de maio de 2012

Os alunos neste dia, a meu pedido, fizeram uma composição coletiva. A composição tinha como tema a solução para um sapato partido. Durante esta atividade, a professora ia ajudando os alunos de modo a que eles não se distanciassem do que era pretendido.

No final da manhã, a turma realizou uma proposta de trabalho de Matemática com situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a minha primeira aula tive dificuldades em realizar com a turma uma composição coletiva; por isso pedi à professora que fizesse uma, de forma a perceber quais tinham sido as minhas dificuldades e quais as maneiras de as superar.

Esta atividade é sem dúvida bastante vantajosa, pois estimula a criatividade dos alunos, a escrita, assim como o trabalho em grupo e o respeito. Para além disso, é uma atividade que os alunos gostam de fazer, pois podem exprimir-se e contribuir com as suas opiniões num trabalho coletivo.

No final do dia, os alunos realizaram situações problemáticas. Segundo Ponte e Serrazina (2000), “a resolução de problemas constitui um processo de elevado nível de complexidade, que envolve os processos mais simples de representar e relacionar.” (p.52) Esta atividade é uma das mais complexas da área da Matemática, pois o aluno tem de interpretar e chegar ao resultado acertadamente.

29 de maio de 2012

Hoje o dia foi dedicado à Matemática. Os alunos começaram por cantar as diversas tabuadas e, de seguida, a professora fez, oralmente, questões de cálculo mental.

Por fim, foi corrigida uma ficha de preparação para o teste intermédio de Matemática.

Inferências e fundamentação teórica

A área da Matemática é provável a mais difícil de todas as áreas e, como tal, é importante que o professor a dê todos os dias e motive os seus alunos a gostarem dela. Segundo Alsina (2004), citando o Boletim Oficial do Estado:

Ao longo da educação obrigatória a matemática deve desempenhar, indissociável e equilibradamente, um papel formativo básico das capacidades intelectuais; um papel aplicado, funcional, a problemas e situações da vida diárias; e um papel instrumental, enquanto estrutura de formalização de conhecimentos noutras matérias. (p.5)

Para que isto seja posto em prática é necessário que o professor se sinta à vontade nesta área e que tenha confiança ao transmitir os conteúdos à turma. Como afirma Ponte e Serrazina (2000), “o professor precisa de se sentir à vontade na Matemática que ensina. (...) precisa de ter abertura à inovação e experimentação. (...) de ser um profissional motivado e empenhado.” (pp.15-16) Ao aliarmos estes fatores, a compreensão da Matemática vai ser superior.

1 de junho de 2012

Hoje celebrou-se o Dia Mundial da Criança. Infelizmente, não pude estar presente na Escola pois estive a estagiar na Grande Festa da Criança – Oeste Infantil.

4 de junho de 2012

Durante esta manhã foi realizada a correção de uma ficha de Matemática cujo objetivo era preparar os alunos para o teste intermédio.

Logo a seguir ao intervalo, a turma efetuou uma composição.

Inferências e fundamentação teórica

É indiscutível a importância da escrita e a liberdade que devemos dar às crianças para se expressarem através da mesma. Neste dia, a turma teve a oportunidade de escrever e o resultado obtido foi bastante surpreendente. Segundo Niza e Soares (1997), uma das tarefas pedagógicas do professor deverá consistir na “criação de condições

materiais para que os alunos possam escrever: um ambiente rico em escrita, uma área destinada à produção escrita e um tempo destinado ao aperfeiçoamento de textos.” (p.15)

Nesta manhã, através da composição, os alunos deram “largas à imaginação”. Rei (1994), defende que a composição “consiste em dar ao pensamento a sua expressão verbal própria e completa, a qual mostra as coisas que o sujeito vê, tal como ele as vê.” (p.13) A criatividade, a partir desta atividade, é bastante desenvolvida assim como a caligrafia é melhorada.

5 de junho de 2012

Esta manhã ficou marcada pela realização dos testes intermédios de Matemática.

8 de junho de 2012

Hoje foi dia de *roulement* por ter sido feriado no dia anterior. Como tal, os alunos de ambas as turmas do 2.º ano juntaram-se com os alunos do 3.º ano para visualizarem o filme “O Gato da Botas”. Após a visualização do filme, os alunos dirigiram-se para o recreio, onde permaneceram a brincar.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje acho pertinente falar do recreio. Para Hohmann e Weikart (1997), “o tempo de ar livre ou exterior é uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas.” (p.432) Segundo Lopes, Santos, Lopes, e Pereira (2012) é no recreio:

que as relações entre pares são mais livres e espontâneas e se fazem aprendizagens diferentes mas tão importantes na sala de aula. (...) É neste espaço de desenvolvimento, socialização, aprendizagem e jogo que são permitidos os contactos com os pares e se escolhem os amigos, atividades e jogos sem a intervenção direta dos adultos. (pp.69-70)

Neste dia, as crianças passaram o tempo a brincar no recreio, sendo este o local mais apropriado para o fazerem livremente. Neste, as crianças socializam e criam laços de amizade.

11 de junho de 2012

Hoje os alunos do 2.º ano tiveram a manhã preenchida pela aula de uma das minhas colegas. Ela começou a dar as frações, em Matemática, utilizando imagens apelativas que permitiam diferenciar o numerador do denominador. Em português voltou a fazer uma atividade que já tinha sido feita anteriormente no 1.º ano. Desenvolveu com eles a estrutura de uma carta, desafiando depois os alunos a escreverem uma carta. Em Estudo do Meio, abordou as características dos répteis, nomeadamente das serpentes.

Inferências e fundamentação teórica

Uma das atividades mais engraçadas, mas também a mais difícil da aula de hoje, foi a escrita de uma carta. Nesta, os alunos escreveram uma carta a um colega da turma respeitando a estrutura que a estagiária ensinara antes. Para Chadwick (1987), “as cartas constituem um tipo de composição que ocorre naturalmente quando a criança sente necessidade de comunicar algo por escrito a outra pessoa.” (p.216) e estas podem desenvolver “um nível mais avançado das destrezas de composição, porque estão destinadas a serem lidas por outra pessoa.” (p. 216)

Durante a aula de Estudo do Meio, a minha colega mostrou à turma uma serpente embalsamada, de maneira a que os alunos vissem as características desse animal. Para além disto, levou também pele de serpente para que os alunos pudessem tocar e sentir as escamas da mesma. Esta aula foi bastante apreciada pelos alunos pois todos eles tiveram curiosidade sobre o tema e vontade de mexer na pele da serpente.

12 de junho de 2012

Esta manhã ficou marcada pela aula de uma das minhas colegas. Esta, neste dia abordou as características de diversos animais nomeadamente do ocapí, dragão-de-komodo, axolote e da piranha. Em Português fez com os alunos um postal para enviar à aluna que se encontrava no estrangeiro e acabou a sua aula entregando uma ficha de Matemática com situações problemáticas não rotineiras.

Inferências e fundamentação teórica

Ao dar a área de Estudo do Meio, a minha colega utilizou como recurso o programa de computador *powerpoint*. Através deste, ela ia dando informações e mostrando algumas imagens. Este recurso começa a ser cada vez mais utilizado devido à sua enorme vantagem de poder mostrar imagem, vídeos, sons e transmitir informação para todos e ao mesmo tempo. Estas tecnologias, quando integradas de forma adequada, prometem uma mudança qualitativa na forma como pode ocorrer a aprendizagem.

15 de junho de 2012

Hoje dei uma aula de Português. Esta consistia num jogo sobre as diversas classes de palavras. Primeiro dividi a turma em três grupos e um dos elementos do grupo pegava num cartão que continha uma frase retiradas de um livro. O objetivo era classificar algumas das palavras que existiam na frase.

Inferências e fundamentação tórica

A turma mostrou-se ao longo da manhã bastante participativa e com vontade de jogar e ganhar. Na minha opinião, os conteúdos ficam melhor explorados quando feitos através de uma atividade lúdica como um jogo. Segundo Neto (2009), o jogo pode alcançar “um sentido pedagógico através do seu carácter universal, proporcionando ambientes lúdicos com situações de aprendizagem em que a criança consegue assimilar conceitos cada vez mais abstractos.” (p. 24)

É importante referir, que as regras do jogo foram sempre cumpridas, o que demonstrou o respeito que os alunos têm uns pelos outros. O espírito de equipa foi também fomentado durante a aula sobre a classe de palavras.

18 de junho de 2012

Neste dia os alunos realizaram uma ficha de Matemática sobre a leitura de números. Nesta, as estagiárias puderam ajudar os alunos quando estes tinham alguma dúvida. Durante a realização desta atividade, a professora parava, sempre que possível, para

explicar algo que a turma não soubesse, de modo a que os exercícios fossem compreendidos por todos os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Na proposta de trabalho, os alunos tinham de resolver situações problemáticas. Segundo Ponte e Serrazina (2000), as fichas de trabalho “constituem um material de ensino muito usado pelos professores.” (p.232) A partir destas, os professores ficam com a ideia das maiores dificuldades dos seus alunos e, deste modo, trabalham posteriormente essas mesmas dificuldades. O mesmo autor afirma que estas fichas “podendo conter questões de diversos tipos, permitem avaliar diversos tipos de objectivos como a aquisição de conhecimentos, ao nível de conceitos, das competências de cálculo e da resolução de problemas.” (p.232) Para além de nos ajudar a perceber as facilidades e dificuldades dos alunos, as fichas servem-nos como um apoio à avaliação da turma.

19 de junho de 2012

Este dia foi iniciado com o teste de Estudo do Meio.

A meio da manhã a professora aprofundou o tema “função sintática” nomeadamente o sujeito, que antes tinha sido dado por uma das minhas colegas.

Inferências e fundamentação teórica

A área do Estudo do Meio é aquela que, geralmente, cria mais expectativas por parte dos alunos, pois é nesta que se estuda o conjunto de elementos, fenómenos e acontecimentos que ocorrem no meio envolvente, algo que suscita muito interesse nas crianças. Segundo o Ministério da Educação (2006), as crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico:

apercebem-se da realidade como um todo globalizado. Por esta razão, o Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências Naturais, a Etnografia, entre outras, procurando-se assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade. (p. 101)

Neste caso, esta área cria muitas vantagens, não só na aprendizagem dos alunos, pois estes adquirem conhecimentos novos, mas também os ajuda a tomar consciência criando e melhorando algumas atitudes e valores.

22 de junho de 2012

Hoje foi o último dia na sala do 2.º Ano A.

Neste dia, os alunos estiveram apenas a fazer trabalhos que tinham em atraso.

Inferências e fundamentação teórica

No último dia de estágio, nós estagiárias, aproveitámos todo o tempo que tínhamos para estar com as crianças. Este é um dia nostálgico, mas que deve ser sempre aproveitado da melhor maneira. É importante referir que, ao longo de todos os momentos de estágio, foram criados laços e vínculos não só com as crianças como, também, com as professoras cooperantes.

1.7. Secção 7 – Estágio no 3.º Ano de Escolaridade

1.7.1. Professora Cooperante

A professora do 3.º Ano do Ensino Básico A chama-se J. M.

Esta professora permanece neste ano há quatro anos, nunca tendo lecionado noutra ano qualquer.

Como professora, a J. M. é sem dúvida muito criativa e dinâmica nas suas aulas. Os alunos sentem-se motivados com as atividades propostas pela mesma. Esta revela um bom domínio nos conteúdos e esclarece sem hesitação todas as dúvidas dos seus alunos.

Relativamente à relação com os alunos, a professora consegue manter e diferenciar a sua relação com a turma. Dentro da sala de aula, a professora cinge-se através de um conjunto de regras, obedecidas pelos alunos, mas fora da sala é bastante amiga e carinhosa com as crianças. A sua relação com as estagiárias é também muito semelhante à relação que estabelece com os alunos.

1.7.2. Caracterização da Turma/Grupo

A turma do 3.º ano A é constituída por vinte e oito alunos, sendo catorze do sexo feminino e catorze do sexo masculino.

De acordo com informações dispensadas pela professora titular esta turma é composta por alunos muito curiosos e interessados fazendo com que estes participem em diversas atividades.

No que respeita à área curricular de Português, alguns alunos apresentam dificuldades ao nível da interpretação de textos e expressão escrita livre.

No que concerne à área curricular de Matemática, as maiores dificuldades dizem respeito à interpretação e resolução de situações problemáticas e ainda na divisão.

1.7.3. Caracterização do Espaço

A sala do 3.º Ano do Ensino Básico encontra-se no segundo piso junto à sala da turma B e junto das casas de banho femininas do 3.º e 4.º Anos.

Dentro da sala existem dezasseis mesas de dois lugares, dispostas em quatro grupos, cada grupo é composto por quatro mesas. Existem duas secretárias destinadas à professora, uma onde se encontra o computador da sala e outra mesa de trabalho. Nesta

sala encontramos dois quadros, o interativo e o de giz. No último estão expostos postais enviados por alunos quando estavam fora do País e informações sobre matéria dada. Existem ainda quatro *placards*, também eles com informações das diversas áreas de conhecimento.

Na sala existem ainda dois móveis, onde se encontram os *dossiês* dos alunos, o material escolar, jogos didáticos e livros de leitura.

A sala do 2.º Ano A tem vista para um dos recreios da escola e para uma Escola Secundária da zona inerente.

A sala é bem iluminada.

1.7.4. Rotinas

A rotina do 3.º Ano de Escolaridade é semelhante à rotina do 1.º e 2.º Anos de Escolaridade.

1.7.5. Relatos Diários

25 de setembro de 2012

Com o início do 3.º semestre recomeça também o estágio profissional. Desta vez comecei no 3.º ano.

Como já tinha estado com esta turma no 2.º ano, a professora titular fez algumas perguntas aos alunos sobre mim e sobre a minha colega de estágio, nomeadamente perguntas sobre aulas que lhes tínhamos dado, de modo a averiguar se eles ainda se lembravam de nós. Depois desta pequena apresentação, a professora pediu aos alunos que lessem o texto “*Joãozinho e a menina do álbum*” e, depois de ter feito a leitura modelo voltou a ler o texto mas desta vez trocando algumas palavras de maneira a que os alunos percebessem que ela o tinha feito para depois a corrigirem, dizendo assim a palavra correta.

Antes do almoço, e após a realização da proposta anterior, a professora leu um excerto do livro “*A menina do mar*” de Sophia de Mello Breyner Andersen.

Inferências e fundamentação teórica

A leitura de textos, nesta idade, é bastante importante para que os alunos possam apreciar a leitura e tenham, deste modo, vontade de ler. Como afirma Smith (1989), os professores têm o dever de mostrar que vale a pena ler, pois “quando as crianças encontram pouco interesse na leitura, os professores devem criar situações interessantes.” (p.247) O facto de a professora ter lido um pouco do livro “*A menina do mar*” proporcionou à turma um momento relaxante e de fantasia. Para Campagnolo (1979), a leitura é considerada como um “processo fundado na aptidão do leitor a estabelecer associações directas entre o sentido, a expressão gráfica e a expressão fónica dos componentes significativos das mensagens linguísticas (...).” (p.11) Para além destas vantagens, o facto de os alunos ouvirem o discurso da professora a ler, ficam com a noção do que é uma leitura clara e bem-feita.

28 de setembro de 2012

Hoje a professora deu, através de uma apresentação em Português, o caligrama. Nesta aula a professora explicou o que era um caligrama e mostrou vários exemplos para que os seus alunos os visualisassem. Depois da explicação foi entregue a cada aluno um texto “*Dentes*” e, a partir desse, os alunos realizaram um ditado caligráfico num caligrama com a forma de um dente.

A seguir ao recreio a professora deu Matemática, com o material 5.º Dom de Froebel juntamente com material não estruturado. Depois de falar um pouco das frações, a professora realizou com os alunos a construção do sofá, fazendo depois perguntas de cálculo mental.

Inferências e fundamentação teórica

O caligrama é uma forma de escrita na qual os alunos têm uma imagem e à volta dessa imagem produzem um texto. Geralmente, o texto que vai ser escrito está diretamente relacionado com a imagem. Para Leão e Filipe (2005), o caligrama define-se como “escrever – ou reescrever – um texto, dando-lhe a forma de um objecto relevante na sua significação.” (p.20)

Relativamente às frações, este conteúdo pode ser dado inicialmente com o 5.º Dom de *Froebel* devido à composição do material. Durante esta aula, a professora incentivava não só os alunos a responderem às questões como dava o reforço positivo quando estes acertavam na resposta. Para Ponte e Serrazina (2000), o reforço “é necessário para a aprendizagem. (...). Esse reforço deve ser dado na altura certa e de uma forma compreensível para o aluno.” (p.95) É importante que o docente elogie os seus alunos quando estes acertam, mas é ainda mais importante quando os corrija quando erram.

1 de outubro de 2012

Nesta segunda-feira, os alunos começaram o dia a trabalhar com o material geoplano. Com este, a professora deu a noção de retas, segmentos de retas e ainda os ângulos, passando posteriormente à explicação de alguns exercícios no mesmo material. Neste dia, próximo ao dia 5 de outubro, os alunos tiveram a oportunidade de ler para a turma a expressão escrita que tinha realizado no fim de semana sobre a implantação da república. Depois de a lerem, os colegas davam a sua opinião sobre o texto que acabavam de ouvir. De seguida, a professora aproveitou para falar um pouco mais sobre o 5 de outubro, contando algumas curiosidades sobre o tema.

Inferências e fundamentação teórica

Como trabalho de casa, a professora pediu aos alunos para redigirem um texto sobre o dia 5 de outubro. Esta atividade aliou a escrita à História de Portugal pois os alunos tiveram de escrever alguns factos e acontecimentos desse mesmo dia. Para Rita, Fernandez, Aguinaco e Cañadas (s. d.), a escrita apoia-se em “conhecimentos, técnicas e habilidades de natureza muito complexa: umas relacionam-se com o funcionamento da língua como comunicação, outras com o código da língua escrita e outras com aspetos como a caligrafia e uso do dicionário.” (pp.9-10)

O facto de a professora puder partilhar com os seus alunos algumas curiosidades beneficia na aprendizagem dos temas abordados.

2 de outubro de 2012

Hoje a professora começou por entregar o texto “*A varanda*” e uma proposta de trabalho de Matemática. O texto, que falava sobre o 5 de outubro, foi lido pela professora e de seguida pelos alunos e interpretado por ambos. A professora aproveitou os conhecimentos dos alunos sobre o tema, dado no dia anterior, para consolidar a matéria. De seguida, foi pedido aos alunos que resolvessem a proposta de trabalho de Matemática, que também estava relacionada com o tema do texto.

Neste dia, antes da hora do almoço, os alunos concluíram algumas fichas que tinham em atraso e assim que as acabavam a professora entregava um pequeno puzzle para eles montarem.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje enquanto os alunos liam para a turma as suas composições, a professora de apoio veio à sala buscar alguns alunos para irem com ela para a sala de apoio. Nesta, os alunos estiveram a concluir algumas propostas de trabalho que tinham em atraso. Em todas as turmas existem casos com alunos que têm dificuldades de aprendizagem e que, como tal, necessitam de algum tempo com apoio individualizado. Segundo Correia (1991, citado por Amado & Freire, 2002), as dificuldades de aprendizagem:

trata-se de crianças com efectivas perturbações estruturais (por vezes com raízes orgânicas) e não simplesmente, com dificuldades de adaptação à escola, às exigências escolares ou ao professor, e que são, frequentemente, mais dificuldades de ensino do que da aprendizagem. (p.86)

Na última parte da aula, a professora foi entregando aos alunos que concluíssem a ficha, um puzzle. Considero que esta atividade é bastante importante para as crianças pois o puzzle é um jogo mental que desenvolve inúmeras capacidades cognitivas. Para além disso é algo que os alunos gostam de fazer, pois sentem-se desafiados a terminar o puzzle corretamente.

8 de outubro de 2012

Às segundas feiras, a professora titular da turma tem como hábito falar um pouco com os seus alunos. Para além desta rotina, todas as semanas um aluno leva um livro com folhas brancas para casa; nesse, a criança tem como função escrever um texto ou fazer

um desenho com um tema à sua escolha, para depois ser apresentado à turma, na segunda feira da semana seguinte.

Depois da apresentação, a professora deu a multiplicação juntamente com adição com o material *Cuisenaire*. Esta começou a dar a aula fazendo exercícios, porém, a meio da aula, pediu à minha colega de estágio para continuar a dar a mesma aula.

Assim que chegaram do recreio, a professora pediu aos alunos para lerem o texto “*Histórias vividas*” do manual e depois pediu-me para realizar a interpretação do mesmo com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, um aluno teve a oportunidade de apresentar um texto seu à turma. O objetivo do texto era relatar um acontecimento pessoal à turma. Esta atividade é realizada todas as semanas e o texto é lido por um aluno diferente. Para Niza e Soares (1997), os textos livres “estabelecem relações entre a vida da escola e a experiência social no exterior, desencadeiam, alimentam e regulam as interações entre os alunos e entre estes e o professor.” (p.22) Estes autores afirmam ainda que o professor deve escutar atentamente o aluno, sem o interromper constantemente, prestando assim atenção às suas competências linguísticas.

Quanto às aulas surpresas, a da minha colega de estágio com o material *Cuisenaire* correu bem. A M. N., no início continuou a fazer os mesmos exercícios que a professora tinha realizado anteriormente mas depois arriscou um pouco realizando exercícios mais complexos. Apesar de se ter enganado em alguns valores das peças, a aula foi considerada positiva pela professora da turma.

Relativamente à minha aula de interpretação de texto, correu bem. Realizei perguntas diretas e inferências sobre o texto, tirei dúvidas sobre palavras desconhecidas dos alunos e falei ainda um pouco sobre os tipos de texto.

No geral, as duas aulas foram positivas.

9 de outubro de 2012

Depois da habitual roda das cantigas, a professora decidiu começar o dia a dar Português, dando o grau dos adjetivos, nomeadamente o grau comparativo. A professora

para dar este conteúdo, utilizou características dos alunos para que eles pudessem ver no concreto esses mesmos adjetivos comparando os colegas.

A seguir ao intervalo a professora entregou material não estruturado para dar os pictogramas. Esse material tinha já os eixos feitos e a estrutura do pictograma realizada. Durante esta aula, a professora entregou algumas imagens para que os alunos conseguissem fazer os exercícios propostos.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei particularmente da aula com o material não estruturado. Este estava bem concebido e apelativo. Alsina (2004) defende o uso de materiais na Matemática. Para ela, se o material for corretamente utilizado vai facilitar o processo de ensino-aprendizagem pois “não nos faz perder tempo (...) e fomentará a descoberta e tornará possível uma aprendizagem sólida e significativa.” (p.8) Neste caso, o material foi utilizado para dar os pictogramas. Segundo Martins, Loura e Mendes (2007), os pictogramas são “uma representação gráfica. (p.28) A professora, ao utilizar material e imagens, fez com que a sua aula se torna-se mais agradável e atrativa.

12 de outubro de 2012

Com a aproximação dos testes de avaliação, a professora deu neste dia uma proposta de trabalho de Matemática de revisão para o mesmo. Nesta a professora explicou as sequências e ainda falou um pouco sobre frações. Depois da realização desta proposta de trabalho a professora, com a minha ajuda e da minha colega de estágio, ensinou os seus alunos a utilizar a régua.

Antes da hora do almoço, a professora entregou uma proposta de trabalho de Estudo do Meio sobre o sistema circulatório. Nessa, o texto não estava completo sendo como função dos alunos completá-lo. Os alunos tiveram então de ouvir uma música, correspondente ao que estava escrito na proposta de trabalho, e completar os espaços que faltavam.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje tive a oportunidade de ver, pela primeira vez, um ditado musical. Neste, os alunos ouvem uma música e têm de transcrevê-la. Por ser uma proposta difícil, a

professora deu uma ficha com texto lacunar, ou seja, os alunos só tinham de escrever algumas palavras que ouviam.

O texto lacunar é uma atividade em que num texto são retiradas algumas palavras, palavras essas que o aluno tem de escrever posteriormente. Este exercício obriga o aluno a relacionar o conteúdo, refletir sobre ele e processá-lo como um todo.

Mais uma vez, a professora teve o cuidado de ligar duas áreas distintas, neste caso o Português com o Estudo do Meio.

15 de outubro de 2012

Hoje dei a minha primeira aula programada. Comecei com a área de Estudo do Meio onde abordei o sistema respiratório, nomeadamente a sua função e as suas características. Nesta aula para além de mostrar uma apresentação em *PowerPoint*, pedi aos alunos para fazerem uma atividade onde tiveram de comparar a sua respiração, antes e depois de saltarem durante 1 minuto. De seguida, passei para área de Português, onde dei o texto dramático. Para lecionar este tema entreguei a cada aluno um texto dramático que falava sobre os cuidados a ter a função respiratória, e antes de falar nas características desse tipo de texto, pedi a alguns alunos para que o representassem. Por fim, coube-me dar a centésima e para isso levei material não estruturado.

Inferências e fundamentação teórica

No geral a aula correu bem; contudo há alguns aspetos a melhorar nomeadamente na aula de Matemática onde a explicação sobre o tema foi bastante abstrato, levando à não compreensão sobre o mesmo por parte de alguns alunos. Por momentos, ao ver que não estava a ser bem explícita, fui perdendo a motivação inicial e isso notou-se. Para Estanqueiro (2012), “a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar, mais facilmente, o gosto de aprender.” (p.31) Outro inconveniente foi o uso do material que levei, pois uma das funções do mesmo é ajudar-nos a dar os conceitos de maneira concreta e apesar de ter levado material, a explicação sobre a centésima ficou aquém do pretendido. Relativamente à área de Estudo do Meio é de salientar a atividade realizada pelos alunos. Esta foi bem executada e vantajosa para os conhecimentos já adquiridos dos mesmos.

16 de outubro de 2012

Hoje os alunos do 3.º ano tiveram teste de Matemática. Mais tarde fizeram uma ficha de interpretação sobre o texto “*A lenda dos hamsters*”. Esta foi corrigida por mim e pela minha colega de estágio no quadro interativo da sala de aula.

Inferências e fundamentação teórica

Na sala do 3.º ano A existe um quadro interativo. Esta tecnologia permite-nos realizar diversas atividades tornando-se muito útil para as pessoas que estão a dar a aula. Cada vez mais é usado a tecnologia para transmitir conhecimentos aos alunos, na minha opinião se esses recursos facilitaram a aprendizagem, devem então ser utilizados. Para Silveira-Botelho (2009), “hoje em dia é frequente o recurso ao uso de computadores para transmitir alguns conceitos importantes.” (p.117) Neste dia, para além de ter sido eu a usar o quadro interativo, pedi também a colaboração de alguns alunos, visto que, eles próprios, também gostam de trabalhar com este recurso.

19 de outubro de 2012

Neste dia a professora entregou o texto “*De regresso*” aos seus alunos. Depois de ter feito a leitura modelo e de ter pedido aos seus alunos para ler, a professora realizou a interpretação do mesmo fazendo perguntas diretas mas também inferenciais. A professora ia realizando essa interpretação de parágrafo a parágrafo e, em cada um deles, havia uma palavra que faltava. Essa era descoberta através de uma situação problemática que os alunos, numa proposta de trabalho, realizaram de modo a descobrir a palavra em falta.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei especialmente da maneira como, hoje, a professora interpretou o texto. Ela fê-lo de parágrafo a parágrafo, explorando o texto todo. É muito importante que depois da leitura de um texto seja também feita a sua interpretação pois é através desta, que nos apercebemos se a turma compreendeu, ou não, o texto anteriormente lido. Para Sousa (1993), o espaço que é dado à leitura e interpretação de textos é uma atividade de “ensino/aprendizagem como uma das fundamentais no desenvolvimento não só das

capacidades específicas do leitor, mas também, de uma competência mais genérica dos falantes de uma língua, a sua competência comunicativa.” (p.157)

Para além das perguntas sobre o texto (as perguntas diretas) é importante realizar perguntas inferenciais, ou seja, aquelas que têm um cariz pessoal.

22 de outubro de 2012

Hoje a minha colega de estágio deu a sua primeira manhã de aulas nesta turma. Infelizmente só pude assistir a aula (e não toda) de Matemática. A minha colega falou sobre as linhas da circunferência e, para isso explicou, em primeiro lugar, a diferença entre o círculo e a circunferência. De seguida, ensinou os alunos a utilizar o compasso, pedindo depois que, com o auxílio do mesmo, fizessem uma circunferência na proposta de trabalho anteriormente entregue.

Como foi atrás referido, não assisti na íntegra à aula da minha colega porque tive de ir assistir às aulas surpresa que estavam, ao mesmo tempo, a decorrer na escola. Assim, acabei por ir ver a aula de uma estagiária que tinha como dever rever a letra [j] no 1.º ano.

Inferências e fundamentação teórica

A aula surpresa que assisti não correu muito bem. A aluna mostrou-se muito nervosa e com falta de confiança, acabando por trocar os valores da letra [j] e levando os alunos ao erro.

Relativamente à aula da minha colega, o seu ponto mais fraco foi na maneira como transmitiu o conhecimento. A minha colega não procurou saber o que os alunos já sabiam sobre o tema, limitou-se apenas a transmitir tudo o que queria.

Durante as aulas devemos ter sempre em atenção o conhecimento que o aluno tem sobre um tema, partindo muita vezes desse mesmo conhecimento, para a transmissão mais particularizada sobre o tema. Para Braga (2004), o conhecimento prévio “é um factor decisivo na aquisição de novas aprendizagens, o que pressupõe que cada um dos novos conceitos a adquirir pode integrar-se num conceito que já possua, privilegiando aprendizagens significativas.” (p.26) Nunca devemos desprezar o conhecimento que o aluno adquire.

23 de outubro de 2012

Neste dia os alunos realizaram um teste de Estudo do Meio.

Inferências e fundamentação teórica

Os testes servem para os alunos aplicarem os seus conhecimentos e para os professores avaliarem esses mesmos conhecimentos. Para Estanqueiro (2012), os testes são geralmente considerados como o “instrumento mais objectivo, mais simples e mais rápido de recolher informações sobre a aprendizagem de cada aluno. (...) Permite, assim, detectar o que o aluno aprendeu e o que ainda não sabe.” (p.93)

Neste dia, encontrei-me numa situação em que nunca tinha estado. Durante a ausência da professora, uma aluna começou a deitar sangue do nariz. Por sorte, uma funcionária estava nesse preciso momento na sala e, como tal, a mesma permaneceu no mesmo lugar, enquanto eu levava a aluna para a sala onde se guarda a caixa de primeiros socorros. Na minha opinião é fundamental que os professores e funcionários estejam preparados para situações destas. No meu caso, não estando preparada, foi-me difícil lidar com esta situação.

26 de outubro de 2012

Esta manhã foi marcada pela presença de um pai a dar aula. Os alunos, juntamente com a turma do 3.º ano B, assistiram a uma concisa apresentação e explicação sobre o funcionamento e constituição do sistema respiratório e do sistema circulatório. De seguida, alguns alunos puderam ouvir o seu batimento cardíaco através de uma máquina de ultrassons. Por fim, ambas as turmas observaram um coração, pulmões e traqueia de um porco, à medida que ia sendo explicado o que estavam a observar.

Inferências e fundamentação teórica

Achei esta iniciativa muito interessante. Acho que a cooperação entre a família e a escola deve ser saudável e ativa. Mais atividades destas são renovadoras e interessante na realidade educativa. Os alunos sentem-se interessados por estar a ouvir alguém que não seja a professora e os filhos ficam orgulhosos. Para Davies, Marques e Silva (1993), um dos objetivos mais importantes das relações escola/famílias é “aumentar o número de

famílias que se envolvam na educação dos filhos. Este envolvimento pode incluir a comunicação pais/filhos, pais/professores, ajuda ao estudo, apoio à escola, trabalho voluntário e participação na tomada de decisões.” (p.107)

Durante esta aula houve um aluno que não se sentiu confortável com as atividades que estava a ver e, como tal, eu fui com ele para outra sala de aula. Penso que as fragilidades e decisões dos alunos devem ser respeitadas. Neste caso, o aluno não queria estar ao pé dos órgãos, pois o sangue causava-lhe náuseas e, como tal, esse foi para outra sala realizar uma outra atividade.

29 de outubro de 2012

Hoje ambas as turmas do 3.º ano e 4.º ano foram ao Teatro Tivoli assistir à peça “*Viagem pelo Corpo Humano*”. Esta peça de teatro abordava temas inseridos no Programa Curricular do 3.º ano, como o sistema digestivo e circulatório.

Inferências e fundamentação teórica

Ir ao teatro é algo que as crianças gostam, por isso aliar os conhecimentos ao teatro é algo excecional pois os alunos vão aprender de maneira lúdica e divertida. Para Almeida (1998), as visitas de estudo com objetivos educacionais podem revelar-se importantes pois são “facilitadoras da compreensão dos conhecimentos científicos e do desenvolvimento de competências cognitivas e socioafetivas dos alunos.” (p.25) O ambiente é diferente assim como as aprendizagens são consideradas mais “apropriadas”.

30 de outubro de 2012

Neste dia dei a minha segunda manhã de aulas a esta turma. Comecei por, no corredor, entregar um bilhete de cinema a cada um dos alunos, pois estes iriam entrar na sala, sentar-se no tapete mágico e ver uma apresentação em *PowerPoint* sobre as Invasões Romanas. Durante a apresentação iam surgindo imagens alusivas ao tema, assim como música ambiente, à medida que ia lendo uma história. Na área de Matemática introduzi os submúltiplos do metro com o auxílio de fitas métricas, mas antes falei um

pouco sobre a origem da unidade principal das medidas de comprimento, pedindo a alguns alunos que medissem, com o palmo das suas mãos, alguns objetos da sala de aula. Por fim, na área de Português dei o grau dos adjetivos qualificativos nomeadamente o superlativo. Peguei em algumas características dos alunos para introduzir o tema. No final realizei um pequeno jogo, onde testei os conhecimentos apreendidos sobre o tema.

Inferência e fundamentação teórica

Penso que esta aula, em relação à última, correu bem melhor. Consegui aplicar os conselhos dados pela professora e arranjar estratégias para que a aula, no seu todo, fosse lúdica e mais interessante para os alunos.

É de destacar a aula de história, a magia e o cenário proporcionado resultou muito bem. Os alunos adoraram e aprenderam, de maneira lúdica, o tema dado. A disposição da sala na aula da história também proporcionou um momento de relaxamento e magia. Para Sanches (2001), a “organização da sala pode também ajudar nas boas aprendizagens dos alunos já que, mudar o aspecto da sala de acordo com as actividades a realizar é um bom ponto de partida.” (p.76) O facto de ter mudado a disposição da sala pode ter influenciado o comportamento dos alunos pois estes tiveram a oportunidade de mudar de lugar na sala de aula.

2 de novembro de 2012

Neste dia, por ser *roulement*, a professora da turma A ficou responsável não só pela sua turma como também pela turma B.

Durante a manhã a professora realizou um jogo, o loto da tabuada. Cada aluno possuía um cartão com várias operações e, à medida que a professora tirava do saco um resultado, os alunos, com uma marca, tinham-na de a colocar na operação cujo resultado fosse o que a professora tinha, anteriormente, dito. Para obterem mais marcas, os alunos tinham de responder a algumas perguntas de cálculo mental que a professora fazia.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, apesar de ser um dia diferente, a professora decidiu brincar um pouco com os seus alunos. Através de um jogo, onde se fomentou o espírito de competitividade, os alunos relembaram a tabuada e desenvolveram o cálculo mental, pois se não

acertassem nas perguntas feitas pela professora, não ganhavam peças, peças essas que serviam para concluir o jogo. Exercitar a tabuada é imprescindível, pois, tal como afirma Mialaret (1975), “o importante é pôr em evidência a estrutura da nossa numeração decimal e ensinar o aluno a aplicar os resultados obtidos em situações análogas” (p.75) Assim como a tabuada, o cálculo mental deve ser, sempre que possível, estimulado pois hoje em dia é “considerado uma ferramenta valiosa na promoção e na observação de estratégias de raciocínio matemático.” como afirmam Serrazina e Ferreira (2009, p.30)

5 de novembro de 2012

Hoje, coube a minha colega de estágio dar a sua segunda manhã de aulas. Esta começou por dar História falando do Império Romana através de uma breve animação de “*Os miúdos e a História de Portugal*”. Na área de Português, abordou o texto publicitário mostrando vários exemplos de cartazes de marcas bem conhecidas pelos alunos. De maneira a fomentar este conteúdo, a minha colega pediu aos alunos para se juntarem em grupos de dois para realizarem um pequeno cartaz publicitário, a partir de uma imagem sobre o Império Romana. Depois de feitos, cada grupo foi apresentar e explicar o seu trabalho. Por fim, na área de Matemática, a minha colega de estágio deu os múltiplos do metro através de uma apresentação de *PowerPoint*, fomentando o assunto com uma ficha formativa.

Inferências e fundamentação teórica

A aula da minha colega correu bem. Na minha opinião houve evolução da última para esta aula. Para mim o ponto mais alto da aula foi a realização dos cartazes publicitários e da respetiva apresentação. As crianças gostam sempre de mostrar os seus trabalhos à turma e às pessoas de quem gostam e o facto de o terem feito em grupos ainda os motiva mais. Para André (1986), o trabalho de grupo:

faz-se, em primeiro lugar, pelo diálogo. Conversando, trocando ideias, os alunos inter-relacionam dos modos mais diversos (...). Pelo diálogo os componentes do grupo aprendem a superar suas contradições e ansiedades, desinibem-se, libertam-se, criticam, ampliam sua intuição criadora, e assim praticam a linguagem oral. Trocando ideias em grupo para depois compor seus textos, os alunos buscam instintivamente uma linguagem mais clara, mais eficaz, mais variada, mais correta. (p. 9)

Na apresentação dos cartazes, os alunos sentiram-se muito à vontade na explicação dos mesmos. Para Ponte e Serrazina (2000), as apresentações “constituem tanto situações de avaliação como de aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de comunicação e de argumentação.” (p.233) São nestas apresentações que os alunos dão a conhecer ao professor e aos seus colegas um trabalho por si previamente preparado.

6 de novembro de 2012

Durante esta manhã a minha colega de estágio concluiu a sua proposta de trabalho de matemática sobre os múltiplos das medidas de comprimento e, logo a seguir, eu finalizei a minha sobre os submúltiplos. Em ambas as fichas, para fazer transformações, os alunos utilizaram material não estruturado adequado para este tipo de problemas.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia foi marcado pela Matemática. Nesta área os professores têm de arranjar estratégias que deixem os seus alunos entusiasmados e com vontade em saber mais. O papel do professor, principalmente esta área, é fundamental. Para Pedro e Serrazina, (2000) citando NCTM, os professores:

têm de criar um ambiente que encoraje as crianças a explorar, desenvolver, testar, discutir e aplicar ideias. Têm de ouvir as crianças atentamente e guiar o desenvolvimento das suas ideias. Têm de usar, frequentemente, matérias manipuláveis em actividades que impliquem o raciocínio de forma a fomentar a aprendizagem de ideias matemáticas. (p.101)

Mais do que tudo, o professor tem de se sentir motivado e confiante ao lecionar conteúdos matemáticos.

9 de novembro de 2012

Durante esta manhã o 3.º ano A realizou duas propostas de trabalho. A primeira, de Matemática, sobre as medidas de comprimento e a segunda, de Português, sobre conhecimento explícito da língua.

Inferências e fundamentação teórica

As propostas de trabalho, por vezes, podem ser consideradas como um trabalho monótono e repetitivo, contudo, devem ser realizadas. Apesar de tudo, estas podem ter uma “natureza” muito diversa contendo exercícios, questões de resposta aberta, frases para completar, problemas e entre outros. Neste dia, a proposta de trabalho de Matemática era acerca das medidas de comprimento. Para Alsina (2004), o comprimento insere-se num “conjunto de conhecimentos e capacidades está estreitamente relacionado com a geometria, como conhecimento do espaço, e com números e operações, como meio para fazer o cálculo das medidas e expressar os resultados.” (p.97)

Durante esta manhã, depois do intervalo, uma das crianças decidiu apanhar minhocas e guardá-las num copo (comportamento que já tinha sido corrigido pela professora). Este acontecimento acabou por ser descoberto pela professora e negado pelo aluno. Segundo Marinha (1989), “numa atmosfera de tolerância e compreensão, sem medo de castigos, a mentira não aparecerá, a menos que haja causas afectivas que a provoquem (...). (p.112) Este comportamento voltou, mais uma vez, a ser condenado pela professora.

12 de novembro de 2012

No início da manhã alguns alunos foram avaliados quanto à velocidade por minuto na leitura de um texto. Depois desta avaliação, a professora concluiu com os seus alunos a leitura do quarto capítulo do livro “*El-rei Tadinho*”.

Após o intervalo, os alunos tiveram como tarefa organizar os seus *dossiers* e no final, antes do almoço, tiveram a oportunidade de estudar as falas para a peça de teatro que se irá realizar na festa de Natal. A peça de teatro que as duas turmas do 3.º ano vão representar é referente ao livro “*El-rei Tadinho*”, bem conhecido pelos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

O objetivo desta avaliação da leitura é saber quantas palavras os alunos conseguem ler num minuto. A meu ver, este tipo de avaliação não é o mais adequado pois os alunos, ao lerem, não respeitam a pontuação e como tal a leitura é bem feita. Como afirma Smith (1989), na velocidade da leitura:

a compreensão raramente é definida de forma adequada, ou medida, em tais estudos, e sustenta que a menos que os leitores compreendam os pensamentos do autor em base de sentença-por-sentença, então o “passar de olhos” está a sendo realizado. (p.332)

Na minha opinião, nunca nenhum teste ajudou de facto uma criança a ler.

13 de novembro de 2012

Hoje a professora titular decidiu interligar duas áreas para dar o tema dos Bárbaros, sendo elas a área de História e de Expressão Dramática. A professora começou por distribuir os guiões e as personagens, dividindo os alunos por grupos. Cada grupo ficaria então responsável por preparar, decorar e encenar o ato em que estava inseridos. Para tornar a representação mais real a professora levou alguns acessórios referentes ao tema abordado. A representação fez-se num ambiente cinematográfico, com música a condizer em cada cena.

Depois do intervalo, a professora mostrou um pequeno *PowerPoint* sobre as características do povo Bárbaro, de maneira a consolidar o que já tinha sido dito durante a peça de teatro.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito da atividade que a professora realizou com os seus alunos. As crianças participando ativamente nas aulas, como em peças de teatro, faz com que se interessem e aprendam mais e melhor. O facto de eles terem de decorar as falas e estarem atentos à peça de teatro faz com que a matéria seja memorizada e percebida mais facilmente. Para Sousa (1980), a expressão dramática:

é da maior importância para a dinâmica de grupo, facilitando ao educador o conhecimento de diferentes manifestações de personalidade da criança permitindo a esta uma melhor aquisição de conhecimentos e adaptação ao meio, oferecendo-lhe excelentes meios de expressão e de projecção da sua fantasia, emotividade e sensibilidade. (p.9)

Fiquei bastante feliz por também ter participado nesta peça, fomentando deste modo a minha ligação com os alunos.

16 de novembro de 2012

Hoje foi o último dia de estágio nesta turma e foi também o dia em que as professoras da supervisão da prática pedagógica apareceram na escola para surpreender algumas alunas. Eu fui uma das alunas surpreendidas. A professora pediu-me que desse, com o material *Cuisenaire*, a multiplicação.

Nesta aula comecei por rever alguns conceitos básicos sobre o material e depois realizei algumas operações. No final da aula, já depois da professora da supervisão da prática pedagógica ter saído, dei com o mesmo material a propriedade comutativa da multiplicação.

Mais tarde tivemos a reunião da supervisão pedagógica, onde falámos sobre as aulas dadas nesse dia.

Inferências e fundamentação teórica

A minha aula surpresa correu bem. Apesar de praticamente todas as situações problemáticas terem sido simples, o conteúdo dado foi bem leccionado. A crítica que recebi foi de não ter sido desafiante. A função de um supervisor segundo, Vieira (1993), é “de informar, de questionar, de sugerir, a de encorajar e de avaliar.” (p.33)

Relativamente ao material, podia tê-lo explorado mais, já que com este material poderia ter dado brilhantemente o conteúdo que me solicitaram. Para Alsina (2004), o *Cuisenaire* é um material bastante útil para introduzir e praticar as operações aritméticas.” (p.34)

Fique contente com a aula que dei, apesar da crítica, pois, na minha opinião, quando somos surpreendidas para dar uma aula e não temos nada preparado, mais vale dar fácil e bem do que complicado e mal.

1.8. Secção 8 – Estágio no 4.º Ano de Escolaridade

1.8.1. Professora Cooperante

A professora titular da turma do 4.º ano A é a S. C., sendo o seu primeiro ano como professora numa escola.

Esta docente é muito carinhosa com a turma e muito empenhada em transmitir os conhecimentos de uma maneira simplificada.

Relativamente à relação com as estagiárias, esta sempre se mostrou muito prestável e amiga.

1.8.2. Caracterização da Turma/Grupo

A turma do 4.º ano A é constituída por vinte e seis alunos: dezasseis do sexo feminino e dez do sexo masculino. Todos completam 9 anos até ao final do ano. No presente ano letivo entrou uma criança nova, vinda de uma escola do distrito de Santarém.

Relativamente ao comportamento, é uma turma bastante agitada e conversadora. Ao nível da maturidade é uma turma bastante imatura, revelando-se na forma como encara a aprendizagem escolar e as relações entre pares.

Apesar de toda a turma ler, alguns alunos fazem-nos de forma lenta. Ao nível da interpretação, respondem à maioria das questões orais, revelando dificuldades nas escritas. No que toca à escrita, a maioria dos alunos comete erros ortográficos.

Na área da Matemática, grande parte dos alunos revela pouco domínio dos conteúdos anteriormente adquiridos e um reduzido cálculo mental.

Muitos dos alunos não conseguem realizar as atividades no tempo estipulado, havendo dois alunos que praticamente não realizam trabalho autónomo.

Alguns dos alunos revelam grandes problemas de comportamento, não respeitando as regras de convivência da sala de aula, recreio e cantina.

1.8.3. Caracterização do Espaço

A sala do 4.º ano A encontra-se localizada no segundo piso junto à sala da turma B e da biblioteca.

No seu interior encontram-se vinte e seis mesas de madeira, cada uma para cada aluno e uma secretária para a professora. Existem dois quadros, um de giz (onde se encontram afixados *cupcakes* em cartolina correspondentes a diversos sentimentos) e um quadro interativo (onde se visualizam e realizam as propostas de trabalho e onde se transmite a maior parte dos conhecimentos).

Nesta sala encontram-se cinco *placards*, onde se afixam os melhores trabalhos dos alunos correspondentes às diversas áreas e ainda dois móveis onde se guardam os *dossiers* dos alunos e o material escolar.

Numa das paredes da sala estão expostos desenhos realizados por alguns alunos.

A sala do 4.º ano é pouco iluminada.

1.8.4. Rotinas

A rotina do 4.º ano de Escolaridade é semelhante à rotina do 1.º Ciclo do Ensino Básico desta Escola.

1.8.5. Relatos Diários

19 de novembro de 2012

Hoje foi o primeiro dia de estágio na turma do 4.º ano A. Contudo, devido ao aparecimento das professoras da supervisão da prática pedagógica eu e a minha colega de estágio tivemos de ir para a turma do 3.º ano A, pois a minha colega ia dar uma aula surpresa nessa turma. À minha colega foi pedido para dar a interpretação do texto “*O coelho*” e fazer uma rápida análise morfológica das palavras do mesmo.

Inferências e fundamentação teórica

A aula da minha colega correu muito bem. A M. N. trabalhou muito bem o texto fazendo a interdisciplinaridade entre a área de Português e de Estudo do Meio. A interpretação do texto foi realizada muito bem através, não só de perguntas diretas, mas também inferenciais. Para Sousa (1993), “as práticas na aula de Português e, particularmente, na de interpretação, passa, em primeiro lugar, pela reflexão (...). (p.164)

Relativamente à análise morfológica, apesar de ter dado corretamente os conteúdos, penso que a minha colega poderia ter sido mais dinâmica e mais desafiante.

Antes desta aula, a minha colega mostrou-me nervosa, mas ao longo da aula foi-se mantendo mais calma. Segundo Marinha (1989), o nervosismo “é por vezes também um impedimento a um regular aproveitamento escolar.” (p.133) Neste caso, a aula da minha colega podia não ter corrido bem, se esta não conseguisse controlar os nervos e a ansiedade.

20 de novembro de 2012

Hoje a professora e os alunos começaram por falar um pouco sobre a festa de Natal, juntando-se com a outra turma para deliberarem e entregarem as personagens aos alunos. Depois de concluída esta tarefa, as professoras permaneceram na sala da turma B com os alunos que participavam no primeiro e segundo ato da peça, para treinarem as falas; enquanto isso, o resto dos elementos das turmas passaram para a sala da turma A, onde resolveram duas propostas de trabalho: a primeira de Matemática, sobre as medidas de massa e a segunda de Português, sobre os verbos.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a conversa para a festa de Natal, os professores juntamente com os alunos determinaram sobre quem deveria ficar, ou não, com os papéis. Durante esta discussão, os alunos tentaram convencer as professoras e os colegas alegando o porquê de serem os indicados para uma determinada personagem. Para Pedro e Serrazina (2000), a discussão “é o modo mais importante que pode assumir a interacção entre os alunos ou entre alunos e o professor.” (p.121) O mesmo autor afirma que a discussão é feita com certos objetivos nomeadamente: “a estratégia a seguir para a realização de uma tarefa, a avaliação de uma dada solução, o balanço do trabalho realizado.” (p.121) É importante referir que face a uma discussão, o professor tem de assumir sempre um papel regulador, intervindo sempre na mesma, assim que seja necessário.

23 de novembro de 2012

Esta manhã prendeu-se com duas atividades: a primeira foi o ensaio para a festa de Natal. Juntamente com a turma B e com o 5.º ano, a turma A passou a manhã a ensaiar a peça de teatro *“As pupilas do senhor Reitor”* para a festa de Natal. A segunda atividade prendeu-se com a visita da ilustradora Carla Nazareth, que falou com os alunos sobre as suas obras e sobre as suas inspirações. No final da conversa a ilustradora autografou os livros que as crianças levaram e que continham os seus desenhos.

Inferências e fundamentação teórica

O facto de os alunos interagirem com pessoas ilustres da nossa sociedade, podendo realizar-lhes questões é de extrema importância. Durante esta visita, os alunos observaram e ouviram cuidadosamente o que a ilustradora mostrava e dizia. No final, para além de esclarecerem algumas dúvidas, tiveram também a oportunidade de pedir autógrafos à mesma. Devemos ter em consideração que o aluno, assim como as pessoas todas, estão constantemente a aprender. Segundo Antunes (2007), aprender é um processo “que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes.” (p.32) Assim, considero que este tipo de iniciativas não é uma perda de tempo na aprendizagem, mas sim um modo diferente de ganhar sabedoria.

26 de novembro de 2012

Durante esta manhã a professora fez revisões para o teste de Português. Para isso corrigiu o trabalho de casa e tirou as dúvidas que os seus alunos tinham. Durante a correção do trabalho de casa, a professora pediu a cada aluno para ler a expressão escrita que tinham feito. Assim que o aluno acabava de ler, os outros criticavam o que tinham ouvido e davam sugestões de melhoramento.

A seguir ao intervalo, alguns alunos foram ensaiar para a festa de Natal, enquanto os outros realizaram uma proposta de trabalho de Matemática.

Inferências e fundamentação teórica

A leitura de textos escritos pelos alunos é um momento em que estes têm a possibilidade de brilhar. Quando lemos algo que escrevemos, ao lermos vamos estar mais confiantes pois conhecemos bem o texto. O facto de as crianças se mostrarem interessadas no que leem, acaba sempre por influenciar os colegas para a prática da leitura. Como afirma Smith (1989), “ler para as crianças pode torná-las interessadas nas histórias e também demonstrar interesse e utilidade para outras pessoas.” (p.349) Outro aspeto interessante sobre esta atividade foi o facto de os colegas terem tido a oportunidade de comentar o trabalho uns dos outros. Ao darem o *feed-back* do texto os alunos usaram um discurso próprio da idade. Na minha opinião, nestas ocasiões a professora podia ajudar os seus alunos no diálogo de modo a enriquecer o campo lexical dos mesmos. Para Fonseca, Santos, Vilela, Duarte, Cabral, Santos e Figueiredo (1994), “raramente, nas aulas de Português, os professores levam os seus alunos a produzir um discurso oral de tamanho razoável (...).” (p.82) Esta atividade deve ser realizada com mais regularidade nas salas de aula, para que os alunos possam discursar e serem avaliados e corrigidos nesta matéria.

27 de novembro de 2012

Hoje os alunos realizaram o teste de Português.

Depois do intervalo, mais comprido devido à realização do teste, os alunos voltaram para a sala e nela e permaneceram a resolver uma proposta de trabalho de Matemática. Enquanto os alunos a resolviam, eu e a minha colega de estágio corrigíamos as expressões escritas lidas outrora pelos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje tive a oportunidade de corrigir algumas expressões escritas. A professora, devido à quantidade de trabalho proveniente da festa de Natal, pediu-nos para corrigir os textos e escolher os melhores. À medida que íamos corrigindo, íamos escrevendo os erros dados numa outra folha para que, posteriormente, os alunos os pudessem corrigir. Segundo Baruk, (1996), os erros:

são eles que permitem compreender a situação do aluno (...), do seu funcionamento psíquico real face a um saber, mas também compreender

qual é a natureza desse saber e as modalidades da sua transmissão.
(Posfácio)

Os erros acabam por ajudar os alunos a perceberem quais são as suas maiores dificuldades e, ao serem corrigidos, vão estar a reforçar a ideia do correto.

30 de novembro de 2012

Hoje por motivos pessoais não compareci no estágio profissional.

3, 4 e 7 de dezembro de 2012

Nesta semana, os alunos do 4.º ano A e B, juntamente com a turma do 2. Ciclo do Ensino Básico realizaram os ensaios para a festa de Natal.

Nos primeiros dois dias, os alunos permaneceram na sala da professora da turma B e ensaiaram, por cenas, as suas falas. Enquanto alguns alunos treinavam as suas falas, outros na sala da turma A, ensaiavam-se as músicas e as coreografias.

Na sexta-feira dia 7, todos os alunos se dirigiram ao ginásio principal para ensaiar a peça no local onde essa ia ser apresentada. Durante este ensaio, eu e a minha colega de estágio, pintámos alguns cenários para festa do 4.º e 5.º anos.

Inferências e fundamentação teórica

Durante esta semana, o 4.º ano esteve ocupado a ensaiar para a festa de Natal. Estes afinavam as vozes e decoravam os textos e os passos de dança.

Esta semana é uma semana particularmente trabalhosa e stressante, pois tudo tem que ser perfeito e, como tal, nada pode falhar.

Nesta festa, os alunos vão representar uma peça de teatro aos pais. Para mim, a expressão dramática é uma área importante, pois é nesta que os alunos podem interpretar variadíssimas personagens e sair um pouco da rotina escolar. Rodrigues (2002) salienta que “a educação artística nas escolas deve permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias emoções.” (p.17) Para além do teatro, as crianças têm de realizar inúmeras coreografias, aliando assim a dança ao teatro. A

dança, para Sousa (1979), trata-se de uma arte criativa onde “se estabelece a intensão de criar explorando situações de dificuldade.” (p. 10)

Para os alunos, a festa de Natal não é só sinónimo de festa, mas também de trabalho pois estes têm o dever de decorar as falas, os gestos e ainda as coreografias de dança.

10 e 11 de dezembro de 2012

Nestes dois dias, o 4.º ano dedicou-se aos ensaios da festa de Natal.

14 de dezembro de 2012

Durante este dia, os alunos da turma A falaram sobre o que iriam fazer nas férias de Natal e quais os seus desejos para o ano 2013.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, os alunos falaram um pouco sobre os planos que tinham para as férias e sobre o que mais queriam receber como prenda de Natal. Nesta conversa a professora deu a palavra a todos os alunos, para que todos pudessem falar e partilhar alguns dos seus desejos. Para mim, este tipo de diálogo é bastante importante. É de destacar que as partilhas de informações entre a turma ajuda a mesma a unir-se e faz com que os intervenientes fiquem mais próximos uns dos outros.

4 de janeiro de 2013

No primeiro dia de estágio do ano de 2013, a turma A realizou uma proposta de trabalho de Matemática sobre situações problemáticas, nomeadamente sobre os números decimais.

Logo a seguir ao recreio, toda as turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico assistiram a uma dramatização sobre os 3 Reis Magos e, posteriormente, falaram com os atores sobre essa época do ano.

Inferências e fundamentação teórica

Geralmente quando elaboramos uma proposta de trabalho de Matemática, essa, regra geral, contém sempre situações problemáticas. Esta turma tem dificuldades acentuadas nessa área e, como tal, a professora tem a necessidade de entregar muitas fichas com problemas. Segundo Ponte e Serrazina (2000):

Dado um problema é necessário começar por procurar compreendê-lo. Para isso procuramos identificar o que é dado e o que é pedido e tentamos representá-lo matematicamente. (...) Uma vez compreendido o problema, é altura de conceber um plano para a sua resolução (...). Uma vez assente o plano, é chegado o momento de o concretizar, executando os cálculos ou construções, recolhendo e analisando dados, etc. (p.52)

Os problemas podem ser rotineiros ou não rotineiros, sendo o último menos utilizado e o primeiro mais explorado. Para Alsina (2004), devemos resolver problemas que surjam “em contextos não matemáticos, sejam do meio envolvente, sejam de outras áreas ou disciplinas, aplicando as operações aritméticas necessárias e utilizando estratégias pessoais para a sua resolução.” (p.32) É importante estimular estes dois tipos de problemas em Matemática.

7 de janeiro de 2013

Hoje a minha colega de estágio M. N. deu a sua primeira aula neste ano de escolaridade. Começou por falar de D. Sebastião através de uma apresentação de *PowerPoint*, de seguida e, ainda sobre o tema anterior, a minha colega falou das características do texto dramático. No final realizou uma atividade em que os alunos tinham de representar um texto cujo tema era D. Sebastião. Na área de Matemática, foram trabalhadas as frações representadas por números decimais.

Inferências e fundamentação teórica

A aula da minha colega correu bastante bem. Ela, através de estratégias dinâmicas e cativantes, conseguiu prender a atenção dos alunos, praticamente durante toda a aula. A aula de História foi na minha opinião a que correu melhor mas foi também, por outro lado, aquela que a minha colega mais dificuldade teve a dar. Apesar das complicações, as

estratégias utilizadas pela minha colega, assim como as atividades, fizeram com que esta área tivesse sido a mais interessante de todas. Para Proença (1990), as dramatizações “permitem que o ensino da História se torne motivador e estimulam o desenvolvimento de várias capacidades, particularmente no domínio da imaginação, criatividade e capacidade de expressão.” (p.135)

Estas técnicas permitem que o ensino da História se torne motivador e estimulam o desenvolvimento de várias capacidades, particularmente no domínio da imaginação, criatividade e capacidade de expressão.

8 de janeiro de 2013

Neste dia a professora reviu, através de uma apresentação em *PowerPoint*, os tipos de frase e ainda a sua polaridade. De maneira a consolidar a informação dada anteriormente, foi entregue a cada aluno uma proposta de trabalho sobre o tema atrás abordado.

Inferências e fundamentação teórica

A gramática está constantemente em mudança sendo por isso necessária a revisão da mesma. Neste caso, os alunos já tinham aprendido os tipos de frase mas a professora decidiu voltar a abordar este conteúdo devido a mudança do termo “forma” para “polaridade”. Peres (1984) considera “a gramática de uma língua é o conjunto de todas as informações necessárias para o pleno uso dessa língua.” (p.19)

Reis e Adragão (1992, p.63) consideram que “para os alunos a gramática é frequentemente objecto de terror (...)”, pois preferem a leitura e interpretação de texto a esta.

11 de janeiro de 2013

Hoje o dia começou com uma atividade autónoma por parte dos alunos. Os alunos tiveram de arrumar e organizar os seus *dossiês* sozinhos.

Ainda durante a manhã a professora realizou um ditado de palavras e, mais tarde, pediu aos alunos para realizarem uma expressão escrita sobre o “obrigado”.

Inferências e fundamentação teórica

Os alunos tiveram esta manhã aulas dedicadas ao Português. A professora começou por realizar um ditado de palavras, ou seja, em vez de ditar um texto, como é costume, decidiu retirar do texto as palavras mais difíceis para os alunos escreverem. Teberoski e Colomer (2003) afirmam que o “ditado é, muitas vezes, utilizado pelo professor titular para avaliar a ortografia, pois recorre muitas vezes a “um texto já preparado, com o único propósito de verificar se os alunos conhecem as regras de transcrição da ortografia padrão.” (p.122)

Mais tarde, os alunos escreveram uma expressão escrita cujo tema era «obrigado». Para Ponte e Serrazina (2000), se estas atividades forem consideradas como “produções autênticas”, os alunos irão investir “o melhor dos seus conhecimentos e das suas capacidades, (...) sendo um excelente meio de evidenciar o que sabem, do que são capazes e de promover a sua reflexão crítica.” (p.232) A professora pediu que escrevessem sobre este tema porque neste dia se celebrava o dia do «obrigado».

14 de janeiro de 2013

Esta manhã foi dedicada as minhas aulas. Comecei por abordar a área de Estudo do Meio com uma adivinha e, de seguida, falei dos rios com a ajuda de uma apresentação de *PowerPoint*. No final realizei, em conjunto com a turma, um mapa de Portugal onde tivemos de construir com linhas azuis os mais importantes rios do nosso País. De seguida, entreguei uma ficha informativa sobre as percentagens e depois de explicar o conteúdo, entreguei uma proposta de trabalho sobre o mesmo tema, proposta que realizei em conjunto com a turma. Por fim, falei do discurso direto através de um jogo onde, sorteado, os alunos tinham de desenhar ou fazer mímica e duma palavra. Depois de descoberta a palavra, o aluno tinha de formular em discurso direto uma frase onde essa palavra se enquadrasse.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta turma decidi que quando desse aula utilizaria uma estratégia de comportamento. Como tal, entreguei a cada aluno uma imagem de um *cupcake* (devido à decoração da sala), a terceira chamada de atenção tirava a imagem. Segundo Arends

(2008), “os professores que aplicam os princípios de comportamento na gestão da sala de aula utilizam recompensas (...)” (p. 174) Neste caso, que ficassem com a imagem e poderiam levá-la para casa.

Nesta aula, acabei por não conseguir concluir a área de Português devido à má gestão do tempo. Para Arends (1995), o tempo revela-se:

o recurso mais importante que o professor tem de controlar: não só quanto tempo deve ser gasto numa matéria específica, mas como gerir e focalizar o tempo dos alunos nos assuntos escolares em geral. (p.79)

Ter cuidado com tempo é fundamental. Acabei por não conseguir terminar a aula e saí prejudicada por isso.

15 de janeiro de 2013

A manhã de hoje foi dedicada a realização de uma proposta de trabalho de Matemática sobre percentagens.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta ficha, a professora para além das habituais situações problemáticas tinha questões em que os alunos tinham de formular, eles próprios, um enunciado para um determinado problema. Para Pedro e Serrazina (2000), a formulação de problemas “é uma actividade que deve ser promovida na sala de aula. (...) Formular problemas não significa apenas estimular as crianças a construir os seus problemas mas sim um meio de auxiliar a curiosidade natural das crianças.” (p.75) Este tipo de atividades faz com que o aluno também tenha de pensar pois, antes de formular o problema, o aluno vai ter de o interpretar primeiro.

18 de janeiro de 2013

No início da manhã de hoje pedi à professora titular que me deixasse terminar a última situação problemática da proposta de trabalho que tinha entregue no dia da minha

manhã de aula. Depois de a ter realizado e corrigido, fui assistir a uma aula surpresa no 3.º ano. A estagiária teve de dar, com o material *Cuisenaire*, a noção do perímetro.

Inferências e fundamentação teórica

O perímetro é um dos muitos conceitos que pode ser trabalhado com o auxílio do material *Cuisenaire*. Durante a aula, a minha colega utilizou muito o quadro e pediu aos alunos que trabalhassem nas mesas sem o auxílio de papel, porém, outra das atividades que podem ser desenvolvidas com este material, segundo Caldeira (2009), são numa “folha quadriculada, com 1cm de lado, (...) as crianças podem medir com a peça padrão (peça branca) e calcular o perímetro de diferentes figuras geométricas.” (pp.161-162) Apesar de não ter grandes estratégias, a minha colega manteve-se calma e procurou responder e ajudar todos alunos e todas as suas dúvidas.

21 de janeiro de 2013

A minha colega de estágio deu neste dia a sua segunda e última manhã de aulas. Ela começou por introduzir o tema de Português através de um jogo e concluiu-o através de uma pequena atividade. De seguida, abordou o tema das Serras, onde elaborou com os alunos um mapa de Portugal com as serras. Durante essa elaboração, a minha colega ia fazendo algumas adivinhas sobre o tema de modo a não quebrar o ritmo da aula. Por fim, e através de uma apresentação de *PowerPoint*, a minha colega deu as contagens visuais traduzidas por expressões numéricas.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a realização do jogo na área do Português, a minha colega esqueceu-se de mencionar as regras logo no início, fazendo com que perdesse algum tempo nesta área pois os alunos, como tinham dúvidas, não percebiam o conceito do mesmo. Segundo Amado e Pimenta (2002), as regras vão contribuir “para a prevenção de situações não desejáveis.” (p.9)

Neste dia, a minha colega deu um novo conteúdo a Matemática: as expressões numéricas. Para Pedro e Serrazina (2000), as expressões numéricas são “muito usadas na matemática escolar e a sua aprendizagem faz parte dos objectivos curriculares.” (p.42) Apesar de ser matéria nova, os alunos assimilaram bem o conteúdo.

22 de janeiro de 2013

Hoje dei a minha segunda manhã de aulas. Comecei por mostrar um pequeno filme com imagens e música sobre a Dinastia Filipina e, depois deste, realizei um jogo de pergunta-resposta com alunos, de modo a resumir e a tirar algumas dúvidas sobre o tema abordado. Após o jogo, entreguei a cada aluno uma banda desenhada sobre a Dinastia Filipina e a partir disso fiz a ponte para a área de Português onde falei da banda desenhada. Depois de ter falado da banda desenhada, entreguei uma pequena proposta de trabalho onde os alunos tinham de desenhar uma personagem com três expressões diferentes e legendá-las. No final, dei as regularidades numéricas através do jogo do bingo. Para a realização deste entreguei a cada aluno um cartão com uma sequência, e quem acabasse de completar o seu cartão primeiro, ganhava.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, abordei um conteúdo novo na área de matemática: as regularidades numéricas. Pedro e Serrazina (2000) afirmam que as regularidades constituem “um aspecto essencial da Matemática. (...) À medida que os alunos vão desenvolvendo esta actividade, eles devem constatar o tipo de regularidade e o respectivo padrão, se for caso disso.” (p.157) Depois de uma breve explicação com exemplos decidi aplicar este conteúdo de uma forma prática, ou seja, através de um jogo. Durante o jogo, os alunos mostraram-se muito entusiasmados e motivados. Essa motivação é fundamental para que elas desenvolvam uma disposição para aprender mais acerca do tema.

25 de janeiro de 2013

Hoje foi o último de estágio profissional.

Neste dia, a professora titular da turma do 4.º ano A pediu-me, e à M. N., para fazer em conjunto uma proposta de trabalho de Matemática sobre os múltiplos e sobre os divisores.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo este o último dia de estágio, decidi aproveitá-lo ao máximo. Como estagiária, este dia reflete uma certa nostalgia e saudade, pois ao longo de todos os momentos de estágio foram criados laços e vínculos não só com as crianças como, também, com as professoras cooperantes e com as pessoas da escola em si. Para Sêco (1997), “o afeto é o sentimento particular de inclinação para alguém, podendo essa inclinação manifestar-se de diversas formas e em diferentes graus: afeição, ternura, carinho, amizade, amor” (p. 89) Desta forma, interação que mantive principalmente com as crianças ultrapassou os limites profissionais, pois é uma relação que envolve sentimentos e, como tal, vai deixar marcas para toda a vida.

Capítulo 2

Planificações

2.1 Descrição do Capítulo

Neste capítulo irei abordar o tema: Planificações.

Este está subdividido em três grandes partes: na primeira parte podemos encontrar esclarecida a organização do mesmo.

Na segunda parte irei abordar o processo da planificação na minha área de ensino, nomeadamente a educação. Nesta falarei dos principais objetivos da planificação evidenciando as suas vantagens e desvantagens. Falarei ainda na planificação modelo adotada pela Escola Superior de Educação João de Deus: a planificação de Modelo T.

Na última parte irei apresentar planificações, duas delas do Ensino Pré-Escolar nomeadamente no Domínio do Conhecimento do Mundo e Domínio da Matemática e outras duas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente na área de Estudo do Meio e de Português.

Após cada planificação será feito o enquadramento teórico sobre os objetivos da aula em si.

2.2 Fundamentação Teórica

Para um docente, a planificação deve ter um conjunto de bases que tenham em consideração os conhecimentos e competências que as crianças já têm, assim como os objetivos que pretendemos que as mesmas atinjam.

Braga (2004) afirma:

A planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender. (p.3)

Escudero (citado por Zalbaza, 1994) relata que a planificação “trata-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as

nossas previsões, desejo, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias.” (pp.47-48)

Clark e Pererson (s.d., citado por Zalbaza, 1994), dizem-nos que a planificação é “o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções.” (p.48)

A planificação ajuda-nos enquanto docentes a preparar uma de aula de modo a que essa corra como o planeado, e que todos os objetivos que pretendemos transmitir sejam, de facto, transmitidos e as competências cumpridas. Estas razões são apenas algumas delas que ditam a importância da planificação.

Clark e Yinger (citados por Zalbaza, 1994, pp.48-49) questionaram um grupo de professores por que razão realizavam a planificação e qual a importância dessa. Estes chegaram à conclusão que, a partir das respostas dos professores, poderiam agrupar essas razões em três tipos de categorias:

- . Os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava (...);
- . Os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados que actividades teriam de ser organizadas (...);
- . Os que chamam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação (...). (pp.48-49)

O docente, à medida que vai planeando a sua planificação, vai utilizar os seus conhecimentos para que a organização dos conteúdos, na sala de aula, sejam mais simples e claros. A planificação tem assim a função de clarificar e simplificar o trabalho de um educador/professor, pois ajuda-o a estruturar convenientemente o seguimento das suas aulas e permite que os mesmos consigam organizar o seu trabalho, refletir sobre os conteúdos, materiais e

métodos de trabalho adequados à sua aprendizagem e ainda “controlar” e “ajustar” as suas necessidades com os interesses dos alunos.

Contudo, como tudo, a planificação também tem as suas desvantagens:

Segundo Arends (1999), “a planificação pode também apresentar aspectos negativos não previstos, pode por exemplo, limitar a iniciativa do estudante na aprendizagem e tornar os professores insensíveis às ideias dos seus alunos.” (p.67)

A partir da comparação entre as vantagens e as desvantagens da planificação, cheguei a conclusão que o docente tem um papel imprescindível quando planifica, quando prepara as suas aulas de modo a melhorar os conhecimentos e a transmissão dos mesmos à sua turma.

Altet (2000) afirma que “os professores, antecipadamente, reúnem a documentação, definem os objetivos, escolhem um método, optam determinadas estratégias e determinado material e desta forma constroem um cenário que determina as interações que irão desenrolar na aula.” (p.113)

Para além do papel importantíssimo do docente ao planificar as suas aulas, a escola tem também papel em planificar. Segundo Canário (1992, citado por Pacheco, Paraskeva & Silva (1998), a escola precisa de “ser entendida como uma unidade administrativa que prolongava a administração central” para passar a ser vista como “uma organização social, inserida e articulada com um contexto singular, com identidade e culturas próprias, produzindo modos de funcionamento e resultados educativos diferenciados.” (p.94)

Como afirma Canário acima, o papel da escola não pode ser só considerado como algo que é responsável apenas pela gestão, mas também pelas decisões a partir das quais elabora um Projeto Geral e através do qual se realiza a elaboração do Projeto Curricular de Escola.

A Circular n.º 17/2007 descreve o Projeto Curricular de Escola como um “documento que define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola.”

Segundo estas informações, o modelo de planificação que a Escola Superior de Educação João de Deus decidiu adotar foi o Modelo T sendo um modelo criado por Pérez. Este designou esta planificação por Modelo T devido à sua aparência parecida com a letra T na parte dos conteúdos e procedimentos/métodos, assim como forma de T nos objetivos (capacidades/destreza e valores/atitude).

Segundo Pérez e Lopez (2000), “o Modelo T enquadra-se e fundamenta-se no paradigma sócio cognitivo e nos novos modelos de aprender a aprender como desenvolvimento de capacidades e valores (...)”. (p. 1)

E de acordo com o mesmo autor conseguimos observar estes itens no modelo T de aprendizagem:

- **“Capacidades-destrezas:** indicam os objetivos fundamentais cognitivas que queremos desenvolver;
- **Valores-atitude:** mostram os objetivos fundamentais afetivos que pretendemos desenvolver;
- **Conteúdos-conhecimentos:** apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos que se pretende aprender ao longo do ano escolar;
- **Métodos-procedimentos:** apresentam como formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar.” (p.40)

Quadro 6 – Exemplo de uma Planificação de Modelo T

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos – Métodos	
	Objetivos		
Capacidades - Destrezas		Valores – Atitudes	

~

Este quadro mostra-nos um pouco da estrutura da planificação do Modelo T, onde encontramos as várias capacidades, destrezas, valores e conteúdos a desenvolver.

Segundo Pérez (s. d.), “desta maneira (...), integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar.” (p.40)

Agora, passarei a mostrar as minhas planificações que são referentes à planificação de curto prazo, nomeadamente para uma manhã (aproximadamente 4 horas). Estas são regidas pelo modelo T de aprendizagem e, após a mesma, irei fundamentar quais os meus objetivos pretendidos nesse plano.

É de referir que no final do plano vem uma nota bastante importante: “Planificação sujeita a alterações”. A partir dessa, o docente pode alterar a sua aula consoante o decorrer da mesma.

2.3. Planificações

2.3.1. Domínio do Conhecimento do Mundo

Quadro 7 – Planificação n.º 1 da Domínio de Conhecimento do Mundo

Plano de Aula		
Data: 31/11/2011		Aluna Estagiária de Mestrado: Inês Esteves, n.º9 MEPE e 1.º Ciclo A
Grupo: 3 anos A	Domínio do Conhecimento do Mundo	Duração: 30 minutos
Conteúdos Conceptuais		Procedimentos - Métodos
√ Família		(Organização do espaço de aula) √ Falar da Família à medida que se constrói uma árvore genealógica com as personagens da história anterior; √ Ensinar uma lengalenga.
		Objetivos
Capacidades – Destrezas		Valores - Atitudes
√ Expressão Oral: √ Diálogo. √ Compreensão: √ Reconhecer.		Valores: √ Saber ouvir; √ Respeito.
Material: Árvore Genológica, imagens e dedochê.		
Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem		
Nota: Esta planificação está sujeita a alterações.		

Inferências e fundamentação teórica

Iniciei esta aula, organizando o espaço da sala. Para isso sentei, em semicírculo, os alunos da turma A e B, no tapete. Depois de sentados, mostrei à turma uma árvore genológica, em esferovite e pedi a alguns alunos para me dizerem o que iam observando: a árvore, flores, frutos e pássaros. Antes de iniciar a minha aula de Conhecimento do Mundo, fui pedindo aos alunos para me contarem quantas flores de uma determinada cor havia no *placard* de maneira a trabalhar com eles, não só as contagens como as cores.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a organização e utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo.” (p.38)

Depois, desta “introdução” coloquei ao centro do tapete imagens das personagens da história que tinha sido lida anteriormente, nomeadamente da história “*A Camila celebra o natal*” e, com a ajuda de um dedochê, a que os alunos chamaram *Sam-Sam*, pedi a algumas crianças para me irem identificando as personagens (dizer quem era o avô, avó, tio, tia, mãe, pai, primo, prima e por fim a personagem principal, a Camila.)

À medida que eu ia pedindo para me identificarem as personagens, solicitava a outro aluno para a ir colocar a imagem no fruto que continha um determinado algarismo, de maneira a construir a árvore genológica da família da Camila. O dedochê, nesta aula, serviu para estimular a atenção das duas turmas que se encontravam juntas.

Para mim, a atenção é fundamental para que a criança aprenda e geralmente elas aprendem melhor quando são estimuladas e quando gostam do que estão a ouvir, ver, tocar e cheirar.

Por fim, de maneira a passar para outro domínio ensinei à turma uma lengalenga. Assim, os alunos tiveram a oportunidade de estarem de pé a imitaram-me, saltando, falando e rindo ao mesmo tempo que diziam a

lengalenga. Para além disto, as lengalengas estimulam diversas capacidades nas crianças.

Segundo Moutinho e Santos (s. d.), as lengalengas são “jogos de palavras, com rimas e ritmos surpreendentes, que registam uma espécie de cumplicidade entre adultos e criança.” (p.1)

2.3.2. Domínio da Matemática

Quadro 8 – Planificação n.º 2 do Domínio da Matemática

Plano de Aula

Aluna Estagiária de Mestrado:

Data: 17/01/2012

Inês Esteves, n.º 9

MEPE e 1.º ciclo A

Grupo: 5 anos A

Duração: 30 minutos

Iniciação à Matemática

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos - Métodos	
✓ <i>Tangram</i>		(Organização do espaço de aula)	
		✓ Recordar algumas regras base deste material; ✓ Relembrar as peças constituintes do <i>Tangram</i> ; ✓ Realizar a construção da galinha.	
	Objetivos		
Capacidades - Destrezas		Valores – Atitudes	
✓ Expressão Oral: ✓ Diálogo. ✓ Compreensão: ✓ Relacionar. ✓ Experimentar: ✓ Manipular.		✓ Responsabilidade: ✓ Saber ouvir; ✓ Respeito.	
Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem Nota: Esta planificação está sujeita a alterações.			

Inferências e fundamentação teórica

Iniciei esta aula pedindo aos alunos para se lembrarem das regras básicas do material *tangram*, de modo, a respeitarem não só as regras do material como as regras de sala de aula.

Como cita Desmond (2011), em crianças em idade Pré-Escolar, “o cérebro gosta de descobrir uma nova regra, aperfeiçoar o comportamento dentro dos limites dessa regra (...)”. (p.146)

De seguida, solicitei aos alunos que me falassem dos seus conhecimentos sobre este material, de modo a detetar as suas concessões alternativas. A partir dessas informações, expliquei sucintamente a história do *tangram* e apresentei à turma as peças que faziam parte deste material. De maneira a aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre as figuras geométricas do *tangram*, pedi aos mesmos que me dissessem as lengalengas referentes a estas figuras: o quadrado, retângulo e ainda o triângulo.

Segundo Cachapuz (citado por Martins et al., 2007), as conceções alternativas são “ideias que aparecem como alternativa a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos (...), mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização.” (pp.28-29)

Por fim, procedi à construção da galinha através das peças do *tangram*. À medida que ia fazendo esta construção no quadro, os alunos com o material individualizado deles realizavam a mesma nas mesas.

Os alunos acharam o *tangram* parecido com um jogo cujas peças funcionavam como um puzzle, de maneira a descobrirem e fazerem uma determinada figura.

Caldeira (2009) afirma que o *Tangram* “é um jogo, ou *quebra-cabeças* de origem chinesa.” (p.391)

Santos (citado por Caldeira, 2009) afirma ainda que o “Tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e fornece àquele que brinca um envolvente desafio.” (p.391)

2.3.3. Área da Português

Quadro 9 – Planificação n.º 3 da Área de Português

Plano de Aula

Aluna Estagiária de Mestrado:

Data: 18/05/2012

Inês Esteves, n.º 8

MEPE e 1.º ciclo A

Ano: 2.º Ano A

Português

Duração: 60 minutos

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos - Métodos	
√ Classe de Palavras		√ Abordar, resumidamente, o tema: Classe de palavras através de informação que será posteriormente colocada no quadro; √ Realizar um jogo sobre este tema: formar três grupos sendo que cada um vai ter de identificar a classe e subclasse das palavras sublinhadas nas frases. Ganha quem obtiver, no fim do jogo, a maior pontuação; √ Mostrar os livros de onde foram retiradas as frases, no recorrer da atividade anterior.	
Objetivos			
Capacidades - Destrezas		Valores – Atitudes	
√ Expressão Oral ✓ Diálogo; ✓ Uso de voz. √ Compreensão ✓ Observar; ✓ Reconhecer;		✓ Saber ouvir; ✓ Respeito; ✓ Cooperação; ✓ Participação.	
Material: Livros, imagens para os pontos e para os grupos, informação sobre o tema em papel colorido.			

Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula comecei por revelar o tema que ia dar, nomeadamente as classes de palavras. De seguida pedi aos alunos para me dizerem quais as diversas classes de palavras que conheciam. À medida que eles me iam informando, pedia a outros que viessem colar no quadro o nome dessas mesmas classes. Posteriormente, pedi a alguns alunos para irem colocar as definições (que estavam escondidas dentro da sala de aula) nas respetivas classes.

Após esta pequena atividade, passei a explicar as regras do jogo, dividindo a turma em equipas. O objetivo deste jogo era adivinhar a que classe e subclasse pertenciam as palavras sublinhadas das frases, que foram retiradas de diversos livros infantis.

As palavras que eu queria que eles classificassem pertenciam à classe dos nomes, adjetivos, pronomes, determinantes e verbos.

Durante o jogo, não permiti que os alunos quebrassem as regras do jogo de modo a que o funcionamento da aula corresse bem e que a aprendizagem fosse mais clara e simples.

Piaget (1975, p.148) refere que as regras do jogo são regularidades impostas pelo grupo, e o não cumprimento destas implica uma falta.

Na minha opinião, os conhecimentos ficam melhor apreendidos quando são dados ludicamente. Os alunos ficam mais interessados e com mais vontade de participar e ganhar, não só em termos de equipa mas também ganhar em conhecimentos tomados.

No decorrer da atividade, a seguir à classificação das frases, mostrei à turma os livros de onde foram retiradas as mesmas.

Souza (s. d.) afirma que “inúmeros pesquisadores têm-se empenhado em mostrar aos pais e professores a importância de se incluir o livro no dia-a-dia da criança.

Esta chama ainda atenção para um contato sensorial (...), revela que “um prazer singular” na criança. Esta é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter.

2.3.4 Área do Estudo do Meio

Quadro 10 – Planificação n.º 4 da Área do Estudo do Meio

Plano de Aula		
		Aluna Estagiária de Mestrado: Inês Esteves, n.º 8 MEPE e 1.º Ciclo A
Data: 15/06/2012		
Ano: 2.º Ano A	Estudo do Meio	Duração: 60 minutos
Conteúdos Conceptuais		Procedimentos - Métodos
√ Folhas persistentes e folhas caducas		√ Mostrar uma apresentação de PowerPoint que fala sobre as partes constituintes da árvore nomeadamente as folhas; √ Distinguir folhas caducas das folhas persistentes pelas imagens mostradas; √ Organizar uma atividade em que os alunos têm de colar numa cartolina folhas caducas e persistentes no sítio correto. Ao mesmo tempo será entregue uma proposta de trabalho para que todos façam na proposta o que estará a ser feito no quadro.
	Objetivos	
Capacidades - Destrezas	Valores – Atitudes	
√ Expressão Oral: ✓ Diálogo. √ Compreensão: ✓ Reconhecer.	√ Responsabilidade: ✓ Respeito; ✓ Participação.	
Material: Apresentação de PowerPoint, Folhas caducas e persistentes e cartolina, proposta de trabalho e envelopes com folhas de papel.		
Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem Nota: Esta planificação está sujeita a alterações.		

Inferências e fundamentação teórica

Comecei esta aula pedindo aos alunos para me falarem sobre os seus conhecimentos acerca das partes constituintes da planta, aproveitando assim esses conhecimentos para dar continuidade à minha aula.

Através de uma apresentação de *PowerPoint* fui dando a minha aula, explicando pormenorizadamente as características e funções das folhas.

Segundo o Ministério de Educação (1999), “as novas tecnologias de informação e comunicação, dadas as suas potencialidades enquanto instrumento educativo, começam cada vez mais, a influenciar a actividade profissional do professor.” (p.171)

Depois, cheguei ao cerne dos conteúdos: diferenciar as folhas caducas das folhas persistentes. Assim que dei por completa a aula teórica, entreguei à turma uma proposta de trabalho com um envelope que continha folhas e coloquei no quadro um cartaz com a mesma estrutura do problema que se encontrava na ficha anteriormente entregue.

Os alunos tinham de colocar as folhas que estavam dentro do envelope nas corretas espécies de árvores, identificando se essas tinham folhas caducas ou persistentes. No quadro, eu pedia a alguns alunos para fazerem o mesmo exercício, só que com folhas verdadeiras das espécies de árvores que estavam no problema.

Na minha opinião é fundamental que as crianças tenham aulas de Estudo do Meio, principalmente aquelas em que os alunos podem observar na realidade, tocar e cheirar algo que provém da natureza.

Segundo Martins et al. (2007), a educação em ciências “responde e alimenta a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela mesma.” (p.17)

Fumagalli (1998), citado pelos mesmos autores, afirma ainda que as ciências “promove a construção do conhecimento científico útil e com significado social, que permite às crianças e aos jovens melhorar a qualidade de interação com a realidade natural.” (p.17)

Capítulo 3

Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Este capítulo destina-se ao desenvolvimento do processo da avaliação. Ele irá iniciar-se com uma pequena contextualização sobre o significado de avaliar, centrando-se principalmente nas diferentes maneiras de avaliação que podemos encontrar e ainda sobre a importância da avaliação no sistema de ensino-aprendizagem. Por fim irei destacar as diferenças de avaliação entre o Ensino Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Mais à frente apresentarei quatro propostas de trabalho inseridas no âmbito da educação Pré-Escolar e da Educação de 1.º Ciclo, sendo duas delas da primeira (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita) e as restantes do 1.º Ciclo (Estudo do Meio e Matemática).

Posteriormente, serão feitas as análises das classificações obtidas pelos alunos que efetuaram essas mesmas actividades através de tabelas e gráficos de modo a representar essas mesmas classificações.

3.2. Fundamentação Teórica

Segundo Santos (1985), avaliar “(do latim *valere*, quer dizer (...)) ter valor significa reconhecer valia, atribuir valor ou ter significado.” (p.22)

Ribeiro e Ribeiro (1989) definem a avaliação como “um plano de apreciação dos objectivos de aprendizagem que se visam, determinando processos e instrumentos que permitam evidenciar os resultados reais obtidos, tanto os que concordam com os objectivos pretendidos como os que deles se afastam, no sentido de melhorar o processo de ensino e o próprio plano inicialmente construído.” (p.65)

Segundo Ribeiro (1989, citado por Pais & Monteiro, 1996), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p.51)

Ribeiro (1997, p.75) refere que através da avaliação, conseguimos acompanhar o desenvolvimento do aluno, com objetivo de “aferir o que já foi aprendido e o que está a levantar dificuldades.”

Méndez (2007) diz que “a avaliação assume, predominantemente, uma função de regulação do processo de ensino-aprendizagem, pela intervenção face às dificuldades dos alunos e pela análise feita pelo professor das estratégias de ensino utilizadas. (p.15)

Já Ribeiro (1997) afirma que a avaliação “é uma operação que pretende descrever e informar com meios aplicados, com intenção formativa e independente face à classificação.” (p.75)

Sendo assim, pode-se dizer que a avaliação é a atribuição de um valor sobre o processo de ensino-aprendizagem dos alunos através de meios aplicados e justos, de modo a auxiliar os alunos a ultrapassarem as suas dificuldades e ajudar também aos professores a terem uma visão mais ampla do seu método de ensino.

Ribeiro e Ribeiro (1989) afirmam que a informação adquirida através da avaliação é classificada e representada numa escala de valores, seriando e comparando os resultados e servindo de base a resoluções respeitantes ao progresso, ou não, do aluno no sistema escolar.

As funções da classificação distinguem-se da avaliação pela comunicação rápida e eficaz, traduzindo quantitativamente o sucesso obtido durante o processo de ensino-aprendizagem.

Relativamente ao modelo de avaliação, nas escolas predomina essencialmente a avaliação de conhecimentos, ou seja, de toda a informação educativa que o docente passou aos seus alunos durante um período de tempo.

Santos (1985) afirma que a avaliar conhecimentos “é tarefa que são chamados a desempenhar com frequência os professores em todos os níveis de ensino.” (p.13) Sendo que essa avaliação dirá respeito “à área intelectual ou cultural, pretendendo-se através da avaliação conhecer o progresso de cada aluno

relativamente a determinado programa previamente estabelecido como meta a alcançar.” (p.31)

Este processo é destinado aos alunos, pois são eles que são constantemente avaliados pelo professor responsável. Quando abordamos o tema avaliação, referimo-nos, nem mais nem menos, à avaliação dos alunos, ou seja, aos resultados que eles vão obtendo ao longo do ensino.

O Despacho Normativo n.º 338/93 afirma que a avaliação dos alunos “é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo.” (p.43)

Pacheco (citado por Pais & Monteiro, 1996) diz “que tendo como objectivo o aluno, a avaliação que os professores realizam incide em determinados dimensões ou facetas, privilegiando-se, por norma, mais os aspectos reprodutores e menos o espírito crítico ou, ainda, mais as competências do domínio cognitivo e menos as competências dos domínios afectivo e motor.” (p.76)

Este sistema de avaliação apresenta vantagens na aprendizagem pois os alunos vão-se sentir motivados ao serem informados acerca do método de avaliação e vai permitir ao docente arranjar estratégias alternativas face ao que correu menos bem, de modo a desenvolver e aperfeiçoar os seus métodos de ensino.

Deste modo, Ribeiro e Ribeiro (1989, p.338) mencionam que a avaliação adquire os “papéis de preparar, acompanhar e rematar o processo de ensino-aprendizagem, permitindo aperfeiçoar este processo e conduzir os alunos ao sucesso na sua formação académica.”

O Ministério da Educação (2009) sistematiza que:

“a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também a base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança.” (p.27)

Contudo, como tudo, a avaliação tem também aspetos menos positivos pois acabamos por não ser justos em todas as diretrizes.

Segundo Pais e Monteiro (1996), “a dificuldade de avaliar advém sobretudo do facto de que, ao fazê-lo, estamos a emitir juízos de valor, a privilegiar saberes, maneiras de ser e de estar. (p.45)

Depois de uma explicação sobre a definição de avaliação e classificação é importante referir que existem vários tipos de avaliação. Como Ribeiro e Ribeiro (1989, p.342) afirmam, existem “três tipos de avaliação aos quais o professor deve atender – diagnóstica, formativa e sumativa. Não são estratégias alternativas de avaliação, mas sim formas que se complementam, não valorizando nenhuma.”

A primeira a diagnóstica é realizada normalmente no início de cada período escolar de modo a que o docente tenha a perceção dos conhecimentos dos seus alunos. Assim o professor faz uma breve análise da situação dos alunos e planeia medidas que se adequam aos objetivos da turma.

Segundo Pais e Monteiro (1996), “a principal finalidade consiste em determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar uma unidade de aprendizagem, já que determina o seu nível prévio e possibilita averiguar possíveis dificuldades que possa ter no decorrer do processo de ensino-aprendizagem”. (p.24)

Ribeiro e Ribeiro (1989, p.68) dizem que este tipo de avaliação “representa a última operação a realizar antes de execução das unidades de ensino planificadas, visando verificar o domínio, por parte dos alunos, de aptidões e conhecimentos”.

Os mesmos autores afirmam que a avaliação diagnóstica “tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens. (p.342)

Relativamente a avaliação formativa, Ribeiro e Ribeiro (1989) enunciam que a avaliação formativa é “implementada durante todo o processo de ensino-

aprendizagem, identificando as aprendizagens realizadas com sucesso e as que se revelaram problemáticas, para que se possa corrigir estas últimas e conduzir os alunos aos resultados pretendidos nas tarefas realizadas.”

Afirmam também que este é um “processo contínuo (avaliação continua) e pode determinar prioridades de avaliação e ocasiões adequadas para se apurar os resultados obtidos, obtendo assim, com regularidade, informações de que o professor carece para guiar o ensino e facilitar a aprendizagem.” (p. 348)

Ribeiro e Ribeiro (1989, p.68) dizem que esta “ocorre durante a condução das actividades de ensino, no sentido de ir verificando o progresso da aprendizagem do aluno e o cumprimento dos objectivos em segmentos limitados do programa.”

Segundo Scriven (citado por Pais e Monteiro, 1996), a avaliação formativa “dirige-se mais ao professor porque o leva a actualizar os seus conhecimentos didácticos, a procurar a coerência entre os seus critérios e as escolhas didáticas, a relativizar o peso da sua pessoa no comportamento de avaliador.” (pp.43-44)

De acordo com Sacristán (1993, citado por Ferreira, 2007), a avaliação formativa “trata de uma avaliação que propicia a tomada de consciências e a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, de modo a fazer correcções, a procurar estratégias alternativas e a reforçar os êxitos dos alunos.” (p.28)

O último tipo de avaliação mencionada por Ribeiro e Ribeiro é a sumativa. Esta distingue-se dos outros dois tipos de avaliação, pois resulta do balanço dos resultados finais do processo de ensino-aprendizagem.

Ribeiro e Ribeiro (1989, p.68) dizem que a avaliação sumativa “constitui numa «espécie de balanço» sobre a aquisição de aprendizagens num segmento largo do programa, para o que selecciona aspectos mais importantes e representativos da matéria sobre o que incide essa avaliação.”

Segundo Ribeiro (citado por Pais & Monteiro, 1996), “a avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por

avaliações de tipo formativo e indicadores que permitam aperfeiçoar o processo do ensino.” (p.49)

Hadji (1994, citado por Ferreira, 2007) diz que a:

Função sumativa da avaliação realiza-se no final do processo de ensino-aprendizagem – quer se trate de um trimestre, de um semestre, de um ano ou ciclo de estudos -, normalmente através de testes e exames, e consiste no balanço (uma soma) das aprendizagens dos alunos depois de uma ou várias sequências de ensino aprendizagem. (p.30)

Falando agora particularmente da avaliação na Educação da Pré-Escolar, a avaliação para o educador vai ser um elemento importante e integrante pois vai sustentar as suas decisões e promover a qualidade das aprendizagens através de uma recolha sistemática de informação que vai ser posteriormente analisada e interpretada. Com base na Circular n.º 4/DGIDC/2011:

Contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a actividade educativa, tomar decisões, planear a acção; Reflectir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens; Recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual (PEI); Promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de cada uma; Envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando; Conhecer a criança e o seu contexto, numa perspectiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo. (p.3)

Ainda relativamente à avaliação na Educação Pré-Escolar, o educador tem dois tipos de avaliação: a diagnóstica que tem como objetivo conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, e a formativa, que vai permitir a regulação e ajudar a aprendizagem dos alunos.

Quanto ao modelo de avaliação do Programa no 1.º Ciclo do Ensino Básico este centra-se “na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra.” (p.25)

A escala da avaliação das propostas das atividades, quer do ensino pré-escolar quer do ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico foram elaboradas para 10 valores associados a 5 níveis de desempenho. De acordo com Tenbrink (2002):

As escalas avaliação têm uma definida vantagem sobre as listas de controlo, porque nos permite formular juízos sistemáticos sobre o grau basta que chegue a um comportamento ou característica. Uma escala de avaliação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a avaliar e algum tipo de hierarquia. (p. 259)

A avaliação é realizada através da escala de avaliação, apresentada no quadro seguinte:

Quadro n.º 11 – Escala de Avaliação

1	Fraco	de 0 a 2,9 valores
2	Insuficiente	de 3 a 4,9 valores
3	Suficiente	de 5 a 6,9 valores
4	Bom	de 7 a 8,9 valores
5	Muito Bom	de 9 a 10 valores

Para os restantes e seguintes dispositivos de avaliação, foi utilizada esta mesma escala de avaliação.

Em suma, Hadji (1994, citado por Ferreira, 2007) afirma que:

A avaliação deve ser fundamentalmente entendida como uma componente da prática educativa. Consiste na recolha de

informações e tomada de decisões pedagógicas adequadas às necessidades e capacidades dos alunos. É, portanto, um elemento regulador da prática educativa (...). (p.11)

3.3. Avaliação da atividade n.º 1

3.3.1. Enquadramento

Esta atividade é referente a uma aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lecionada no dia 10 de janeiro de 2012. A atividade foi realizada na turma dos 5 anos A, durante o tempo em que eu própria fazia com um grupo de alunos, a dinamização da Cartilha Maternal João de Deus através de algumas palavras escolhidas por mim.

3.3.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

A atividade 1 pertence ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. No primeiro exercício pretende-se que os alunos circundam todas as vogais das quatro palavras numa cor a escolha. Por fim, os alunos tinham de ligar a palavra ao desenho correspondente. Especificando os exercícios:

- Circundar apenas as vogais: neste parâmetro pretende-se descobrir se as crianças identificam e diferenciam as vogais das letras consoantes;
- Corresponder a palavra à imagem: neste, os alunos tinham de obrigatoriamente ler a palavras para conseguirem corresponder à imagem acertada. Neste exercício para além da leitura foi também estimulado e desenvolvido a motricidade fina.

Quadro 12 – Tabela de parâmetros, critérios e cotações de dispositivos de avaliação de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotações
Identificação da palavra e das suas	Circunda entre 8 a 10 vogais.	5	5
	Circunda entre 5 a 7 vogais.	3,5	
	Circunda entre 1 a 4 vogais.	2	

vogais	Não circunda nenhuma vogal.	0	
Ligação correspondente entra a palavra e a imagem	Corresponde corretamente as 4 palavras.	5	5
	Corresponde apenas 3 palavras.	4	
	Corresponde apenas 2 palavras.	3,5	
	Corresponde apenas 1 palavra.	2	
	Não corresponde nenhuma palavra.	0	
			10 Valores

3.3.3. Grelha de avaliação

Quadro 13 – Grelha de Avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Questões:	1	2	Total	Classificação
	5 Valores	5 Valores		
Número:				
1	5	3,5	8,5	Bom
2	5	5	10	Muito Bom
3	5	5	10	Muito Bom
4	5	5	10	Muito Bom
5	5	5	10	Muito Bom
6	-	-	-	
7	5	5	10	Muito Bom
8	3,5	3,5	7	Bom
9	-	-	-	
10	-	-	-	
11	5	5	10	Muito Bom
12	5	5	10	Muito Bom
13	5	5	10	Muito Bom
14	5	5	10	Muito Bom
15	5	5	10	Muito Bom
16	-	-	-	
17	-	-	-	
18	5	5	10	Muito Bom
19	5	5	10	Muito Bom
20	-	-	-	
21	5	5	10	Muito Bom
22	5	5	10	Muito Bom

23	-	-	-	
24	3,5	5	8,5	Bom
25	-	-	-	
26	5	5	10	Muito Bom
27	5	5	10	Muito Bom
28	5	5	10	Muito Bom
Média:				

Observações: Positivas ☐

Negativas ☐

Faltou ☐

3.3.4. Descrição da grelha da avaliação

No primeiro exercício, a média da turma foi bastante positiva. Apesar de oito alunos terem faltado, a média foi bastante positiva, notando-se que não houve nenhuma nota negativa. Dezoito dos alunos alcançaram a nota máxima de 5 valores e dois obtiveram uma nota de 3,5.

Quanto ao último exercício, a média foi toda positiva. Neste caso, também dezoito alunos obtiveram a nota máxima e dois alunos ficaram com 3,5 valores.

3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico

Avaliação da atividade de Domínio da Linguagem oral e Abordagem à Escrita

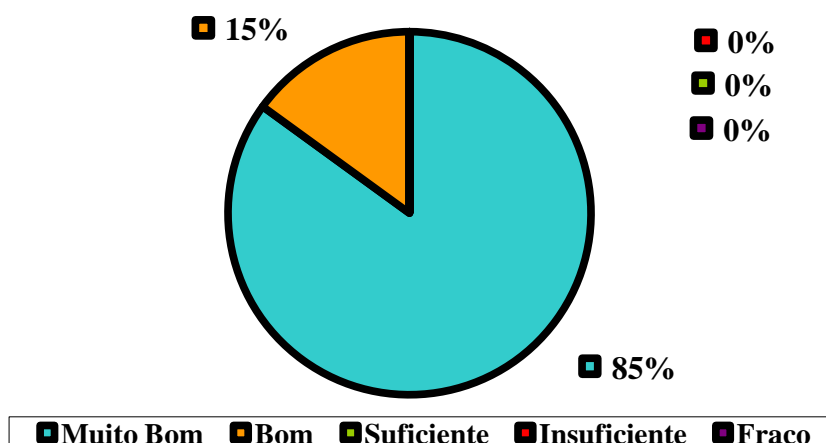


Figura 1 – *Gráfico circular com os resultados da atividade anterior a)*

3.3.6. Análise de gráfico

Após uma detalhada análise do gráfico, assim como da respetiva grelha de avaliação é evidente que os resultados foram todos acima da média (entre o Bom e o Muito Bom), não havendo nenhum resultado negativo (Insuficiente e Fraco).

É de visualizar, também, que mais de metade da turma (85%) obteve a classificação mais alta.

Deste modo posso finalizar dizendo que o conteúdo programático foi retido por todos os alunos desta turma.

3.4. Avaliação da atividade 2

3.4.1. Enquadramento

O seguinte dispositivo é também referente a uma proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Esta foi também realizada na turma dos 5 anos no dia 31 de janeiro de 2012. Nesta, os alunos trabalharam em grupo comigo de maneira a realizar a atividade sem erros e rapidamente.

3.4.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

No primeiro exercício os alunos tinham de colar as letras de maneira a formar uma palavra que estava relacionada com uma personagem da história que tinha sido anteriormente lida. No último exercício, os alunos tinham de realizar um desenho de acordo com a personagem que havia calhado a cada aluno. Especificando os exercícios:

- Formar uma palavra com letras móveis e colá-la: neste exercício todos os alunos tinham como material letras móveis e um tubo de cola. O objetivo era, com essas letras, formar a palavra de uma das personagens da história que na atividade anterior tinha sido lida. Neste exercício os alunos tem de decifrar as letras de modo a formar a palavra.
- Realizar um desenho sobre a palavra: neste, os alunos consoante a personagem que calhou tinham de fazer um desenho sobre a mesma. Através desse, percebi se os alunos tinham percebido a história pois o desenho tinha de estar relacionado com a mesma.

Quadro 14- Tabela de parâmetros, critérios e cotações de dispositivos de avaliação de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotações
Formação de palavras através de letras móveis	Colou corretamente todas as letras móveis.	8,5	8,5
	Colou corretamente 3 letras móveis.	6	
	Colou corretamente 2 letras móveis.	3	
	Colou corretamente 1 letra móvel.	2	
	Não colou nenhuma letra móvel.	0	
Motricidade fina:	Realizou o desenho de acordo com a história.	1,5	1,5
	Não realizou o desenho.	0	
			10 Valores


3.4.3. Grelha de avaliação


Quadro 15 - Grelha de Avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Questões:	1	2	Total	Classificação
	8,5 Valores	1,5 Valores		
Número:				
1	8,5	1,5	10	Muito Bom
2	-	-	-	
3	8,5	1,5	10	Muito Bom
4	8,5	1,5	10	Muito Bom
5	8,5	1,5	10	Muito Bom
6	6	1,5	7,5	Bom
7	-	-	-	
8	8,5	1,5	10	Muito Bom
9	8,5	1,5	10	Muito Bom
10	8,5	0	8,5	Bom
11	6	1,5	7,5	Bom
12	8,5	1,5	10	Muito Bom
13	8,5	1,5	10	Muito Bom
14	-	-	-	
15	8,5	1,5	10	Muito Bom
16	8,5	1,5	10	Muito Bom

17	8,5	1,5	10	Muito Bom
18	8,5	1,5	10	Muito Bom
19	8,5	1,5	10	Muito Bom
20	8,5	1,5	10	Muito Bom
21	8,5	1,5	10	Muito Bom
22	8,5	1,5	10	Muito Bom
23	8,5	1,5	10	Muito Bom
24	8,5	1,5	10	Muito Bom
25	8,5	1,5	10	Muito Bom
26	8,5	1,5	10	Muito Bom
27	8,5	1,5	10	Muito Bom
28	-	-	-	
Média				

Observações: Positivas 

Negativas 

Faltou 

3.4.4. Descrição da grelha de avaliação

No primeiro exercício presente na proposta de trabalho, a média da turma foi bastante positiva, não se registando alguma negativa. Podemos perceber que quatro alunos faltaram, não tendo nota. Vinte e um alunos acabaram por obter a nota máxima, dois obtiveram 8,5 valores e a nota mais baixa foi de 7,5 valores.

Relativamente ao segundo parâmetro, apenas um aluno não realizou o desenho.

3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico

Avaliação da atividade de Domínio da Linguagem oral e Abordagem à Escrita

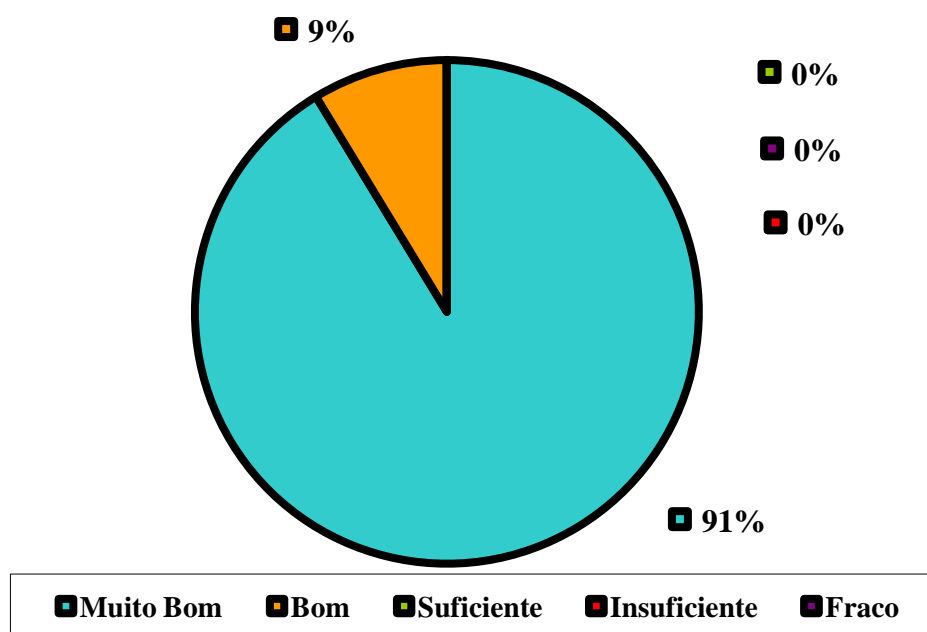


Figura 2 – Gráfico circular com os resultados da atividade anterior b)

3.4.6. Análise de gráfico

Nesta atividade, depois de refletir sobre o gráfico acima representado, posso concluir que os alunos obtiveram todos nota positiva, sendo os resultados acima da média (entre o Bom e o Muito Bom), não havendo nenhum resultado negativo (Insuficiente e Fraco).

É de visualizar, também, que mais de metade da turma (91%) obteve a classificação mais alta de Muito Bom contra 11% com Bom.

Comparativamente à atividade anterior, pode-se concluir esta avaliação dizendo que o conteúdo programático foi assimilado e bem aplicado.

3.5. Avaliação da atividade n.º 3

3.5.1. Enquadramento

A atividade n.º 3 é referente a uma aula de Estudo do Meio lecionada no dia 18 de maio de 2012. Esta foi realizada pelos alunos do 2º ano da turma A após terem tido aula sobre o tema. Esta proposta de trabalho serviu como consolidação da matéria anteriormente dada.

3.5.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

No exercício proposto, os alunos tinham de colar pequenas folhas no sítio correto, para isso seria preciso que distinguíssem folhas caducas das folhas persistentes e ainda identificar as espécies de árvores caducas das persistentes. Consoante o tipo de árvore, o aluno colocava a folha no quadro das folhas persistentes ou caducas. Especificando os exercícios:

- Nesta proposta de trabalho existia apenas um único exercício. Esse consistia na distinção das folhas caducas das folhas persistentes. Os alunos teriam de identificar deste modo, as árvores que possuíam folhas caducas e as árvores com as folhas persistentes. Depois desta análise, os alunos colavam pequenas folhas de papel de modo a assinalarem a sua resposta.

Quadro 16 – Tabela de parâmetros, critérios e cotações de dispositivo de avaliação de Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios		Cotações
Aplicação de conhecimentos sobre folhas caducas e	Distingue corretamente as folhas caducas (4) das folhas persistentes (4).	5	


folhas persistentes.	Distingue corretamente as folhas caducas (2) das folhas persistentes (2).	3	5
	Não distingue as folhas caducas das folhas persistentes.	0	
Associa o tipo de folha ao tipo de árvore.	Identifica corretamente o tipo de folha (4) ao tipo de árvore.	3	3
	Identifica corretamente o tipo de folha (2) ao tipo de árvore.	2	
	Não identifica o tipo de folha ao tipo de árvore.	0	
Motricidade fina.	Colou as folhas no sítio correto.	2	2
	Não colou as folhas no sítio correto.	0	
			10 Valores


3.5.3. Grelha de avaliação


Quadro 17 – Grelha de avaliação da atividade de Estudo de Meio

Questões:	1	2	3	Total	Avaliação Qualitativa
	5 Valores	3 Valores	2 Valores		
Número:					
1	5	3	2	10	Muito Bom
2	5	3	2	-	
3	-	-	-	10	Muito Bom
4	5	3	2	10	Muito Bom
5	5	3	2	10	Muito Bom
6	5	3	2	10	Muito Bom
7	5	3	2	10	Muito Bom
8	5	3	2	10	Muito Bom
9	5	3	2	10	Muito Bom
10	0	3	2	7	Bom
11	5	3	2	10	Muito Bom
12	5	3	2	10	Muito Bom
13	5	3	2	10	Muito Bom

14	5	3	2	10	Muito Bom
15	-	-	-	-	
16	5	3	2	10	Muito Bom
17	-	-	-	-	
18	-	-	-	-	
19	-	-	-	-	
20	5	3	2	10	Muito Bom
21	5	3	2	10	Muito Bom
22	5	3	2	10	Muito Bom
23	5	3	2	10	Muito Bom
24	5	3	2	10	Muito Bom
25	5	3	2	10	Muito Bom
26	0	3	2	7	Bom
27	5	3	2	10	Muito Bom
28	5	3	2	10	Muito Bom
29	-	-	-	-	
Média					

Observações: Positivas 

Negativas 

Faltou 

3.5.4. Descrição da grelha de avaliação

No primeiro parâmetro, a média da turma foi bastante agradável, pois apenas dois alunos não obtiveram cotação neste exercício.

No segundo e no terceiro, a taxa de sucesso foi excelente pois todos os alunos fizeram os exercícios como pedido.

É de referir que de todos os alunos que não realizaram a presente proposta de trabalho, apenas um faltou de facto à escola. Os outros encontravam-se no apoio.

3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico

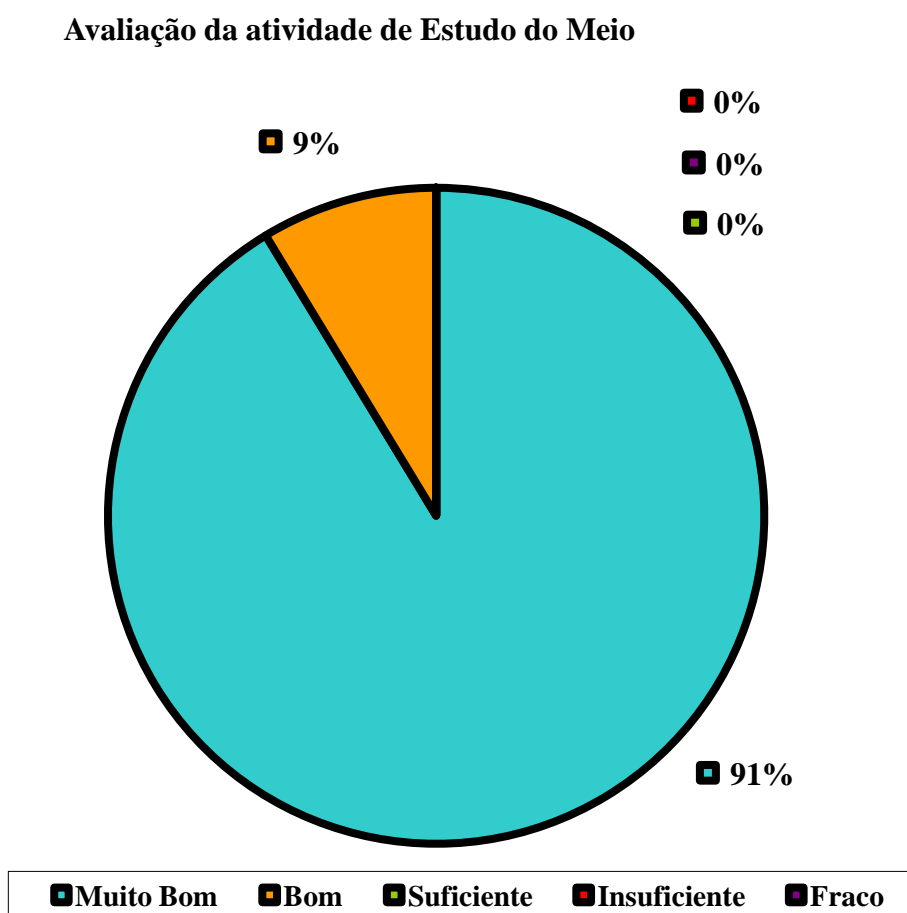


Figura 3 – Gráfico circular com os resultados obtidos na atividade anterior c)

3.5.6. Análise de gráfico

Após uma detalhada análise do gráfico, assim com da respetiva grelha de avaliação, é claro que os resultados foram positivos, e acima da média (entre o Bom e o Muito Bom), não havendo nenhum resultado negativo (Insuficiente e Fraco).

É também importante em referir que mais de metade da turma (91%) obteve a classificação mais alta.

Deste modo, posso finalizar dizendo que o conteúdo programático foi apreendido por todos os alunos desta turma.

3.6. Avaliação da atividade n.º 4

3.6.1. Enquadramento

A atividade n.º 4 é referente a uma aula de Matemática dada no 3.º semestre lecionada no dia 6 de novembro de 2012. Esta foi realizada pelos alunos do 3 ano da turma A com o objetivo de consolidarem os conhecimentos de uma aula dada no dia 30 de outubro do mesmo ano.

3.6.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

No exercício proposto os alunos tinham de medir alguns objetos e colocar o valor dessas mesmas medidas em centímetros. Depois, tinham de transformar esses valores para outras medidas de comprimento, nomeadamente: metro, decímetro e milímetro. Especificando os exercícios:

- Nesta ficha, os alunos com o auxílio de uma fita métrica tiveram de medir diversos objetos nomeadamente: o comprimento do quadro interativo, da janela, da folha do caderno, da borracha e de uma parte do corpo à escola. Depois da medição, os alunos apontaram as medidas em centímetros. O objetivo era transformar essas medidas para outras anteriormente ditas.

Quadro 18 – Tabela de parâmetros, critérios e cotações de dispositivo de avaliação de Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotações
Aplicação de conhecimentos utilizando a fita	Mede corretamente 5 objetos;	1	1
	Mede corretamente 4 objetos;	0,8	
	Mede corretamente 3 objetos;	0,6	
	Mede corretamente 2 objetos;	0,4	

métrica.	Mede corretamente 1 objeto;	0,2	
	Não mede corretamente nenhum objeto.	0	
Aplicação de medidas em centímetros.	Colocas todas as 5 medidas em centímetros;	3	3
	Coloca 4 medidas em centímetros;	2,5	
	Coloca 3 medidas em centímetros;	2	
	Coloca 2 medidas em centímetros;	1,5	
	Coloca 1 medidas em centímetros;	1	
	Não coloca medida alguma em centímetros.	0	
Transformação das medidas (centímetros para metro, decímetro e milímetro).	Transforma todas as 5 medidas corretamente;	6	6
	Transforma apenas 4 medidas corretamente;	5	
	Transforma apenas 3 medidas corretamente;	4	
	Transforma apenas 2 medidas corretamente;	3	
	Transforma apenas 1 medidas corretamente;	2	
	Não transforma nenhuma medida corretamente.	0	
		10 Valores	

3.6.3. Grelha de avaliação

Quadro 19 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática

Questões:	1	2	3	Total	Classificação
	1 Valor	3 Valores	6 Valores		
Número:					
1	-	-	-	-	
2	1	3	6	10	Muito Bom
3	1	2	5	8	Bom
4	1	2,5	6	9,5	Muito Bom
5	0,8	2	0	2,8	Fraco
6	0,8	2	5	7,8	Bom
7	-	-	-	-	
8	1	2	6	9	Muito Bom
9	1	2,5	6	9,5	Muito Bom
10	-	-	-	-	
11	1	3	5	9	Muito Bom

12	1	3	6	10	Muito Bom
13	1	1,5	3	5,5	Suficiente
14	1	1,5	4	6,5	Suficiente
15	0,8	2,5	6	9,3	Muito Bom
16	1	3	6	10	Muito Bom
17	0,8	1,5	6	8,3	Bom
18	1	1	5	7	Bom
19	-	-	-	-	
20	1	1,5	5	7,5	Bom
21	1	2	4	7	Bom
22	1	3	6	10	Muito Bom
23	1	3	6	10	Muito Bom
24	1	1	3	5	Suficiente
25	0,8	2	5	5,8	Suficiente
26	1	2	6	9	Muito Bom
27	1	2,5	5	8,5	Bom
28	0,8	1	4	5,8	Suficiente
Média					

Observações: Positivas



Negativas



Faltou



3.6.4. Descrição da grelha de avaliação

No primeiro parâmetro, a média da turma foi bastante agradável, dezassete alunos obtiveram a cotação máxima, tendo os outros alcançado 1,8 valores. Neste mesmo exercício a média foi positiva.

Relativamente ao segundo, seis alunos conseguiram realizar o pretendido. Outros alunos obtiveram apenas 2,5 por se esquecerem de mencionar a medida (cm) a seguir ao resultado das medidas. O resto da turma colocou algumas medidas bem, mas outras mal.

No último exercício, exercício com maior grau de dificuldade, apenas um aluno obteve negativa (zero valores). Onze alunos conseguiram realizar o

exercício sem falhas e o resto da turma, apesar de terem tido uma média positiva, erraram ao fazer algumas transformações.

No geral, apenas um aluno obteve classificação negativa, o que indica que a turma, no geral, conseguiu realizar esta ficha sem grandes dificuldades.

3.6.5. Apresentação dos resultados em gráfico

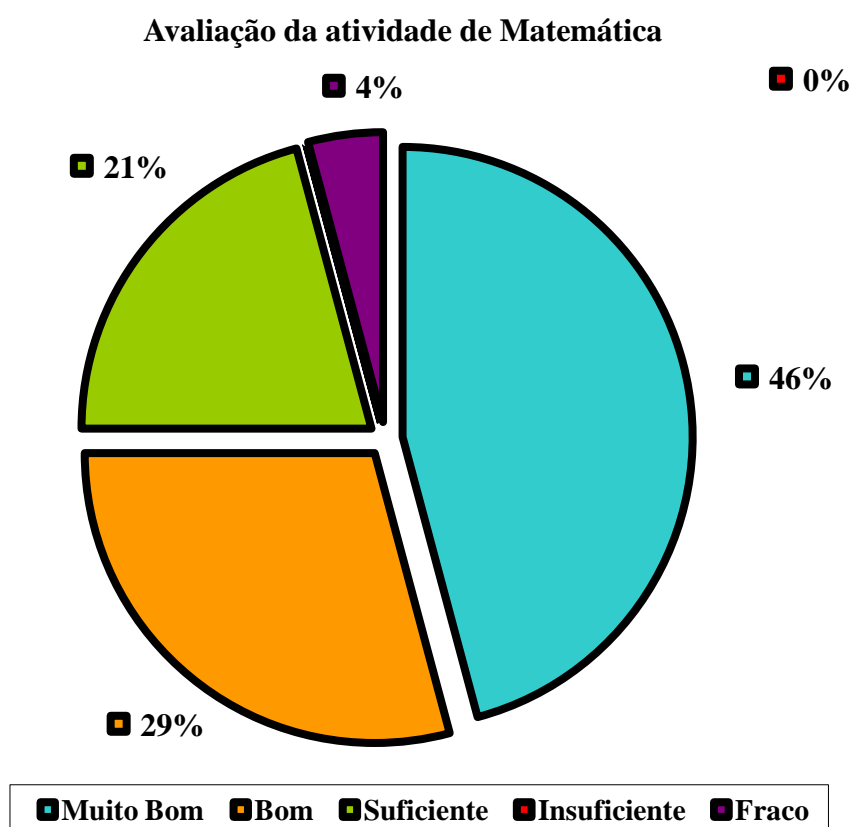


Figura 4 – Gráfico circular com os resultados obtidos na atividade anterior d)

3.6.6. Análise de gráfico

Após uma detalhada reflexão do gráfico assim com da respetiva grelha de avaliação podemos observar uma maior diversidade de resultados entre os

alunos. Da turma, 46% dos alunos obteve Muito Bom, 29% obtiveram Bom, e muito perto deste, com 21% ficaram os alunos com Suficiente. Nesta atividade, apesar de não termos tido nenhum aluno com a classificação de Insuficiente, existe um aluno que obteve Fraco (4%).

Deste modo, e para concluir, percebemos que alguns alunos depararam-se com mais dificuldades a realizar esta proposta de trabalho do que outros, devido à disparidade entre as notas. O grau de dificuldade da ficha explica também as razões para tal resultado. Contudo, a média continua positiva.

Reflexão Final

1. Considerações Finais

Este relatório foi realizado com o tema central “Estágio Profissional”. Durante três longos semestres tive de observar, escrever e investigar autores que fundamentassem o meu ponto de vista e tudo o que eu achei objecto de reflexão pertinente.

No decorrer de todo o meu percurso académico, tive a oportunidade de estar em contacto com a realidade educativa, o que considero um dos contributos mais válidos para a minha formação como educadora e professora conseguindo aliar a teoria apreendida na ESE à prática facilitando, desta forma, um melhor conhecimento da realidade educativa. Desta forma, tive uma maior (e melhor) preparação em todos os domínios e áreas, o que me tornará numa profissional mais apta para os desafios que o futuro me trará. O facto de ter estado em todas as faixas etárias também foi benéfico, pois cada criança e cada ano/grupo é diferente e eu, como futura docente, devo estar habilitada para encarar qualquer faixa etária. Algo que fui aprendendo com o tempo, é que cada turma/grupo é diferente e, que devo, planear as minhas aulas de acordo com as mesmas, desenvolvendo deste modo, estratégias que eu sei que resultarão com determinado turma/grupo. É por tudo isto, para mim, fulcral mencionar a importância que esta realidade teve na minha formação.

Este relatório é também um complemento importante para a minha formação, pois através dele tive de expor o meu dia-a-dia do estágio e fazer pesquisas que, de certa forma, me ajudaram a aprender mais sobre a minha futura profissão e sobre o meu público, as crianças.

Neste percurso, não posso deixar de falar o quanto foi importante trabalhar com as minhas colegas, pois com elas pude debater e avaliar o meu desempenho quer nos bons quer nos maus momentos. Ter partilhado esta experiência com uma colega de estágio foi por isso muito compensador. O trabalho em grupo foi um aspeto fundamental e crucial que me marcou ao longo de toda esta experiência.

Os diferentes educadores e professores permitiram-me também aprender diversos métodos de ensino e tornaram-me numa pessoa mais crítica e ponderada. Costa (2009) defende que:

a partilha pedagógica promove uma atitude de reflexão, o que constitui uma vantagem para o professor e para todo o processo de ensino-aprendizagem. A troca de ideias, de descobertas individuais e de opiniões sobre as práticas pedagógicas dos colegas conduzem a uma reflexão conjunta e individual sobre todos os instrumentos e situações partilhados. (p.37)

Não só os docentes da escola me fizeram crescer, as supervisoras da prática pedagógica também contribuíram para esse crescimento, prontificando-se sempre que necessário, para qualquer tipo de ajuda.

O estágio teve assim, um papel importantíssimo na minha vida académica. Severino (2007) considera que o estágio “deverá ser um processo de construção de conhecimento e de personalidade proporcionador de atitudes críticas, no contexto da realidade educativa, que não pode ser alheio a uma perspectiva de intervenção social.” (p. 40) Enquanto estagiária aprendi muito e, desejo ainda aprender mais.

Terminada esta etapa da minha vida e estando habilitada para as valências em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico interrogo-me várias vezes sobre para qual delas me sinto mais vocacionada, pois apesar de me sentir mais atraída pelo ensino Pré-Escolar, acabei por me “apaixonar” pelo 1.º Ciclo. Ainda assim, penso que estou preparada para qualquer uma delas e com muita vontade de começar um novo projeto.

2. Limitações

Ao concretizar este relatório deparei-me com algumas limitações, que não me impediram de o realizar. Como durante o período de estágio mantinha as aulas na ESE, tornava-se difícil, para mim, arranjar tempo para realizar este relatório e para entregar os trabalhos aos professores da Escola Superior. Outro fator foi a escassez de livros na biblioteca da escola e o facto de só podermos requisitar quatro livros. O facto de os livros serem antigos também tornou as pesquisas mais limitadas. Seria bom se a biblioteca fosse mais actual.

Sendo atleta de alta competição, o tempo também não era muito para a concretização deste relatório e, como tal, acabei por no último semestre deixar de competir para me dedicar a 100% à finalização do mesmo.

A limitação maior foi, sem dúvida, o tempo para a elaboração deste relatório.

3. Novas Pesquisas

Ao longo da concretização deste relatório e durante o estágio profissional apercebi-me de que esta área está em constante mudança e desenvolvimento, sendo por isso fundamental para o meu futuro realizar várias ações de formação.

O gosto pelo desporto e pela música faz com que sinta a necessidade de me querer envolver em projetos ligados a estas áreas e, desta forma, não entrar em rotina enquanto estiver no “terreno”. Acho que, quer o desporto quer a música podem ser duas ferramentas importantes para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos.

Pretendo também tirar um curso em primeiros socorros, pois acho que é fundamental termos os conhecimentos mínimos para que, em situações mais graves possamos atuar convenientemente.

Apesar de ter concluído uma importante etapa na minha formação, não faz parte dos meus planos permanecer “parada”. Irei investir na minha educação sempre que me for permitido.

Referências Bibliográficas

- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância, actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo. Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- André, H. A. (1986). *A prática da redação em grupo*. São Paulo: Editora Moderna.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica – Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Altet, M. (2000). *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*. Porto: Porto Editora.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos. Para crianças dos 6 aos 12 anos*. Porto: Porto Editora.
- Alves, C. e Morais, C. (2006). *Recursos de apoio ao processo de ensino e aprendizagem da matemática*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação – Secção de Educação Matemática.
- Alves, M. P. C. (2002). *A avaliação e o desenvolvimento profissional dos professores. Currículos, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Porto Editora.
- Amado, J. S. e Freire, I. P. (2002). *Indisciplina e violência na escola. Prática Guias Práticos*. Porto: Edições ASA.

- Amaral, S. B. M. (2004). *Expressão musical: significados e significantes. Perspetiva vivencial no Jardim de Infância*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Antunes, A. e Almeida, I. (2002). *Educação Musical. Da teoria à prática*. Leiria: Escola Superior de Educação.
- Antunes, C. (2007). *Professores e professauros. Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. Editora: Vozes Petrópolis Rio de Janeiro.
- Aranão, I. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. Campinas: Paripus.
- Arens, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: MC Graw-Hill.
- Arends, R. (1999). *Aprender a ensinar*. Lisboa: MC Graw-Hill.
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: MC Graw-Hill.
- Baruk, S. (1996). *Insucesso e matemáticas*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Belchior, M. (2004). *Desenvolvimento profissional e aprendizagem dos professores do 1.º C. E. B.* Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Bento, J. O. (1994). *Profissionalidade pedagógica e formação de professores*. In: O professor, n.º 36 (3ª série). janeiro- fevereiro.
- Blanchard, D. (2000). *Desenhos e recortes*. Paris: Editions Fleurus.
- Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma pratica educativa na*

escola Superior de Educação João de Deus. Dissertação de Doutoramento Inédita. Málaga: Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

- Braga, F. (2004). *Planificação novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Braga, F., Vilas-Boas, F. M., e Alves, M. E. M., Freitas, M. J. e Leite, C. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Brazelton, T. B. e Sparrow, J. D. (2003) *A criança dos 3 aos 6 anos*. O desenvolvimento emocional e do comportamento. Lisboa: Editorial Presença.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. (2009). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Dissertação de doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Cardona, M. et al. (2008). *Aprender e ensinar no jardim-de-infância e na escola*. Chamusca: Edições COSMOS.
- Cardoso, C. e Valsassina, M. M. (1988). *Arte infantil linguagem plástica*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.
- Campagnolo, H. (1979). *João de Deus. Pedagogo moderno*. Edição: Museu João de Deus Lisboa.
- Charpak, G. (1997). *As ciências naturais na escola primária*. Lisboa: Editorial Inquérito.

- Condemarin, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Livraria Aurora.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. (4.^a ed.) Lisboa: A esfera dos livros.
- Correia, M. M. P. R. K. S. (2012). *Integração dos recursos educativos digitais no 1.º ciclo do ensino básico: uma realidade ou uma utopia*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Cortesão, L., Amaral, M. T., Carvalho, M. L., Casanova, M. J., Lopes, P., Monteiro, E., Ortet, M. J. e Pestana, M. I. (1995). *E agora tu dizias que ... Jogos e brincadeiras como dispositivos pedagógicos*. Porto: Edições Afrontamento.
- Costa, I. A. e Baganha, F. (1989). *O Fantoche que ajuda a crescer. Clube do Professos*. Colecção Práticas Pedagógicas. Porto: Edições ASA.
- Costa, H. F. C. S. (2009). *O supervisor e o desenvolvimento de uma prática pedagógica partilhada*. Dissertação de Mestrado da Universidade Aberta.
- Cunha, D. P. (1996). *Ética e educação*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Davies, D., Marques, R. e Silva, P. (1993). *Os professores e as famílias. A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Desmond, M. (2011). *O desenvolvimento da criança*. (1.^a ed.) Lisboa: Arte Plural Edições: Círculo Leitores.

- Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lousã: Associação de Jardins Escolas João de Deus.

- Durão, R. L. S. (2010). *Acolhimento aos alunos estagiários da formação inicial: uma proposta de acolhimento e integração*. Dissertação de Mestrado Inédita. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Dutschke, M. S. B. (2009). *A importância da participação dos pais na escola: proposta de um modelo efectivo de participação dos pais*. Dissertação de Mestrado Inédita. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Estanqueiro, A. (2012). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Barcarena: Editorial Presença.

- Estrela, A. (1990). *Teoria e prática de observação de classes – Uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

- Flores, M. A., e Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: Contextos e perspectivas*. Edições Pedalço, Lda.

- Fonseca, F. I., Santos, A., Vilela, G., Duarte, I. M., Cabral, M., Santos, O. e Figueiredo, O. (1994). *Pedagogia da escrita. Perspectivas*. Porto: Porto Editora.

- Galvão, C. e Santos, R. e Lopes, V. e Pereira, B. (2012). *A importância do recreio escolar na atividade física das crianças*. In I, Condessa. B, Pereira e G. Carvalho. (coord.). *Atividade física, saúde e lazer. Educar e formar*. Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança.

- Garcia, S. F. A. (2012). *A comunicação na supervisão dos professores: contributos para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos estagiários*. Dissertação de Mestrado Inédita. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Godinho, J. C. e Nunes de Brito, M. J. (2010). *As artes no jardim de infância. Texto de apoio para educadores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ignácio, R. K. (1993). “*O dia-a-dia das creches e jardim-de-infância*”. *Projecto criança querida*. Editora: Associação Comunitária Monte Azul.
- Jorge, V. (2010). *Falar e ler para encantar*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Leal, F. (2007). *Introdução. In Leitura(s)*. Porto: Setepés.
- Leão, M e Filipe, H. (2005). *70+70 Propostas de escrita lúdica*. Porto: Porto Editora.
- Lefèvre, L. (1972) *O professor, observador e actor*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Lopes, J. L. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardins-de-infância. Manual de actividades*. Lisboa: Edições ASA.
- Ludke, M. e André, M. (2008). *Pesquisas em educação – Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

- Marinha, M. I. S. (1989). *A família na educação da criança*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V. e Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de Professores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Martins, M. E. G., Laura, L. C. C. e Mendes, M. F. (2007). *Análise de dados. Texto de apoio para professores do 1.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mialaret, G. (1975). *A aprendizagem da matemática*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Ministério da Educação. (1992). *Avaliar é aprender. O novo sistema de avaliação*. Lisboa: Autor.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Autor.
- Ministério da Educação. (1999). *A sociedade da informação na escola*. Lisboa: Autor.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização curricular e programas do ensino básico – 1.º ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2006). *Organização curricular e programas ensino básico -1.º ciclo*. Mem Martins: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2006). *Programas do 1.º Ciclo do ensino básico*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

- Moreia, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Morgado, L. M. A. (1993). *O ensino da aritmética – Perspectiva construtivista*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Moutinho, J. V e Santos, F. (s.d). *O livrinho das lengalengas*. Lisboa: Edições ASA.
- Nabais, J. A. (S/D). *O Ensino da Matemática*. Cadernos de Psicológica e de Pedagogia. *Revista de Ciências da Educação* 5.
- Neto, C. (2009). Brincar, um contexto para a criança se desenvolver e aprender? In I, Condessa. (Org.). *(Re)aprender a brincar – Da especificidade à diversidade*. Ponta Delgada: Nova Gráfica.
- Neves, M. A. F. (s.d.) *Jogos lógico matemáticos II – Tangram*. Curso de Complemento de Formação em Educação Infantil. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Niza, I. e Soares, J. L. (1997). *Desenvolver a linguagem escrita*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Oliveira, Z. M., Mello, A. M., Vitória, T. e Ferreira, M. C. R. (1992). *Creches – Crianças, faz de conta & cia*. 7.^a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, Lda.
- Pacheco, J. A., Paraskeva, J. M. e Silva, A. M. (1998). *Reflexão e inovação Curricular*. Braga: Universidade do Minho
- Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação: uma prática diária*. Coleção: Ensinar e Aprender. Lisboa: Editorial Presença.

- Palhares, P. e Gomes, A. (2006). *Desafios para um novo rumo*. Braga: IEC –UM.
- Papalia, D. E e Olds, S. W. e Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: Mc Graw-Hill.
- Paulus, P. (1998). *Explorar o material cuisenaire*. Carnaxide: Sem Editora.
- Pedro, E. R. (1992). *O Discurso na Aula. Uma análise sociolinguística da prática escolar em Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Peres, J. A. (1984). *Elementos para uma gramática nova*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Pérez, M. R. (s. d). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pérez, M. R. e Lopez, E. D. (2000). *Los valores como tonalidades afectivas de los métodos y no como ejes transversales de los sentidos*. Buenos Aires: Novedades Educativas.
- Piaget, J. (1975). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Picanço, A. L. B. (2012). *A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pombo, O. e Guimarães, H. M. e Levy, T. (1994). *A Interdisciplinaridade. Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editores.

- Ponte, J. P e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Estudar a aprender história*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Postic, M. (s.d). *A relação pedagógica*. Coleção Psicopedagogia. Coimbra: Editora LDA.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender história*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. e Campenhouda, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Quivy, R. e Campenould, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rabinovick, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil. formação e experiência profissional*. São Paulo: Phorte Editora.
- Rebelo, D. e Atalaia, L. (2000). *Para o ensino e aprendizagem da língua materna*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Recasens, M. (1990). *Como jogar com a linguagem*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Reis, C. e Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do português*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Reis, C. (2008). *Programas do português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ribeiro, A. e Ribeiro, L. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, L. (1997). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editores.
- Rodrigues, D. D. (2002). *A Infância da arte, a arte da infância*. Porto: Edições ASA.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Santos, F. (1985). *Avaliação de conhecimentos*. Lisboa: Editorial Inquérito, LDA.
- Sêco, J. (1997). *Chamados pelo nome, da importância da afectividade na educação da adolescência*. Lisboa: Instituto da Inovação Educacional.
- Serrazina, L. e Matos, J. M. (1998). *O geoplano na sala de aula*. Edição Revista Lisboa: Associação Portuguesa de Matemática.
- Serrazina, L. e Ferreira, E. (2009). *Desenvolvendo o sentido do número. Perspectivas e exigências curriculares. Materiais para o educador e para o professor do 1.º Ciclo*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Lisboa: Edições ASA.
- Smith, F. (1989). *Compreendendo a leitura. Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sousa, A.B. (1979). *A dança educativa na escola*. Lisboa: Básica Editora.
- Sousa, A. B. (1980). *Expressão dramática*. Lisboa: Básica Editora.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, L. D. (1993). *A interpretação de textos nas aulas de Português*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Spodeck, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: ArtMed.
- Teberosky, A. e Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – Uma Proposta Construtiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Tendbrink, T. D. (2002). *Evaluación guía práctica para profesores*. Madrid: Narcea, S.
- Vieira, F. (1993). *Supervisão – Uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Zalbaza, M. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Lisboa: Edições ASA.

- Zalbaza, M. A. (1998). *A qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Legislação:

- Despacho Normativo n.º 338/93, de 29 de agosto.
- Circular n.º 17/2007.

Webgrafia:

- António, M. (2012). Recuperado em 2012, julho 31, de http://www.superinfancia.com.br/site/artigos/artigo.php?art_codigo=3
- Galveias, M. F. (2008). *Prática Pedagógica: Cenário de Formação Profissional*. Recuperado em 2011, dezembro 21, de <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1%281%29.pdf>
- Lopes, M. J. (2012). *Pais e investigadores dividem-se quanto à importância dos TPC*. Recuperado em 2013, abril 12, de <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/pais-e-investigadores-dividemse-quanto-a-importancia-dos-tpc-1541238>
- Maria, M. (2008). *A importância do ensino da poesia na escola*. Recuperado em 2012, julho 30, de <http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/974464>
- Mazita, M. (2008). Recuperado em 2012, abril 10, de <http://pt.scribd.com/doc/2197414/planificar>
- Oliveira, N. (2012). *A importância de saber contar histórias na educação infantil*. Recuperado em 2012, julho 30, de

<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/a-importancia-do-saber-contar-historias-na-educacao-infantil-5643606.html>

- Silva, M. C. (2009). *Comportamentos de autonomia nos anos pré-escolares na transição para a escolaridade obrigatória*. Recuperado em 2012, julho 28, de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2143/1/22269_ulfp034848_tm.pdf
- Souza, R. J. (2003). Recuperado em 2012, maio 21, de <http://www.qdivertido.com.br/verartigo.php?codigo=24>
- Teles, M e Fonte, A. (2009). Recuperado em 2013, abril 12, de <http://pnepabraveses.files.wordpress.com/2011/09/corpustextual.pdf>

Anexos

Domínio da Linguagem Escrita

1. Circunda apenas as vogais, com uma cor à tua escolha, das palavras abaixo.

- 1.1. Estabelece a ligação entre as palavras e a imagem correspondente.

AMARELO

AZUL

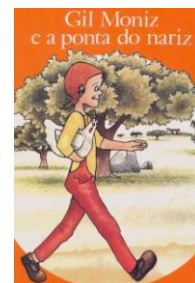
PRETO

VERDE



Nome: _____

Data: _____



Domínio da Linguagem Oral e Escrita

1. Dentro do envelope retira a palavra e cola-a no retângulo abaixo. Em seguida, com as letras móveis constrói a palavra que te saiu.

2. De acordo com a história “Gil Moniz e a Ponta do Nariz”, realiza um desenha sobre a personagem que te calhou.









Nome: _____ Data: _____

Proposta de trabalho realizado pela estagiária: Inês da Rocha Esteves



Ficha Informativa de Estudo do Meio

1. Cola as amostras de folhas no sítio correto, consoante a espécie de folha que cada árvore possui.






	Caducas	Persistentes
Castanheiro 		
Eucalipto 		
Carvalho 		
Videira 		
Limoeiro 		
Pereira 		
Oliveira 		
Sobreiro 		

Nome: _____

Data: _____

MATEMÁTICA

1. Agora que já conheces as medidas de comprimento, junta-te ao teu grupo e em conjunto meçam com a régua os objetos que encontras na tabela abaixo:

<i>Objetos:</i>	<i>Medidas de Comprimento</i>			
	Metro	Decímetro	Centímetro	Milímetro
				
				
				
				
				

Nome: _____

Data: _____